

FLÁVIA DE FREITAS BERTO

Kania ipewapewa: estudo do léxico juruna sobre a
avifauna



ARARAQUARA – S.P.
2013

FLÁVIA DE FREITAS BERTO

Kania ipewapewa: estudo do léxico juruna sobre a avifauna

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para o exame de defesa.

Linha de pesquisa: Estudos do léxico

Orientador: Cristina Martins Fargetti

Bolsa: FAPESP

ARARAQUARA – S.P.
2013

Berto, Flávia de Freitas

Kania ipewapewa: estudo do léxico juruna sobre a
avifauna / Flávia de Freitas Berto – 2013

157 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de
Araraquara)

1 Orientador: Cristina Martins Fargetti

1. Lexicologia. 2. Formação de palavras. 3. Avifauna.
4. Classificação etnobiológica. 5. Língua Juruna. I. Título.

KANIA IPEWAPEWA: estudo do léxico juruna sobre a avifauna

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para o exame de defesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico
Orientador: Cristina Martins Fargetti
Bolsa: FAPESP

Data da defesa: 28/02/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Cristina Martins Fargetti, Doutora.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular:

Angel Humberto Corbera Mori, Doutor.

Universidade Estadual de Campinas

Membro Titular:

Rosane de Andrade Berlinck, Doutora.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À Regina Célia de Freitas Berto e a todos os Juruna, meus grandes professores.

AGRADECIMENTOS

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento de minha pesquisa de mestrado (Bolsa de Mestrado, processo 2010/13623-8).

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao convênio firmado entre ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e UNESP (Universidade Estadual Paulista), pelo auxílio à viagem e permanência em campo.

Ao ISA (Instituto Socioambiental), na pessoa de Paulo Junqueira, pelo auxílio à ida para a aldeia.

À minha orientadora Cristina Martins Fargetti por seu trabalho dedicado e pelo empenho em viabilizar projetos que proporcionam uma melhor formação de seus alunos e de membros do povo Juruna, bem como o desenvolvimento de materiais que documentam sua língua e cultura. Expresso aqui minha gratidão pela oportunidade oferecida de conhecer e realizar essa pesquisa entre os Juruna.

À professora Lucy Seki pelos valiosos conselhos fornecidos nas mais variadas ocasiões, seja em conversas informais ou durante suas aulas e conferências.

Ao professor Angel Humberto Corbera Mori pela generosa contribuição a este trabalho, pelas referências bibliográficas apontadas e pelas ótimas aulas ministradas.

Ao professor Bento Carlos Dias da Silva pelas críticas e sugestões a esta pesquisa, o que proporcionou o surgimento de novas questões durante a realização deste trabalho.

À professora Rosane de Andrade Berlinck pela leitura atenta da dissertação e sugestões sobre uma melhor articulação do conteúdo e da escrita deste trabalho.

Aos professores Mônica Veloso Borges e Luiz Carlos Cagliari por aceitarem participar de minha banca como suplentes.

Às professoras Angélica Terezinha Carmo Rodrigues e Maria Helena de Moura Neves pelas ótimas disciplinas ministradas durante o curso de mestrado.

Aos professores do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista do Campus de Araraquara.

Aos funcionários da Biblioteca e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL-Ar pelo suporte à pesquisa realizada.

Aos professores Sônia Faustino e Manoel Silva e às bibliotecárias Eunice e Lurdinha por me incentivarem a estudar e possibilitarem o acesso a livros e jornais que me despertaram o interesse pela leitura.

Aos meus colegas linguistas Adriana Postigo, Alexandre Trindade, Betânia Barros, Camila Alves, Caroline de Oliveira, Denise Silva, Eclenir da Silva, Fernanda Mistieri, Ivana Ivo, Juliana dos Santos, Lúgia Moscardini, Mateus Carvalho, Mônica da Cruz, Nayara Camargo, Pablo Alegre, Priscila Ishy, Priscilla Sumaio, Solange Gonçalves, Paola Cúneo, Rajabo Abdula e Raphael Barbosa pelo apoio e contribuição à pesquisa e à minha formação pessoal e acadêmica.

Aos amigos Alessandra Baschiera, Beatriz Maciel, Fabíola de Souza, Giovana Pomin, Jacqueline Cidreira, Juci Fernandes, Leonardo Vivaldo, Gustavo Micheletti, Pedro Cheliz, Priscila de Oliveira, Rodrigo Alves, Suelen Leal, Sueli Lopes, Tássia Rومانne, Thiago Jerônimo, Terezinha Moraes e Tauane Moraes pelo apoio de sempre e por todos os momentos compartilhados.

Ao Tarinu, Tahurimã, Tawaiaku, Txapin, Mawaré, Yabaiwa, Karin, Tininĩ, à Nuyã e a todos os Juruna que sempre me receberam tão bem na aldeia e tanto me ensinaram. Sou infinitamente grata a todos os Juruna do Parque Indígena do Xingu pela amizade, entusiasmo e colaboração com este trabalho.

À minha família, principalmente à minha mãe, Regina, meu grande exemplo, ao meu pai, Flávio, e à minha irmã, Carine, pelo apoio irrestrito.

Ao meu grande companheiro, Guilherme, por estar sempre comigo e me motivar a seguir.

Os desenhos que ilustram seis seções deste trabalho foram gentilmente cedidos pelo amigo Tawaiaku Juruna.

Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triztriz
Risca certaíra
Meio a meio o rio ri
Silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira

Água da palavra
Água calada, pura
Água da palavra
Água de rosa dura
Proa da palavra
Duro silêncio, nosso pai

Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri
Por entre as árvores da vida
O rio riu, ri
Por sob a risca da canoa
O rio riu, ri
O que ninguém jamais olvida
Ouvi, ouvi, ouvi
A voz das águas

Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
Tora da palavra
Rio, pau enorme, nosso pai

(VELOSO, C.; NASCIMENTO, M., 1992)

RESUMO

Essa dissertação apresenta um estudo do léxico sobre os nomes para as aves em Juruna (família Juruna, tronco tupi), a partir da coleta de dados em campo e pesquisa participativa de base etnográfica, com vistas à aplicação em um estudo lexicográfico, que prevê a elaboração de um dicionário juruna-português. Apresentamos uma discussão sobre os nomes em Juruna, com destaque para os nomes para partes do corpo das aves e os vocativos de criação. Discutimos também o processo de formação de palavras relacionadas às aves em Juruna, analisando a formação de nomes compostos e o marcador de posse *maka*, que mais do que um constituinte dos compostos genitivos indica uma relação de significado amplo entre os Juruna e os animais. Por fim, discutimos o sistema de classificação etnobiológica e os processos de categorização dos Juruna em relação à avifauna, destacando a importância da cosmologia e das relações cotidianas entre as pessoas e as aves para a compreensão do seu sistema classificatório.

Palavras-chave: Lexicologia. Formação de palavras. Classificação etnobiológica. Língua Juruna. Avifauna.

ABSTRACT

This work presents a study of the lexicon of bird names in Juruna (Juruna family, Tupi branch) aiming a lexicographic application, the production of a Juruna-Portuguese dictionary. The data presented here were collected from fieldwork and participative ethnographic work. We present a discussion about the nouns in Juruna, mainly the names of parts of the body of birds and pet vocatives. We also discuss the process of word formation in the lexicon of words concerning birds in Juruna, analyzing the formation of compound nouns and the marker of possession *maka*, which rather indicates a relation of broad significance between human beings and animals than just constitutes genitive compounds. Finally, we discuss the Juruna ethnobiological system of classification and the Juruna's processes of categorization concerning the avifauna, highlighting the significance of cosmology and daily relations between people and birds in order to understand that classificatory system.

Keywords: Lexicology. Word formation. Ethnobiological classification. Juruna language. Avifauna.

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 Desenho da aldeia dos urubus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Lista inicial contendo os nomes populares em português.

Figura 2 Ilustração, nome popular, classificação científica, descrição e vocalização da ave.

LISTA DE FOTOS

- Foto 1** Trabalho com as fichas de identificação em uma das salas da escola juruna.
- Foto 2** Barranqueiro-de-olho-branco (*Automolus leucophthalmus*, Wied, 1821) sendo medido com o auxílio de paquímetro.
- Foto 3** Aldeia Tubatuba vista do rio Xingu (2011).
- Foto 4** Vista da aldeia Maitxiri, com o seu pequiá (*Caryocar villosum*, Pers., 1806) (2008).
- Foto 5** Os Juruna da aldeia Tubatuba/ Maitxiri se despedem da nossa equipe (2011).
- Foto 6** Primeiro trabalho de coleta de nomes para aves. Foto por Cristina M. Fargetti (2008).
- Foto 7** Trabalho desenvolvido junto a Tarinu Juruna, utilizando as fichas de identificação.
- Foto 8** Tawaiako Juruna, desenhista e professor que nos auxilia na transcrição dos dados, tocando para o seu filho no refeitório da aldeia, (2012).
- Foto 9** Anta abatida por Tahurimã Juruna em uma de nossas incursões à mata, (2009).
- Foto 10** Cerâmica zoomórfica produzida pelas mulheres Juruna.
- Foto 11** Criança com o seu animal de estimação: *kirikiri*, Periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*, Vieillot, 1818).
- Foto 12** Ave criada por Kuxinalu Juruna: meti, Garça-real (*Pilherodius pileatus*, Boddaert, 1783). Seu nome de criação é nunu, (2011).
- Foto 13** Filho de Tarinu utilizando o cocar de urubu confeccionado pelo pai, (2011).
- Foto 14** Criança utilizando colar confeccionado com a traquéia de xuruku (Socó-boi, *Tigrisoma lineatum*, Boddaert, 1783), (2012).
- Foto 15** Criança com seu animal de estimação: aupa adaka, Papagaio-campeiro (*Amazona ochrocephala*, Gmelin, 1788), (2012).
- Foto 16** Criança com sua ave de estimação: zarakĩ, Curica (*Amazona amazonica*, Linnaeus, 1766), (2012).
- Foto 17** Xotã preparando o lahu, mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*, Spix,

1825), que havia sido caçado pelos homens. Acampamento no Pará, (2012).

Foto 18 Criança juruna exibindo uma pena de lahu, utilizada para a confecção de flechas, (2012).

Foto 19 Professores e alunos juruna que participaram das oficinas realizadas em 2011.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** Características formais de vocativos para aves em Juruna
- Gráfico 2** Representação das cinco categorias taxonômicas etnobiológicas consideradas universais e seus níveis hierárquicos relativos em uma taxonomia idealizada.

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1** Mapa mostrando as aldeias e os Postos Indígenas de Vigilância (PIV) onde vivem os Yudja/ Juruna. Material cedido pelo Instituto Socioambiental em fevereiro de 2013.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados demográficos sobre os Juruna em referências bibliográficas.
Tabela 2	Alfabeto utilizado na escrita da língua juruna e seus fonemas correspondentes (FARGETTI, 2007, p.53)
Tabela 3	Exemplo de ficha para sistematização e análise dos dados coletados
Tabela 4	Clíticos divididos em duas séries formais. Fonte: Fargetti, 2001, p. 146
Tabela 5	Partes do corpo relacionadas à cabeça da ave.
Tabela 6	Partes do corpo relacionadas ao tronco das aves.
Tabela 7	Partes do corpo relacionadas às penas das aves.
Tabela 8	Partes do corpo relacionadas aos membros inferiores das aves.
Tabela 9	Partes do corpo relacionadas ao sistema digestório, respiratório, urogenital e ósseo das aves
Tabela 10	Nomes de criação para as aves em Juruna.
Tabela 11	Traços semânticos que caracterizam aves, morcegos e insetos em Juruna
Tabela 12	Nível genérico <i>aberi</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 13	Nível genérico <i>apika</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 14	Nível genérico <i>adura</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 15	Nível genérico <i>aurupadaka</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 16	Nível genérico <i>ekũ</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 17	Nível genérico <i>urũ</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.
Tabela 18	Nível genérico <i>uxixi</i> e seus correspondentes na nomenclatura científica.

Tabela 19 Nível genérico *ware* e seus correspondentes na nomenclatura científica.

Tabela 20 Nível genérico *yadadarĩ* e seus correspondentes na nomenclatura científica.

Tabela 21 Nível genérico *yakurixi* e seus correspondentes na nomenclatura científica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1 p incl	1ª pessoa do plural inclusiva
3s	3ª pessoa do singular
ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
ASP	Aspecto
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAUS	Causativo
CBRO	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
LOC	Locativo
MDT	<i>Morphological Doubling Theory</i>
N	Nome
NMLZ	Nominalizador
IPA	<i>International Phonetic Alphabet</i>
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA	Instituto Socioambiental
IRR	<i>Irrealis</i>
P.I.V.	Posto Indígena de Vigilância
PIX	Parque Indígena do Xingu
RED	Reduplicação
REGUA	Reserva Ecológica de Guapiaçu
SN	Sintagma Nominal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 OS JURUNA DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU (PIX)	4
2.1 Breve histórico sobre os Juruna	4
2.2 A língua juruna	7
2.2.1 Traços tipológicos da língua juruna	9
3 MATERIAS E MÉTODOS	13
3.1 Breve histórico sobre a coleta de dados	13
3.2 Materiais utilizados e metodologia	18
3.3 A Ornitologia e o conhecimento indígena sobre as aves	23
3.4 Sistematização e análise dos dados	26
4 AS AVES NA COSMOLOGIA JURUNA	29
4.1. Histórias de Selã'ã	31
4.2 O que os Juruna aprenderam com as aves	34
4.3 Aves com histórias	35
5 OS NOMES EM JURUNA	40
5.1 Categoria de posse	41
5.2 <i>Maka</i>	51
5.2.1 A domesticação de animais nas terras baixas da América do Sul	53
5.2.2 Os animais e seus donos	57
5.2.3 Os animais criados pelos Juruna	59
5.2.4 Nomes referenciais e vocativos	61
6 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS NOMES PARA AVES EM JURUNA	74
6.1 Afixação	74
6.2 Simbolismo sonoro imitativo	77
6.3 Composição	80
6.3.1 Classificação dos compostos de acordo com a estrutura morfossintática	82
6.3.1.1 Compostos genitivos: Nome + Nome	82
6.3.1.2 Composto atributivo	84

6.3.1.3 Cláusula relativa	86
7 CLASSIFICAÇÃO ETNOBIOLÓGICA JURUNA DA AVIFAUNA	89
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – NOMES EM JURUNA PARA PARTES DO CORPO DAS AVES	107
APÊNDICE B – NOMES DE AVES PROTOTÍPICAS	112
ANEXO A – MAPA DO PIX	126
ANEXO B – FOTOS DO TRABALHO DE CAMPO REALIZADO NA ALDEIA TUBATUBA	127
ANEXO C – DESENHO DA ALDEIA DOS URUBUS	136

1. Introdução

O presente estudo traz uma análise lexicológica dos nomes para aves em Juruna, com vistas à aplicação em um estudo lexicográfico, que prevê a elaboração de um dicionário juruna-português. Os resultados baseiam-se em coleta de dados em campo e em pesquisa participativa de base etnográfica.

Fleck (2007) propõe, a partir de seu trabalho com os Matsés, grupo pertencente à família pano, uma metodologia para a coleta de nomes de plantas e animais de línguas pouco conhecidas, e apresenta algumas dicas práticas para associar esses nomes às designações científicas, com vistas ao trabalho lexicográfico. Segundo ele, o inventário composto pelo léxico biológico de uma língua compõe uma parte substancial das entradas de um dicionário. Dessa maneira, é necessário um trabalho de pesquisa que utilize métodos eficientes de coleta e aportes teóricos que permitam uma análise morfológica e semântica desses zoônimos e fitônimos, bem como a compreensão do sistema de classificação do mundo natural de cada povo, para que esses nomes sejam lematizados adequadamente.

As pesquisas que partem do estudo do léxico biológico permitem o conhecimento dos processos de criação de palavras a partir de aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais já existentes na língua. Assim, é possível analisar alguns recursos fonológicos – como a utilização de onomatopeias (simbolismo sonoro imitativo) no processo de formação do léxico; morfológicos, utilização de afixos, reduplicação, entre outros; e morfossintáticos – por meio da discussão sobre os compostos. Por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, o aspecto semântico também é relevante, uma vez que permite estudar as relações de sentido presentes nos nomes que compõem o léxico biológico.

Porém, um estudo confiável só é possível por meio do trabalho transdisciplinar que, além da Linguística, inclua a Biologia e a Antropologia. Foi esse trabalho que procuramos realizar durante a pesquisa, que tem como resultado esta dissertação.

Esta dissertação está organizada em sete seções: Introdução, em que são apresentados os objetivos gerais deste trabalho; Seção 2, em que apresentamos

um histórico sobre a etnia juruna e informações tipológicas sobre a língua juruna, relevantes para a compreensão do trabalho realizado; Seção 3, em que são discutidos de maneira detalhada o histórico de coleta e a metodologia utilizada no trabalho de identificação e análise dos nomes para aves em Juruna; a relação entre os Juruna e a avifauna permeia toda a dissertação, mas na Seção 4, selecionamos alguns mitos e histórias que evidenciam a relevância das aves na cosmologia juruna; Seção 5, em que apresentamos uma discussão sobre os nomes em Juruna, os elementos que indicam posse, realizando, assim, uma análise dos nomes relacionados às partes do corpo das aves e dos vocativos de criação; Seção 6, em que analisamos os processos de formação dos nomes para aves em Juruna; Seção 7, em que discutimos a classificação etnobiológica e o processo de categorização das aves em Juruna; e a Seção 8, em que apresentamos as considerações finais e os possíveis desdobramentos deste trabalho.



Xarakū. Frango-d'água-azul, *Porphyrio Martinica* (Linnaeus, 1766). [Tawaiaku Juruna, lápis aquaralável e grafite, 210 x 297 mm, 2012.]

2. Os Juruna do Parque Indígena do Xingu (PIX)

Estimados em 348 pessoas (UNIFESP)¹, os Juruna que vivem no Parque Indígena do Xingu, localizado no Estado do Mato Grosso, habitam sete aldeias (Tubatuba, Maitxiri, Pequizal, Pakisamba², Pakayá, Pakajá e Mupadá) e dois Postos Indígenas de Vigilância (P.I.V. Diauarum e P.I.V. Piaraçu).

Os trabalhos de campo foram realizados em julho de 2008 e de 2009, em setembro de 2011, e em abril e maio de 2012 na aldeia Tubatuba, próxima à foz do rio Manitsawá-Missu (ao sul da aldeia), e à rodovia BR-80 (ao norte da aldeia). Próxima à Tubatuba está a aldeia Maitxiri, construída pelos Juruna após o projeto do governo do estado do Mato Grosso de construção da escola de alvenaria e casas de madeira no local onde ficavam as casas tradicionais em Tubatuba (semicircular e às margens do rio Xingu). Maitxiri é uma aldeia circular e está um pouco mais distante do rio Xingu (Cf. Mapa 1).

Segundo Lima (1995), o território atual dos Juruna se estende por onde os *urahai*, “os antigos juruna”, navegaram, a saber, desde a Volta Grande do Xingu até a confluência dos formadores desse rio. A circulação dos Juruna por esse espaço ficou cada vez mais limitada, primeiramente, pelas terras que foram ocupadas pelos não-índios, depois pela perda de território para os Kayapó, e, finalmente, pela delimitação do Parque Indígena do Xingu, em 1961.

2.1. Breve histórico sobre os Juruna

O etnônimo Juruna, que também é registrado na literatura como *Yuruna*, *Iuruna*, *Juruûna*, *Juruhuna* ou *Geruna*, tem sua origem, segundo Nimuendaju (1948, p.218), no “tupi-guarani” (*yuru*, ‘boca’, e *una* ‘preta’), referindo-se à listra preta pintada verticalmente da testa ao lábio superior, rodeando a boca, marca pela qual o grupo era reconhecido por seus vizinhos³. Não se conhece com

¹ Fonte: Instituto Socioambiental: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yudja>. Acesso em julho de 2012.

² Há também uma aldeia juruna chamada Paqsamba no Pará. A que nos referimos aqui, a aldeia Pakisamba do PIX, é mais recente, anteriormente conhecida como Fazenda Novo Parque Samba.

³ Atualmente, os Juruna já não utilizam essa pintura.

exatidão a etimologia da autodenominação *Yudja* (registrada também como *Yudya*), mas Fargetti (2001, p.34) levanta uma hipótese a partir da tradução fornecida pelos Juruna, em que o termo *yudja* corresponderia a ‘dono do rio’ (*iya*, ‘rio’, *dju’a*, ‘dono’, ‘chefe’).

Nimunendaju (1948) afirma que a primeira referência ao povo Juruna está registrada no memorial escrito por Bento Maciel Parente em 1626 (na opinião de Adélia Engrácia de Oliveira, esse documento data de 1625, OLIVEIRA, 1970, p.16), que relata a presença de Juruna entre o rio Pacajá e o rio Parnahyba (antigo nome do rio Xingu), no atual estado do Pará. O *Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província* ([1768], 2006), relato das viagens do Vigário Geral do Rio Negro pelo Estado do Grão Pará, José de Monteiro Noronha, na segunda metade do século XVIII, menciona sobre o rio Xingu: “Este rio foi habitado de muito gentio das nações *Yuruna*, *Takunyapé*, *Cariberis* e outras, das quais desceu grande número de índios para as aldeias que nele se fundaram [...]” (NORONHA, [1768] 2006, p. 34). Noronha ([1768] 2006, p. 36) ainda menciona os Juruna entre os povos que habitavam a região do rio Curuá.

Após um longo período de relações com missões jesuíticas, que tentavam catequizá-los, tropas de resgate, que pretendiam escravizá-los durante os séculos XVII e XVIII, e o trabalho nos seringais nos séculos XIX e XX, muitos Juruna se tornaram indistintos do restante da população regional do sul da Amazônia. Nimuendaju (1948, p. 217) nota que a população da região do baixo Xingu no século XIX era falante da Língua Geral, e que talvez ela tenha sido adotada também por esses Juruna. Trata-se provavelmente da Língua Geral Amazônica, baseada no tupinambá falado no Pará, e não na Língua Geral Paulista, baseada no tupi de Piratininga (RODRIGUES, 2010), uma vez que essa língua era amplamente difundida na Amazônia entre os séculos XVII e XIX como língua majoritária e como língua da população indígena para comunicação com não-indígenas (RODRIGUES, 2010, p. 39).

Outros Juruna fugiram e seguiram à montante do rio Xingu, em busca de ilhas onde poderiam ficar em segurança e escapar dos conflitos com missionários, seringueiros e outras etnias. Ainda assim, esse foi um período marcado por expressiva depopulação (tabela 1). Segundo Oliveira (1970), os Juruna que

habitam atualmente o Parque Indígena do Xingu são “remanescentes de um grupo tribal que em 1916, depois de algum tempo de subordinação ao seringueiro Constantino” refugiou-se naquela região. Seguindo à montante do Xingu, esse grupo enfrentou ataques dos Kayapó, Suyá, e Kamaiurá, com quem, em outros momentos, acabaram também firmando alianças (cf. OLIVEIRA, 1970).

Em 1949, durante a Expedição Roncador-Xingu, Cláudio e Orlando Villas Bôas entraram em contato com os Juruna acima da cachoeira Von Martius (no setor setentrional do Alto Xingu), próximo à foz do rio Manitsawá-Missu, onde hoje está localizada a aldeia Tubatuba. Em 1961, foi criado o Parque Indígena do Xingu (PIX), que em sua extensão circunscreveu o território atualmente ocupado pelos Juruna e os forçou ao assentamento definitivo (Cf. BERTO e MONDINI, 2012).

Nos registros demográficos da população juruna, podemos notar uma depopulação considerável desde o séc. XVII – quando houve os primeiros contatos com os não-índios – e um crescimento populacional progressivo após a criação do Parque Indígena do Xingu (1961):

Tabela 1: Dados demográficos sobre os Juruna em referências bibliográficas

Ano	População juruna	Referência
1842 (1847)	2000	Príncipe Adalberto
1884 (1886)	230 a 250	Steinen
1896	150	Coudreau
1916	50	Nimuendaju
1950	37	Expedição Roncador-Xingu
1966/67 (1970)	54/58	Adélia Engrácia de Oliveira
1986	120	Tânia Stolze Lima
1992 (1995)	137	Tânia Stolze Lima
1993 (2001)	126	Cristina M. Fargetti
2001	241	Cristina M. Fargetti
2009	294	Suzi Oliveira de Lima
2010	348	Unifesp

De acordo com Vanessa Lea, (1997, p.88) há núcleos populacionais Juruna também no Médio Xingu. O maior deles se encontra na Área Indígena Paquçamba, localizada na Volta Grande do Xingu, hoje ameaçada pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e por invasões territoriais. Também há outras famílias em Altamira, onde vivem os Xipaya (parentes próximos dos Juruna), e nos rios Curuá e Iriri. Entretanto, os Juruna que estão no Pará mantêm um modo de vida mais próximo ao dos ribeirinhos do que ao dos seus parentes do sul, e falam apenas o português, mas os laços entre os Juruna xinguanos e os que moram no Pará permanecem, como pudemos constatar ao participar do Projeto “Expedições a Sítios Históricos dos Povos Indígenas Panará, Kisêdjê, Kawaiwete e Yudjá”, parte de um convênio entre o Instituto Socioambiental (ISA) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Durante as atividades do projeto, Peri Juruna (também conhecido como Paulo Juruna), que mora em *Bitahamã* (Serra Pelada, no Pará), e Lahusea Juruna, que mora em Tubatuba, relataram as tentativas de aproximação entre todos os Juruna e os Xipaya (que de acordo com o relato de Peri, formavam com os Juruna uma mesma etnia), e o desejo de que os Juruna que não falam mais a língua indígena e de que a única falante remanescente dos Xipaya façam incursões a aldeias localizadas no PIX para (re)aprender a língua indígena.

2.2. A língua juruna

Aikhenvald (2012, p.70-72) enfatiza a diferença existente entre área linguística e região linguística. Uma área linguística, como a Bacia do Rio Vaupés, é geograficamente limitada e inclui ao menos línguas de duas famílias linguísticas ou de dois sub-grupos de uma mesma família. Essas línguas compartilhariam traços e estruturas significativas por meio do contato entre os falantes e padrões de multilinguismo. Já em uma região linguística, como a Amazônia, pode haver similaridades ocasionais de traços entre línguas não relacionadas, não resultantes de uma difusão areal, mas por possíveis contatos linguísticos antigos, interrompidos pela extinção de línguas, entre outros fatores. Aikhenvald (2012, p.86-90) considera o Parque Indígena do Xingu como uma região linguística, apesar de apresentar uma cultura compartilhada e interação entre línguas de

diferentes famílias, uma vez que as línguas apresentam poucos (ou nenhum) traços de convergência ou de difusão. Entretanto, ao enfatizar que os Jê e os Juruna são marginais ao sistema de trocas xinguano, a autora chega a afirmar que a zona de contato do Xingu (*Xingu contact zone*) pode ser considerada uma área linguística incipiente, já que há alguns traços e itens lexicais compartilhados entre línguas não relacionadas geneticamente.

Já de acordo com Aryon D. Rodrigues (2000, p. 15), o critério básico para definir uma área geográfica como a Amazônia é a bacia hidrográfica do rio Amazonas, ou seja, toda a área de terra banhada por esse rio e por seus afluentes e sub-afluentes. Entretanto, como ressalta o pesquisador, há línguas que representam intrusões recentes na Amazônia, como é o caso da família Jê, com as línguas suyá, kayapó e panará, faladas na região do rio Xingu, e línguas filiadas geneticamente a grupos linguísticos tipicamente amazônicos, mas que estão fora das áreas banhadas pelo rio Amazonas, como os dialetos guarani (família Tupi-Guarani) da bacia do Paraguai-Paraná e o Garífuna (família Arawak), do Mar Caribe, Honduras e Belize. Segundo Rodrigues (2000, p.21-22)

É muito provável que a maior parte dos casos de coalescência de muitas famílias linguísticas numa mesma área seja o produto relativamente recente do processo de ocupação européia da Amazônia, o qual se iniciou mais efetivamente e da forma mais violenta, no começo do século XVII, quando os portugueses se puseram a explorar intensamente certos produtos naturais e sobretudo a força de trabalho dos povos indígenas reduzidos à escravidão.

Com base nos princípios e procedimentos do Método Histórico Comparativo, Aryon Rodrigues (1986, 1999, 2006) admite uma origem pré-histórica comum às dez famílias pertencentes ao tronco linguístico tupi, “único grande complexo genético de famílias linguísticas amazônicas claramente estabelecido” (RODRIGUES, 2000, p. 19). Ao apresentar a filiação genética da língua juruna, o pesquisador afirma que ela pertence à família de mesmo nome, juntamente com a língua xipaya e a língua manitsawá (já extinta). Em sua tese sobre a língua xipaya, C. L. Rodrigues (1995) transcreve uma história contada por Maria Xipaya em que é narrada a separação entre os dois povos. Os caminhos

para a reconstituição do que seria o “proto-juruna” são apontados por estudos comparativos (FARGETTI e RODRIGUES, 2005, 2008).

De acordo com o “*Interactive Atlas of the World’s Languages in Danger*” elaborado pela UNESCO (MOSELEY, 2010), o Juruna/Yudja é tido como língua de vitalidade “vulnerável”. Já o Xipaya, segundo esse levantamento, é tido como língua “criticamente ameaçada”.

Como ressalta Rodrigues (2000, p.22), ainda hoje observamos à redução de famílias linguísticas a um só membro, isto é, a transformação de famílias linguísticas em uma língua isolada:

com o desaparecimento do Maxubí, nos último 50 anos, o Kanoê ficou sendo a única língua de sua família, e o mesmo aconteceu o Karitiána, ao desaparecer o Akirém, e como Yagua, ao desaparecem o Pebá e o Yameo; quando morrer o último conhecedor de Umutina, já com mais de 60 anos de idade, o Boróro oriental passará a ser a única língua da família Boróro; analogamente, o Mundurukú e o Jurúna estão a poucos anos de tornar-se línguas únicas em suas respectivas famílias, pois já não há mais transmissão das suas irmãs Kuruáya e Xipáya, respectivamente. (RODRIGUES, 2000, p.22)

Apesar da situação linguística diversa, tanto a língua xipaya quanto a língua juruna podem ser consideradas ameaçadas de substituição pela língua majoritária, o português brasileiro, mesmo que em graus diferentes. Ainda que existam alguns programas governamentais que busquem fazer um inventário das línguas indígenas faladas em território nacional, nem sempre há plena garantia de que esses povos possam permanecer em suas terras, mantendo os seus meios de vida tradicionais. Em vez disso, há uma pressão crescente que ignora os direitos indígenas previstos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e em convenções internacionais, como na Convenção nº169 da Organização Internacional do Trabalho (Decreto nº 5.051/2004), que garante a preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar das populações indígenas e a reprodução física e cultural segundo seus costumes e tradições, além da consulta de forma adequada a esses povos sempre que alguma medida legislativa ou administrativa possa afetá-los diretamente.

2.2.1. Traços tipológicos da língua juruna

Tovar (1959, p.98) se refere ao Juruna e ao Xipaya como “dialetos” impuros do Tupi, com influências Arawak e Caribe. Existem diversos registros da cultura e da língua Juruna, como os relatos de Adalberto (1977 [1847]), Steinen (1942 [1886]), Coudreau (1977 [1896]), Snethlage (1910), Nimuendaju (1948), Oliveira (1970), Lima (1986, 1995). Entretanto, os primeiros estudos linguísticos sobre a língua juruna estão presentes na dissertação e na tese defendidas por Fargetti (1992, 2001).

De acordo com a análise apresentada por Fargetti (2001), a língua juruna é uma língua tonal, possuindo dois tons fonológicos (um alto e um baixo), padrão silábico C(V) e processo de espraçamento da nasalidade, que ocorre da direita para a esquerda, em que o “domínio da nasalidade é um constituinte morfológico, um radical ou um afixo e não a palavra” (FARGETTI, 2001, p.105). Em Juruna, os constituintes da sentença seguem preferencialmente a ordem sujeito, objeto, verbo (SOV), e tanto verbos quanto nomes apresentam processos interessantes de reduplicação. Abaixo, elencamos os pares mínimos relativos aos nomes de aves em Juruna, que evidenciam que a nasalidade e o tom são traços distintivos nessa língua:

- (01) **kaka**, [ka'ka], 'jacupemba', *Penelope superciliaris* (Temminck, 1815)
kakã, [kãkã], 'criança do sexo masculino'
- (02) **lahu**, [la'hu], 'arraia', *Potamotrygon sp.* (Müller & Henle, 1841)
lahu, [la'hú], 'mutum-cavalo', *Pauxi tuberosa* (Spix, 1825)
- (03) **txutxuru**, [tʃutʃu'ru], 'gripe'
txutxuru, [tʃutʃu'rú], 'cesto', (cesto confeccionado com broto de palha de inajá⁴)
txutxurũ, [tʃũtʃũ'rũ], 'choca-d'água', *Sakesphorus luctuosus* (Lichtenstein, 1823)

A língua juruna é falada por todos os membros do grupo que habitam o Parque Indígena do Xingu, e as crianças aprendem o português como segunda

⁴ Cf. Fargetti (2010, p.23)

língua na escola da aldeia. A proposta de ortografia foi apresentada e discutida por Fargetti junto à comunidade juruna em 1994 (FARGETTI, 2006, p. 125). De acordo com a pesquisadora, os falantes optaram por não grafar o tom, uma vez que essa escolha deixaria a escrita com um número excessivo de diacríticos.

Nesta dissertação, os exemplos serão escritos de acordo com o sistema ortográfico já consolidado entre os Juruna. Abaixo, é reproduzida a tabela com o alfabeto utilizado e seus respectivos fonemas, de acordo com o *International Phonetic Alphabet* (IPA):

Tabela 2: Alfabeto utilizado na escrita da língua juruna e seus fonemas correspondentes (FARGETTI, 2007, p.53)

Alfabeto utilizado						IPA									
p	b	t	d		k	'	p	b	t	d		k	ʔ		
				tx		dj					tʃ		dʒ		
	m				n			m			n				
					r						r				
		s		z		x			s		z		ʃ		h
					l						ɭ				
w						y		w					j		
	i		ĩ			u			i		ĩ			u	
	e		a						e		a				

A escrita na língua materna é utilizada, atualmente, para comunicação cotidiana e até em redes sociais, como o *Orkut* e o *Facebook*. Os Juruna evitam falar em português mesmo na presença de não-índios. Há um desejo (e necessidade) da comunidade de documentar o conhecimento tradicional por meio de gravações de cantos, vídeos, e escrita de suas narrativas. Assim, eles continuam lutando para manter sua identidade.



Urukur . Urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758). [Tawaiiku Juruna. Lápis aquarelável e grafite, 210 x 297 mm, 2011.]

3. Materiais e métodos

Nesta seção, apresentaremos um breve histórico sobre os trabalhos de campo realizados no Parque Indígena do Xingu (estado do Mato Grosso)⁵, os trabalhos de coleta realizados com a vinda dos Juruna a Piracicaba (estado de São Paulo), e discutiremos os materiais e a metodologia utilizada durante a identificação das aves e a análise desses nomes em Juruna.

3.1. Breve histórico sobre a coleta de dados

Em julho de 2008, acompanhada pela orientadora do projeto e pela graduanda Beatriz Maria de Freitas Maciel, permanecemos dez dias na aldeia Tubatuba. Nossa ida a campo teve o apoio financeiro do Instituto Socioambiental (ISA) para o trajeto entre Araraquara (SP) e a aldeia Tubatuba (MT).

A coleta dos nomes de aves em Juruna foi realizada na “Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central Kamadu” junto a vários homens juruna (entre alunos, professores, e os anciãos da aldeia). Como afirma Fleck (2007, p.9), em geral, os mais velhos conhecem mais sobre os saberes e práticas do grupo do que os mais novos, caçadores conhecem mais sobre o comportamento dos animais do que um membro da comunidade que desempenhe outra função, como, por exemplo, quem administra os remédios tradicionais. Além disso, os falantes que ajudam na identificação das aves podem não ser os mesmos que prestam um bom auxílio na transcrição e na tradução de textos. Por essas razões, houve previamente a necessidade de se conhecer as pessoas que iriam colaborar com a pesquisa e descobrir os assuntos de interesse de cada falante.

Nessa etapa de pesquisa, foram exibidas aos falantes as imagens e vocalizações presentes no programa Brasil 500 pássaros (2000). Por meio da utilização dessa ferramenta, os Juruna identificaram 276 espécies de aves.

⁵ Os trabalhos de campo iniciais de julho de 2008 e julho de 2009 foram realizados quando durante o curso de Graduação em Letras na Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, e serviram de base para o desenvolvimento da Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP no período de 01/09/2009 a 31/08/2010. Já os trabalhos de coleta realizados a partir de 2011 foram realizados durante o período de vigência do Projeto de Mestrado financiado pela FAPESP no período de 01/03/2011 a 01/02/2013 (Processo: 2010/13623-8).

Entretanto, devido à grande quantidade de informação e ao curto período de permanência na aldeia, muitas questões de caráter linguístico, como a formação desses nomes em Juruna, e etnográficas, como a relevância dessas aves na cosmologia do grupo, precisavam ser esclarecidas.

Em 2008, fizemos duas incursões à mata guiadas por Tahirimã Juruna: a primeira foi realizada próxima à aldeia e a segunda foi realizada na margem do rio Xingu oposta a Tubatuba. Essas incursões nos permitiram observar os procedimentos utilizados pelos Juruna para atrair as aves, bem como nos aproximar da cosmovisão desse povo. Sabíamos que seria necessário realizar o trabalho de identificação em outras oportunidades. Fleck (2007) afirma que é preciso repetir esse trabalho ao menos cinco vezes, já que erros honestos podem ocorrer, e também novas informações podem surgir.

Durante o trabalho de campo, tivemos a oportunidade também de ministrar algumas aulas de produção de texto em língua portuguesa aos professores e alunos da escola juruna e de assistir às aulas ministradas por Fargetti, em que foram discutidas questões de ortografia e de produção de texto na língua indígena.

Em julho de 2009, voltamos a campo, dessa vez como participantes do projeto “Inventário da língua juruna”, financiado pelo convênio firmado entre a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e a Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. Acompanhada pela orientadora do projeto e por outros três graduandos, Beatriz Maria de Freitas Maciel, Priscilla Alyne Sumaio e Moyzes Peixotto, permanecemos 18 dias na aldeia Tubatuba. Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de ministrar aulas de produção de texto em língua portuguesa e de assistir ao processo de produção do livro sobre cultura material organizado por Fargetti (2010) junto aos falantes, sob o título *Kanemaĩ 'a'ahã dju'a papera*.

Os dados coletados em 2008 foram checados, dessa vez, por meio de entrevistas estruturadas. As entrevistas foram realizadas com Tarinu Juruna e Tahirimã Juruna, conhecedores da avifauna local (em algumas sessões de coleta, participaram também alguns velhos da comunidade), para descobrir o nome geral de cada espécie, qual das diversas espécies seria a prototípica (os falantes se referem a ela como “verdadeira”), quais aves os Juruna criavam, e a

relação de cada uma das espécies identificadas com a cosmologia do grupo. Por conta da proximidade criada em um trabalho de coleta diário e pelo menor número de pessoas envolvidas, as entrevistas transformaram-se, por vezes, em diálogos, fato que proporcionou o surgimento de novas questões que começaram a ser respondidas nos trabalhos de campo realizados posteriormente, como a relevância de se investigar os nomes para as partes do corpo das aves e o sistema de classificação da avifauna entre os Juruna.

Dessa vez, realizamos duas novas incursões à mata. Na primeira, acompanhada por Tahirimã Juruna, fomos à margem oposta à aldeia Tubatuba, e paramos próximos a uma várzea. Ao reproduzir o som da ave *tuwã maka*, ‘criação da anta’, *Daptrius ater* (Vieillot, 1816), ave que, de acordo com o mito narrado pelos Juruna, passa o dia cuidando da pelugem de seu namorado, a anta (Cf. seção 4), Tahirimã obteve vocalização em resposta. Ele imitava a ave e, enquanto ela vocalizava, o guia contava a história daquele pássaro. Nesse momento, uma anta apareceu. Tahirimã, após persegui-la, conseguiu abater o animal com sua espingarda, garantindo comida para a aldeia.

No dia cinco de outubro de 2010, em Piracicaba, estado de São Paulo, trabalhamos com os professores indígenas Tarinu Juruna, Yabaiwá Juruna e Karin Juruna. A partir da leitura da “Proposta Político-Pedagógica da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central Kamadu – Povo Yudjá”, discutimos sobre a escolha da língua em que os alunos deveriam ser alfabetizados, escolha baseada não apenas em critérios políticos, mas também, em critérios pedagógicos. De outro modo, alfabetizar uma criança indígena em português, uma língua que ela não domina, pode acabar em frustração e inviabilizar o objetivo político que se pretendia alcançar.

Os professores juruna relataram que as crianças da aldeia são alfabetizadas em sua língua materna e que a língua portuguesa é ensinada como segunda língua, isto é, a alfabetização em língua materna não serve apenas como um atalho para que o aluno indígena se torne um bom leitor e escritor em português.

Ainda de acordo com os professores, o número de desistência dos alunos é muito pequeno, havendo duas ou três crianças que os pais levaram para estudar na escola da cidade. No entanto, na maioria das vezes, esses alunos

voltam para a escola da aldeia, uma vez que os pais não têm condições de mantê-los na cidade.

Discutimos a necessidade de se privilegiar a leitura para se cumprir a tarefa do letramento. Para tanto, é necessário material escrito para que essa prática seja trabalhada. Os professores relataram que utilizam nas aulas de leitura o livro de saúde e os textos do projeto “*Kamena ikia*”, iniciado em 2008 e apoiado pelo Instituto Socioambiental, em que os alunos escrevem bilhetes para os alunos de outras escolas juruna. No entanto, os textos da “*Kamena ikia*” ainda não foram organizados de maneira a serem utilizados sistematicamente em sala de aula, o que os professores pretendem realizar em breve.

Os Juruna afirmaram que os alunos têm contato direto com os conhecimentos tradicionais também na escola, já que, por vezes, os mais velhos são convidados a contar as histórias aos alunos, o que pudemos acompanhar durante os trabalhos de campo.

No período da tarde, pudemos trabalhar com a coleta de nomes para partes do corpo das aves em Juruna, e discutir a utilização dos resultados de nossa pesquisa de mestrado, uma vez que se trata também da documentação de um conhecimento que é caro ao povo juruna e de um estudo que colabora com a elaboração de um dicionário bilíngue Juruna-Português, Português-Juruna.

Em setembro de 2011, agora na condição de mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCL-Ar, acompanhada pela orientadora do projeto, pela cinegrafista Bruna Epiphany, pela então graduanda Lígia Egídia Moscardini e pela antropóloga colaboradora Juliana Nazatto Mondini, voltamos à Tubatuba como membros do Projeto “Território etnoeducacional juruna/yudjá: Projeto Político Pedagógico e sua implementação, com ênfase no ensino da Língua Indígena” (CAPES – Observatório da Educação Escolar Indígena).

O trabalho de coleta foi realizado entre os dias 06 e 17 de setembro. Desde abril de 2011, por conta do falecimento de um importante líder, os Juruna estavam em luto e preparavam o ritual que marcaria o seu fim. Por meio do trabalho constante com um dos nossos colaboradores, Tarinu Juruna, e pelo o que nos foi dito durante a reunião de abertura das oficinas, ficou evidente a preocupação da comunidade com a urgente documentação da cultura juruna e, portanto, também

a relevância de nossa pesquisa. Durante esse trabalho de campo, checamos os nomes coletados em 2008 e 2009, e Tarinu sentiu-se confiante para narrar as histórias do seu povo. Gravamos diversas narrativas (em português) que evidenciam a importância das aves na cosmologia juruna.

Com o auxílio de Tawaiako Juruna, trabalhamos na tradução de vinte e quatro textos escritos por homens juruna em 1998, material que nos foi cedido por Fargetti (uma coletânea de quarenta e cinco textos descritivos sobre algumas espécies de aves). O conhecimento dessas informações nos levou a coletar diversas narrativas sobre outras aves e a compreender a relevância de muitas delas para o grupo, uma vez que esse conhecimento se relaciona com a compreensão do mundo circundante, com rituais, tabus alimentares e com a confecção de objetos pertencentes à cultura material.

Tarinu e sua esposa, Nuyã, permitiram a coleta dos nomes que designam tanto a parte externa, quanto a parte interna de um galináceo. Esse trabalho teve seu áudio gravado e também foi filmado pela cinegrafista Bruna Epiphanyo.

Entre os dias 13 e 19 de abril de 2012⁶, foi realizada uma nova coleta junto a vários falantes juruna na “Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central Kamadu”. Dessa vez procuramos levantar informações sobre tabus alimentares, confirmar quais seriam as aves prototípicas e coletar algumas narrativas relacionadas à avifauna. Discutimos com professores e alunos juruna a definição de textos descritivos em português, e alguns textos sobre as espécies de aves pertencentes ao nível genérico *ekũ* (correspondente às famílias *Falconidae* e *Accipitridae*) foram elaborados⁷.

A cinegrafista Bruna Epiphanyo filmou novamente a preparação de um galináceo. Dessa vez, estavam presentes Tarinu e sua esposa, Nuyã, e também Tahirimã. Foram fornecidos os nomes que designam tanto a parte exterior, quanto a parte interna das aves.

⁶ Apoio financeiro da CAPES – Observatório da Educação Escolar Indígena – Projeto “Território etnoeducacional juruna/yudjá: Projeto Político Pedagógico e sua implementação, com ênfase no ensino da Língua Indígena”. Nessa viagem estavam presentes a coordenadora do projeto, Cristina Martins Fargetti, a então graduanda Lígia Egídia Moscardini, a mestranda Juliana Nazatto Mondini, a cinegrafista Bruna Epiphanyo, e a cantora Marlui Miranda.

⁷ Esse trabalho foi desenvolvido em parceria com a então graduanda Lígia Egídia Moscardini.

Durante o trabalho de campo, auxiliamos na gravação do CD “Fala de gente, fala de bicho, *Abĩa ali ma’yaha* (CANTORAS JURUNA, 2012), cantigas de ninar do povo juruna”. Das quarenta e nove cantigas, algumas possuem as aves como tema, como: *kurikuri pewapewa*, *dũku dũku txirĩrĩ*, *patxawawa*, *kurukuru*, entre outras.

Dos dias 20 de abril a 4 de maio, prestamos assessoria linguística como colaboradora no projeto do Instituto Socioambiental “Expedições a Sítios Históricos dos povos Indígenas Panará, Kĩsêdjê, Kawaiwete e Yudja”. Durante a expedição às antigas terras habitadas pelos Juruna, conhecemos lugares sagrados para eles como a *Txãrina Isami*, ‘espírito do galo’, lugar onde as almas permanecem após percorrerem caminhos em que encontram auxílio de algumas aves. Lima (1995, p. 244) se refere a esse local como os rochedos que abrigam uma sociedade de mortos. O trabalho de observação direta propiciou a identificação de mais quatro espécies de aves: *waka isami*, ‘espírito do choro’ (Murucututu, *Pulsatrix perspicillata*, Latham, 1790), *karayaraya* (Periquitão-maracanã, *Aratinga leucophthalma*, Statius Muller, 1776), *warawara nana* (Periquitão-da-testa-azul, *Aratinga acuticaudata*, Vieillot, 1818) e *unã adaka*, ‘vermelho/bicho das fezes’ (Urubu-de-cabeça-vermelha, *Cathartes aura*, Linnaeus, 1758).

Em 25 de agosto de 2012, em Piracicaba, São Paulo, realizamos um trabalho de coleta com a falante Yawada Juruna. Durante esse trabalho, procuramos esclarecer algumas dúvidas que surgiram a partir da análise dos dados coletados anteriormente, como compreender a relação entre dono-criação e a formação de alguns nomes e partes do corpo das aves em Juruna (a partir dos vídeos gravados em setembro de 2011 e em abril de 2012).

3.2. Materiais utilizados e metodologia

Em todos os trabalhos de campo realizados no Parque Indígena do Xingu, efetuamos a coleta de dados com o auxílio do CD-ROM “Brasil 500 pássaros” (2000). Abaixo, é apresentado um esquema do seu funcionamento. Primeiramente é apresentada uma lista (Figura 1) com os nomes das aves que ocorrem no Brasil, e, para cada uma delas, uma página (Figura 2) com uma ilustração da ave, sua classificação científica, nome regional (às vezes mais de

um), descrição morfológica, hábitos, etc., e ícone para audição de sua(s) vocalização(ões) (que se observa na parte inferior, com a imagem de duas colcheias, notação musical).



Figura 1: Lista inicial contendo os nomes populares em português



Figura 2: Ilustração, nome popular, classificação científica, descrição e vocalização da ave

Jensen (1988) ressalta que não existe um único método adequado para a coleta dos dados necessários para um estudo dos sistemas classificatórios de aves. Em sua coleta de nomes para aves em Wayampi, o pesquisador utilizou

cerca de 500 fichas com fotografia ou desenho de cada espécie de ave. Dispondo do conteúdo do projeto "Brasil 500 pássaros" (2000), prescindimos das fichas utilizadas por Jensen e por outros pesquisadores durante as nossas duas primeiras coletas de dados.

Por meio do programa, pudemos apresentar aos falantes as ilustrações de cada ave, a descrição de seu hábitat, comportamento, etc. e sua vocalização, que no levantamento do léxico etnobiológico relacionado à avifauna é o que permite aos consultores uma identificação mais segura. Assim, por dispor dessa quantidade de dados, foi possível fornecer as informações solicitadas pelos falantes para a identificação das aves.

Em *Ornitologia Brasileira* (2001), Sick afirma que, para diversas espécies de animais, as manifestações sonoras são tão características quanto os seus aspectos morfológicos. De acordo com o autor:

A voz trai uma ave que não se vê ou que não se consegue ver suficientemente bem, na densa vegetação, no vôo, à hora do crepúsculo ou à noite. Frequentemente não se chega a ver direito mais de dois terços das aves que se encontram durante uma incursão. (SICK, 2001, p.98)

Buscando evitar que fossem fornecidos apenas nomes descritivos para as aves presentes no programa, em todas as coletas realizadas, primeiramente perguntávamos aos informantes se eles reconheciam determinada ave, e, posteriormente, se havia um nome para essa espécie na língua juruna.

Esse primeiro trabalho de coleta foi realizado na escola, junto a vários falantes do sexo masculino. Em todas as coletas utilizamos um *notebook* (para poder fazer uso do programa "Brasil 500 pássaros"), um gravador digital SONY ICD-P620 e um caderno de notas.

Ao sistematizar os dados coletados em 2008, notamos que os Juruna tinham fornecido alguns nomes gerais para determinadas espécies de aves, o que indicaria o sistema de classificação da avifauna dessa etnia, e também nomes diferentes para a criação de algumas espécies.

Tendo conhecimento dessas informações, em 2009 realizamos entrevistas estruturadas, em que questionamos i) se os falantes reconheciam determinada espécie de ave, ii) se havia um nome em Juruna para essa espécie, iii) se existia

um nome geral e quais eram as semelhanças entre as aves que possuíam esse mesmo nome geral, iv) se eles a criavam e qual o nome dado à criação, v) se havia música ou história relacionada àquela ave, vi) se ela serve de alimento ou quem poderia se alimentar dela e vii) se suas penas eram utilizadas na confecção de adornos ou se alguma parte do seu corpo era utilizada como remédio.

As entrevistas eram realizadas na escola da aldeia e na casa em que os pesquisadores costumam ficar alojados. Os horários de trabalho eram combinados com Tarinu e Tahirimã. As sessões foram, por vezes, acompanhadas por outros membros da comunidade e pelas crianças. Entretanto, é necessário ressaltar que, como mencionado na subseção anterior, as entrevistas se tornaram diálogos, e as discussões sobre as perguntas feitas aos falantes se estenderam à convivência com os Juruna. Assim, acreditamos que não seria possível obter os resultados que serão aqui apresentados por meio apenas de questionários e respostas estanques.

Não utilizamos, como recomenda Fleck (2007) para as idas a campo, uma lista de espécies esperadas. Isso porque o conhecimento de nossa biodiversidade não foi totalmente registrado, e o trabalho com os povos tradicionais pode trazer informações desconhecidas pelos biólogos, como por exemplo, a ocorrência de determinada espécie naquela região, ou uma espécie ainda não catalogada. Portanto, elaborar uma lista com base nos guias de campo ou mapas de ocorrência disponíveis não daria uma estimativa real das espécies que poderiam ser encontradas durante o levantamento da avifauna com os Juruna.

Em 2011, levamos a campo 262 fichas⁸ das espécies identificadas em 2008 e 2009, confeccionadas em papel cartão, tamanho 14cm x 14cm, contendo fotos coloridas impressas em alta qualidade, retiradas do site <http://www.wikiaves.com.br/>. Na seleção das fotos, privilegiamos aquelas tiradas em cidades próximas ao Parque Indígena do Xingu. Além disso, continuamos a utilizar o programa “Brasil 500 pássaros”, uma vez que nos permitia utilizar a vocalização das aves na identificação. Quando foi possível, fizemos uso da internet via rádio da aldeia para mostrar aos nossos informantes as vocalizações presentes no site mencionado.

⁸ O número inicial de 276 espécies foi reduzido para 262 quando realizamos o trabalho de coleta em 2009.

As fichas de identificação foram distribuídas sobre as carteiras de uma das salas da “Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central Kamadu”, o que despertou o interesse dos falantes do sexo masculino, que começaram a agrupá-las por famílias para auxiliar Tarinu, tido pela comunidade como um grande conhecedor da fauna e flora da região e das narrativas juruna.



Foto 1: Trabalho com as fichas de identificação em uma das salas da escola juruna. Foto por Flávia de F. Berto

Em 2011 e 2012, contamos com uma cinegrafista em campo para filmar a preparação de um galináceo. O fato de ter esse material em vídeo, não apenas em áudio, nos proporcionou uma identificação mais segura, uma vez que pudemos comparar essas imagens com guias de anatomia e também mostrá-lo a outros informantes, como fizemos quando Yawada Juruna esteve em Piracicaba.

É preciso destacar a relevância de se realizar uma pesquisa de identificação e coleta de nomes sobre a avifauna em um trabalho de campo de base etnográfica. Apenas desse modo foi possível identificar espécies de aves que não estavam presentes no programa utilizado, mas que são relevantes para o povo juruna. A ave *uuhurakã*⁹, por exemplo, não foi encontrada por Tarinu no material que disponibilizamos. De acordo com a história narrada por ele, esse é o

⁹ Trata-se de uma ave mítica. Os falantes mais jovens, entretanto, afirmam que o chefe dos urubus é o *urukur*, Urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758).

chefe dos urubus, uma espécie que dificilmente pode ser avistada, e que se alimenta apenas de carne humana (levada até ele pelas outras espécies de urubu). Foi por meio dessa história que conseguimos identificar *unã adaka* (*unã*, ‘fezes’; *adaka*, ‘bicho’, ‘verme’), o urubu-de-cabeça-vermelha, *Cathartes aura* (Linnaeus, 1758). As aves pertencentes à família *uuhu*, *Cathartidae*, não participaram da festa das araras, momento mítico que marca a transição de um período em que as aves eram potencialmente humanas. Na cosmologia juruna, os urubus ainda possuem atributos humanos e se organizam em uma aldeia no céu. Tarinu fez um desenho de como é essa aldeia, e confeccionou o cocar que o chefe dos urubus ensinou um juruna a fazer¹⁰ (Cf. Anexo C). Entretanto, Tarinu afirma que os Juruna se recordam apenas do trançado desse cocar, e o fazem com a folha de uma palmeira, mas se esqueceram de como confeccioná-lo com as penas de *urawĩ*, Arara-vermelha-grande, *Ara chloropterus* (Gray, 1859).

3.3. A ornitologia e o conhecimento indígena sobre as aves

Entre os dias 28 e 30 de setembro de 2012, nós participamos do “Curso de Levantamento de Avifauna para Manejo, Conservação e Consultoria Ambiental” na Reserva Ecológica de Guapiaçu (REGUA), estado do Rio de Janeiro, a fim de entrar em contato com ornitólogos e veterinários experientes, para que fosse possível definir a nomenclatura científica que seria seguida em nosso trabalho, bem como tomar conhecimento de obras de referência sobre a anatomia e fisiologia das aves. Além disso, pudemos observar também a relação desses especialistas com as aves, já que tínhamos apenas como parâmetro a relação entre os Juruna e a avifauna.

De acordo com os especialistas, há discordâncias sobre classificação, nomenclatura e distribuição das aves. A nomenclatura para as aves é alterada de acordo com as pesquisas científicas realizadas e publicadas. Assim, novos conhecimentos sobre a filogenia, isto é, a história das relações evolutivas e de

¹⁰ Nesse mito, um juruna, que estava preso na aldeia dos urubus, consegue ludibriar o chefe dos urubus e foge da aldeia do céu, ensinando aos Juruna o que havia aprendido com os seus captadores, como a confecção de um tipo de machado, um tipo de flauta de pão, e também esse cocar trançado com pena de *urawĩ*, Arara-vermelha.

parentesco entre os táxons de um grupo, surgem constantemente (Cf. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, 2010).

Dessa maneira, fomos aconselhados a utilizar as “Listas das Aves do Brasil”, elaborada pelo CBRO (2011), grupo de estudos reconhecido pela Sociedade Brasileira de Ornitologia. Nessa lista, estão presentes a autoria e a datação dos táxons, informação que auxilia na identificação de uma determinada espécie, uma vez que os nomes populares não são normatizados e as nomenclaturas científicas nem sempre são consensuais.

Nesta dissertação, o nome para a ave em Juruna é seguido pelo nome popular em português (retirado do programa “Brasil 500 pássaros”), e pela nomenclatura científica presente na lista elaborada pela CBRO (2011).

No decorrer do curso, pudemos observar que a preocupação dos ornitólogos e veterinários estava em estabelecer um método de estudo e levantamento da ocorrência de determinadas espécies presentes em uma região. Para tanto, foram utilizados o método de transecto, em que o observador caminha pela trilha e registra os indivíduos encontrados, de modo a coletar uma amostra da ocorrência das espécies na região. Esse método foi mais eficiente quando combinado à técnica de *playback*. Utilizamos também as redes de neblina para capturar as aves e medir o comprimento de bico, cabeça-bico, tarso, asa, cauda, comprimento total, fazer a pesagem e a colocação de anilha, e também vimos como é realizada a focagem noturna.

A técnica de *playback* consiste em gravar/reproduzir o canto de determinada espécie, com a finalidade de atraí-la. Durante as incursões no PIX, observamos os Juruna reproduzirem as vocalizações das mais diversas espécies de aves e outros animais.

Além dos gravadores, os especialistas contavam com ferramentas como pios de madeira para imitar o som de algumas aves, amplificadores de escuta, binóculos profissionais, câmeras fotográficas de alta resolução e paquímetro. Em três dias de observação, registramos em áudio ou em fotos mais de 200 espécies, o que mostra uma grande diversidade em uma área reflorestada.

Ao andar pela Mata Atlântica com o guia Marcos Felipe da Rocha Pinto, notamos que, para atrair várias espécies de aves, ele emitia um som agudo, o mesmo som que os Juruna produziam nas incursões à mata no Parque Indígena

do Xingu. Perguntamos a ele que som era aquele e por que deixava as aves agitadas. Marcos respondeu que esse era o som emitido pelos filhotes de ave quando estão famintos ou em situação de perigo, e que havia aprendido essa técnica com um dos guias da reserva, que antes era um caçador da região. Esse conhecimento, provavelmente, é partilhado entre aqueles que têm uma convivência direta com a mata e seus habitantes. Por se tratar de um som indiferenciado, esse som atrai uma grande quantidade de espécies e há disponíveis no mercado alguns dispositivos que o reproduzem.

As aves pertencentes ao grupo *arupadaka*, (*arupa*, ‘planta água-pé’, *adaka*, ‘verme’, ‘bicho’) são consideradas aves que possuem “espírito forte” pelos Juruna. De acordo com os informantes, essas espécies sempre ficam próximas à água-pé, *Eichhornia sp.*, por isso recebem esse nome. Ao avistar um *xarakũ*, Frango-d’água-azul (*Porphyrio Martinica*, Linnaeus, 1766), na Reserva Ecológica de Guapiaçu, perguntei a Marcos Felipe sobre a relação entre essa espécie e a planta água-pé. De acordo com o guia, as aves que vivem próximas a essa planta podem se alimentar das folhas, sementes ou flores que ela produz.



Foto 2: Barranqueiro-de-olho-branco (*Automolus leucophthalmus*, Wied, 1821) sendo medido com o auxílio de paquímetro. Foto por Flávia de F. Berto

A relação que os ornitólogos estabelecem com essas aves tem por base o acúmulo de registros e a catalogação dessas espécies, com vistas ao

levantamento de caráter estatístico que pode ter como finalidade a avaliação da biodiversidade de uma determinada região e o impacto ambiental causado pela atividade humana. Entre os ornitólogos se encontra uma perspectiva *naturalista*, ou seja, considerando a interioridade exclusiva aos humanos e a materialidade compartilhada entre todos os seres (DESCOLA, 2005). Assim, humanos e animais são considerados tipos de seres completamente distintos do ponto de vista ontológico e os animais devem ser tutelados e protegidos pelos humanos, perspectiva diferente daquela dos Juruna. Como afirma Viveiros de Castro (2002, p.361), “o que uns chamam de ‘natureza’ pode bem ser a ‘cultura’ dos outros”. Isso significa que se do ponto de vista ameríndio há uma “unidade do espírito e uma diversidade dos corpos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.349), sendo o “corpo” que permite diferentes perspectivas e, portanto, diferentes tipos de seres. Segundo o *naturalismo*, há uma “universalidade objetiva dos corpos e da substância” acampanhada de uma “particularidade subjetiva dos espíritos e dos significados” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.349). Desse modo, a principal diferença entre o pensamento científico, que chamamos de ocidental, e o pensamento ameríndio reside no fato de que a humanidade e a animalidade são tomadas a partir de pressupostos distintos do que é subjetivo, objetivo, particular e universal.

No conhecimento sobre a avifauna em Juruna, estão presentes conhecimentos como a relação entre as aves e outros seres, sejam eles animados ou inanimados, as aves e os espíritos, as aves e os seres humanos. Isso não significa, contudo, que os Juruna não produzam conhecimento pelo conhecimento, já que também são movidos pela curiosidade tanto quanto nós.

3.4. Sistematização e análise dos dados

Organizamos os 266 nomes de aves coletados¹¹ em fichas que trazem as seguintes informações: número de identificação da espécie (\id), ortografia juruna (\ort), transcrição fonética de acordo com o *International Phonetic Alphabet*¹²

¹¹ Realizamos a análise dos 262 nomes identificados pelos Juruna e dos quatro novos nomes coletados no trabalho de campo de 2012.

(\F_ipa), aspectos morfológicos (\mo), informações sobre a formação de palavra (\pmo) tradução livre (\tl), nome popular em português (\leq), nome geral em Juruna (\ng), nome da criação (\c), caso haja um nome para criação, sua análise morfológica (\mo), classificação científica por espécie (\sp) e família (\fam), notas semânticas (nsem), e informações extralinguísticas (\cc).

Tabela 3: Exemplo de ficha para sistematização e análise dos dados coletados

\id	53
\ort	aku'u urahĩhĩ
\F_ipa	[akuʔú urahĩhĩ]
\mo	aku'u-N urahĩhĩ-VE
\pmo	composto estativo
\tl	tipo de bacurau que é grande
\leq	Bacurau-de-asa-fina*
\ng	aku'u
\c	pũ
\mo	nome onomatopaico
\sp	<i>Chordeiles acutipennis</i>
\fam	<i>Caprimulgidae</i>
\nsem	grupo ao qual pertence e tamanho da ave;
\cc	ave prototípica

Uma tabela com os resultados obtidos por meio dessa sistematização está presente no apêndice que acompanha esta dissertação. Na tabela resultante dos sucessivos trabalhos de campo, optamos por trazer as informações apenas sobre as aves prototípicas (Cf. Seção 7).



Witxitxi. Pipira-vermelha, *Ramphocelus carbo*, (Pallas, 1764). [Tawaiku Juruna, lápis aquaralável, giz de cera e grafite, 210 x 297 mm, 2011.]

4. As aves na cosmologia juruna

Nesta seção, apresentamos histórias contadas pelos Juruna relacionadas à avifauna. Um dos temas que mais se destacam nas histórias que os Juruna contam sobre as aves envolve a capacidade de metamorfose desses animais. Os *awã*, ‘fantasmas’, segundo Lima (1995, p. 130) e Oliveira (1970, p. 258), podem aparecer sob a forma de mutum¹³; ou a juriti, *aberi urahĩhĩ*, (*Leptotila verreauxi*, Bonaparte, 1855), é a forma como os mortos com saudade de seus parentes se apresentam quando visitam sua antiga casa (LIMA, 1995, p. 225). Algumas espécies, como os beija-flores de cor marrom (*yakurixi*, aves da família *Trochilidae*, Vigors, 1825), são consideradas como formas metamorfoseadas de mariposas ou borboletas. Além disso, segundo os Juruna, no tempo mítico, os animais eram gente e muitos mitos contam os episódios nos quais as várias espécies se transformaram em animais¹⁴. Os mitos também tratam dos comportamentos de algumas espécies de aves e dos Juruna em relação a essas aves.

A respeito dos mitos como gênero narrativo e das possibilidades de análise dos seus significados é importante observar que, além dos conteúdos que carregam, eles estão inseridos em contextos pragmáticos e expressam relações e classificações significativas para o grupo. Como nota Bensa:

É possível então mostrar, por exemplo, que as narrativas que os antropólogos [e linguistas] se comprazeram em chamar de “mitos”, muito aquém das meditações transculturais que podem inspirar, participam de maneira inteiramente pragmática de uma micro-história social conhecida pelo narrador e seus ouvintes. Esse “saber compartilhado” é incessantemente solicitado no interior da narrativa por um rico sistema de alusões, de piscadelas de olhos e de subentendidos que aquele que é estranho “às falas da tribo” não consegue entender. O sentido não é perceptível do exterior; ele só se mostra ao observador se este último é capaz de situar a

¹³ Nesta seção, algumas aves não virão acompanhadas de seu nome científico correspondente, uma vez que as fontes consultadas não nos permitiram uma identificação segura dessas espécies. O mutum a que nos referimos pode ser o *lahu* (Mutum-cavalo, *Pauxi tuberosa*, Spix 1825) ou o *takũ* (Mutum-de-penacho, *Crax faciolata*, Spix 1825).

¹⁴ Segundo os Juruna alguns animais não passaram por essa transformação, como os urubus, que constituem uma sociedade como a humana.

narrativa no campo das interlocuções que a precedem e a seguem. Essa dimensão interativa e comunicante do “mito” permite o acesso à sua compreensão e às suas funções imediatas. Os efeitos lúdicos e tácticos, as construções circunstanciais, o recurso à citação e à alusão disfarçada, sob a cobertura de uma sucessão de imagens aparentemente fantasistas, remetem a um saber implícito, a uma moral e a uma história comuns. A arte retórica liga a forma ao fundo, a natureza da narrativa ao seu contexto de enunciação e à identidade do narrador. O tipo de enunciado escolhido, sua fatura, suas figuras e os nomes próprios que ele exhibe são largamente dominados pela conjuntura. (BENSA, 1998, p. 52)

Além disso, ao contrário do que fazem crer as imagens populares a respeito da mitologia indígena, há grande diversidade de mitos nos complexos míticos de cada grupo, os quais também estão longe de serem atemporais ou apenas registros de tempos imemoriais. Os grupos possuem mecanismos de produção e reprodução diferentes dessas histórias, que são antes formas de narrar e incorporar o mundo e a história. Fausto (2002) menciona, por exemplo, que entre os Parakanã orientais, um grupo de língua tupi-guarani da região da bacia do Rio Tocantins, os mitos são contados em reuniões masculinas noturnas, enquanto que entre os Parakanã ocidentais, as histórias são contadas no interior das casas, com a família do narrador e é dirigida aos mais jovens. Além disso, entre os Parakanã ocidentais a plateia costuma interromper o narrador a todo instante, incitando-o, indagando-o, estimulando sua performance e estabelecendo um diálogo durante a narração. Portanto, a cada vez que um mito é contado entre os Parakanã ocidentais, ele se atualiza diante das interpretações pessoais do narrador, com seus talentos e capacidades imaginativas próprias. Assim, o mito, uma forma considerada tradicional de narração e imune a transformações e à história, é submetido constantemente a um processo contínuo de reprodução, inovação e interferência social e individual no caso dos Parakanã ocidentais. No entanto, isso também poderia ser dito em relação a outros grupos e outros mitos. Os mitos não são apenas histórias tradicionais, mas são formas de narrar em que estão condensados práticas e significados do grupo, que, se observadas com atenção, podem ajudar a revelar algo do seu mundo.

“Ter história” é um elemento importante na classificação das aves para os Juruna, uma vez que as espécies que participam de algum evento mítico são

consideradas mais “verdadeiras” do que as outras¹⁵. Como veremos nas seções seguintes, além da morfologia das espécies e seu comportamento, sua participação na mitologia e cosmologia do grupo é um elemento fundamental para a compreensão dos nomes e do sistema classificatório juruna para as aves. Abaixo apresentamos alguns desses mitos, resumidos a partir dos textos das versões coletadas por Fargetti (2001, 2006), Ferreira (1994) Lima (1995), Oliveira (1970), Villas Bôas (1972) e por nós, durante nosso trabalho de campo. Além disso, utilizamos os textos coletados por Fargetti em 1998, cedidos para a tradução e novas coletas durante o nosso trabalho de campo. Dividimos as histórias em três grupos: aquelas que fazem parte da epopeia referente ao herói civilizador juruna, *Sela’ã*; as histórias que contam sobre artefatos culturais que foram dados aos Juruna por alguma espécie de ave e, por fim, histórias de aves que os Juruna consideram importantes.

4.1. Histórias de Sela’ã

Segundo contam, o herói mítico juruna, após matar sua esposa devido a uma traição, abandona seus filhos à própria sorte (LIMA, 1995, p.24-25). Os dois filhos que o herói mítico considera legítimos, Pobata e Panarĩma, herdaram os poderes xamânicos do pai e garantem sua sobrevivência alimentando-se de pássaros. Eles obtêm os animais sentando-se debaixo de uma árvore e flechando as folhas que caem. Enquanto flecham, também assopram, transformando as folhas em pássaros. Os irmãos Villas Bôas (1972) mencionam que a baba de Duka, a onça que é pai de Sela’ã, quando caía em pequenas quantidades, era levada pelo vento e também se transformava em pássaros, *uxixi* (Ordem *Passeriforme*, Linné, 1758).

Em outro episódio, Sela’ã adverte seus filhos de que não procurem o *yakurewĩ isamĩ* , ‘espírito do jaburu’, pois ele poderia engoli-los e, caso o fizesse,

¹⁵ A respeito do “ter história”, Figueiredo (2010, p. 108) sugere a respeito dos Aweti, povo de língua tupi do Alto Xingu: “Seres não humanos, como explicava-me o velho Aweti, são quase todos ex-humanos. Este homem costumava apontar para qualquer coisa que havia à nossa volta, perguntando – para meu desespero, já que as opções pareciam infinitas – que história afinal eu desejava escutar: ‘Mosca – é gente. Tem história. Batente da porta – é gente. Tem história. Lagarto – é gente. Tem história...’. Seres ‘com história’ são aqueles que passaram por uma transformação, que foram alterados a partir de coisas que fizeram a outros, ou que outros fizeram a eles para que assumissem a forma pela qual os conhecemos hoje”.

eles não voltariam à vida. No entanto, indica a eles onde encontrá-lo. Os filhos de Sela'ã encontram o *yakurewĩ* (Jaburu, *Jabiru mycteria*, Lichtenstein, 1819) e Orobiata, o filho caçula, é transformado em peixe pelos irmãos e aproxima-se do *yakurewĩ isamĩ* para roubar-lhe o bico. Ao não conseguir sucesso em seu empreendimento, Orobiata é engolido. O irmão mais velho se transforma então em marimbondo, coleta sangue no bico do *yakurewĩ*, coloca-o em uma folha de pacová, assopra e traz o irmão de volta à vida. O irmão mais velho transforma-se, então, em peixe e consegue quebrar o bico do *yakurewĩ isamĩ*. O outro irmão mais velho também se transforma em peixe e repete o feito com a mulher do *yakurewĩ*, que estava por perto. Os bicos dos jaburus tornaram-se facões para os filhos de Sela'ã. Outro mito conta que um importante xamã, Tãku, que está sepultado em Adjiha tihatĩha, foi morto pelo *yakurewĩ isamĩ*. Segundo o mito, Tãku tentou ensinar a imortalidade aos Juruna. Para isso ele morreria, mas voltaria. No entanto, seu filho não seguiu a proibição de não caçar jaburu enquanto o pai estivesse a caminho da morte e os facões do *yakurewĩ isamĩ* o mataram, assim os Juruna permaneceram mortais (Cf. VILLAS BÔAS, C.; VILLAS BÔAS, O., 1972, p. 200-201; LIMA, 1995, p. 458-459).

Os Juruna contam também que, antigamente, na região onde viviam, havia apenas praia e terra, não havia água. O dono da água era a juriti, *aberi urahĩhĩ*¹⁶ (*Leptotila verreauxi*, Bonaparte, 1855), que era gente. Os filhos de Sela'ã estavam com muita sede e decidiram roubar a água, que era guardada em uma caixa d'água, segundo as versões coletadas por Ferreira (1994) e Villas Bôas (1972), ou um tambor grande, segundo a versão coletada por Oliveira (1970). O irmão mais novo foi enviado pelos demais para quebrar a caixa d'água, ainda que Sela'ã os tenha advertido que era perigoso e um peixe grande poderia pegá-los. Quando a caixa foi quebrada, houve um grande estrondo, a juriti virou gente e Robiatá (o filho mais novo de Sela'ã) foi engolido por um peixe. A água caiu sobre a terra e o peixe grande foi junto com a água, assim se deu a formação dos rios Xingu e Amazonas. Enquanto os filhos de Sela'ã tentavam colocar obstáculos para pegar o peixe e salvar o irmão mais novo, foram sendo criadas as cachoeiras do Xingu.

¹⁶ Houve discordância entre os vários falantes consultados sobre qual seria a espécie de juriti referida no mito. Entretanto, nossa investigação indica que a mais provável seja **aberi urahĩhĩ**, *Leptotila verreauxi*, Bonaparte, 1855. Por isso, as versões do mito podem se referir a diferentes **aberi**.

Quando conseguiram resgatar Robiatá, ele estava morto. Seu irmão mais velho soprou o sangue de Robiatá e ele voltou à vida, porém sem se lembrar de nada. Os irmãos tiveram que lhe ensinar tudo de novo. Depois da quebra da caixa d'água, os filhos de *Selã'ã* podiam tomar banho e beber água do rio.

Selã'ã não dominava o fogo, e por isso ele e seus filhos se alimentavam apenas de peixe cru, o que lhes causava muita dor de barriga. O herói cultural resolveu, então, roubar o fogo do gavião, *axiwa*, 'dono do fogo', que nessa época era gente. As versões variam sobre o que aconteceu. A versão coletada por Oliveira (1970, p. 231-232) conta que *Selã'ã* se transformou em um pau seco, e quando o gavião abateu uma presa, o gavião deixou o embornal onde levava o fogo sobre esse pau enquanto preparava a caça. Assim, o herói pegou o fogo do gavião, que se transformou definitivamente em bicho. Outras versões (OLIVEIRA, 1970, p. 232; VILLAS BÔAS, C.; VILLAS BÔAS, O., 1972) contam que *Selã'ã* se fingiu de morto e com isso atraiu os urubus. O gavião então levou o fogo para que os urubus assassem a carne, e assim *Selã'ã* roubou o fogo dos urubus. Uma versão do mito menciona que *axiwa* se trata de um gaviãozinho de bico amarelo, (OLIVEIRA, 1970, p.231-232), chamado *toaneka*. A versão coletada pelos Villas Bôas (1972, p. 206-207) menciona que esse gavião faz um som parecido com *pinhé* e que *Selã'ã* atrai os urubus e o gavião transformando-se em uma anta morta. Ao compararmos a morfologia do Gavião-de-anta, principalmente a dos indivíduos jovens, e sua vocalização com essas informações e com as indicações de um de nossos informantes, acreditamos que esse gavião corresponda ao *tuwã maka* (Gavião-de-anta, *Daptrius ater*, Vieillot, 1816).

Tuwã maka é uma ave cujo canto é imitado pelo caçador em busca de antas. Lima narra um mito sobre a origem dessa ave, contada à pesquisadora por uma mulher juruna (LIMA, 1995, p. 383). Segundo o mito, uma mulher que recusava os homens apaixona-se por uma anta, no tempo em que os animais eram gente. Os homens se revoltaram e mataram o animal. A mulher, que pintava seu amante com urucum, desconfiou do ato ao ver uma caça com as mesmas marcas que ela fazia em seu amante. Saiu então em busca da anta, chamando-a com um assovio, como costumava fazer. Sem sucesso, moldou uma andorinha, *urũ* (aves das famílias *Hirundinidae* [Rafinesque, 1815] ou *Apodidae* [Olphe-Galliard, 1887]), com argila, que saiu voando, e um porco que fugiu pela floresta.

Ela mesma transformou-se em *tuwã maka*, ‘criação da anta’, passando a sua vida próxima ao seu namorado, cuidando de sua pelagem. O Gaviã-de-anta é uma ave que se alimenta dos carrapatos da anta, portanto, a presença da ave é sinal da presença desse mamífero por perto.

4.2. O que os Juruna aprenderam com as aves

Diferentemente da maioria dos heróis culturais tupi-guarani, Sela’ã não ensinou o cultivo da mandioca aos Juruna, ao contrário do que afirmam os irmãos Villas-Bôas (1972). Ainda que o herói tenha ensinado quase tudo aos Juruna, eles afirmam que a origem da agricultura não é uma história de Sela’ã (LIMA, 1995, 45-46). As plantas cultivadas, nascidas das cinzas de uma serpente, tiveram sua cultura ensinada aos homens pelo pássaro *witxitxi* (Pipira-vermelha, *Ramphocelus carbo*, Pallas, 1764). De acordo com o mito coletado por Ferreira (1994, 158-165), antigamente os Juruna se alimentavam de um bicho parecido com a sucuri, *tuwĩ*, que ficava dentro da terra. Quando a terra estava alta, eles cavavam até encontrar a sucuri e cada um pegava seu pedaço. Um dia, o bicho se cansou e se vingou. Prendeu todos que foram até ele, os levou para o rio e vários Juruna foram comidos pelo monstro. Diante disso, os parentes dos mortos procuraram o pajé grande, que segundo a versão coletada por Oliveira (1970) é Kumãhari, outro nome de Duká, a onça preta que é pai de Sela’ã. O pajé mandou que os Juruna fizessem uma roça em volta do lugar onde a sucuri estava e colocassem fogo. Até então os Juruna não sabiam fazer roça. Em seguida, eles atearam fogo no mato derrubado, que foi chegando até o centro, onde estava a sucuri. *Tuwĩ*, que estava amarrada por um espírito enviado pelo pajé, se retorceu e gritou. Choveu durante dois meses, durante os quais, os Juruna, que só se alimentavam de casca de pau, *ywiaipá*, segundo Oliveira (1970, p. 235), ou pau podre (*epa ikuta*), segundo Fargetti (2001, p. 278), se alimentaram apenas de jabuti, que o pajé lhes havia dito para caçar. Quando a chuva parou, o pajé mandou um homem à roça, onde havia melancia, mandioca, banana, pimenta e outras plantas cultivadas. Um juruna não sabia que aquilo era comida e tentou assar a melancia, comeu a pimenta pura e não soube preparar a mandioca. Ele encontrou, então, um passarinho comendo no pé de mamão, o *witxitxi*. O passarinho virou gente e falou

com o Juruna, dizendo que havia muita comida ali. O *witxixti* ensinou aos Juruna que a melancia se come crua, a pimenta se come com peixe, que a mandioca deve ser colocada na água para tirar o veneno, como fazer caxiri e que a cabaça serve para fazer cuia. Depois de ensinar como consumir os alimentos cultivados, o passarinho disse para o Juruna contar aos outros tudo o que havia ensinado e que não podiam ficar bravos se encontrassem *witxixti*, dono da plantação, comendo mamão ou banana.

O *pakuĩ*, (Águia-pescadora, *Pandion haliaetus*, Linnaeus, 1758) é outra ave relacionada à plantação e aos alimentos. Lima (1995) relata que testemunhou uma ave dessas que sobrevoava o rio ser abatida e deixada em uma roça velha. Segundo a autora, os Juruna lhe disseram que *pakuĩ*, uma ave com grande habilidade de pesca, possui várias drogas que atraem os peixes e que se deixada em uma roça fará nascer várias espécies de plantas, cada uma com o poder de atrair um tipo de peixe. De acordo com os Juruna, (LIMA, 1995, p. 115), assim como *pakuĩ* consegue atrair e capturar peixes, se usarem suas plantas, cultivadas e testadas para que se descubra seu efeito específico, também terão sucesso na pesca. Além disso, em nosso trabalho de campo, nos foi dito que as garras do *pakuĩ* são passadas nos braços das crianças do sexo masculino, transmitindo a habilidade da ave para os pescadores.

4.3. Aves com histórias

Ferreira (1994, p. 133-150) apresenta três variações de um mito que conta a história da preguiça, *iriana*. A história narra uma série de casamentos da preguiça com outros animais que demonstram alguma habilidade especial em conseguir alimentos. Sempre que seu genro traz para casa o resultado da caça, pesca ou coleta, o pai da preguiça diz também dominar a técnica utilizada e sai no dia seguinte com sua mulher para demonstrá-lo. No entanto, por se tratar de uma mentira, acaba sendo malsucedido e se machucando, o que o leva a brigar com o genro. A cada briga do pai, a preguiça perde o marido e se casa novamente. Entre os maridos da história estão o martim-pescador, *adura bi'ibi'i* (*Chloroceryle amazona*, Latham, 1790), e a juriti, *aberi urahihĩ* (*Leptotila verreauxi*, Bonaparte, 1855). O martim-pescador leva a anta para passear e vai com ela pegar peixes.

Para isso sobe em um pau, defeca na água, e, quando os peixes vêm à superfície comer suas fezes, pula na água e os captura. Depois disso os prende em um cipó e leva-os para casa. Seu sogro, ao tentar imitá-lo, cai na água e quase se afoga, fica bravo e manda o martim-pescador embora. A juriti, por sua vez, ao levar a preguiça para passear, decide pescar bebendo toda a água de uma lagoa e jogando fora a água em outro lugar. Com a lagoa seca, pega os peixes e leva-os para casa. O pai da preguiça, ao imitá-lo, fica com a barriga cheia de água e manda-o embora.

Lima (1995, p. 81-82) menciona que o *xikãxikã*, Chincoã (*Piaya cayana* (Linnaeus, 1766), é um mensageiro de ataques dos Txukahamãe, nome pelo qual os Juruna se referem aos Kayapó. Em 1998, em meio a uma crise envolvendo a administração da FUNAI, a direção do Parque Indígena do Xingu e chefes indígenas, havia a iminência de um ataque dos Txukahamãe. Os Juruna se refugiaram no Posto Indígena Diauarum após ouvirem o canto do *xikãxikã* para preparar a resistência ao ataque, que acabou não acontecendo.

Algumas aves estão relacionadas à chuva. Lima (1995, p. 97) menciona uma gaivotinha que protege durante a chuva, *tatarayã* (Corta-água, *Rynchops niger*, Linnaeus, 1758). A autora também relata que os meninos costumam perseguir as aves chamadas *amana idjai*, ‘mãe da chuva’ (Maçarico-pintado, *Actitis macularius*, Linnaeus, 1766), contrariando as orientações dos adultos para que não o façam, pois essas aves são protegidas pela chuva e se forem maltratadas pode haver tempestade. A chuva mantém sob sua proteção quase todos os animais, mas protege principalmente as aves cujo ciclo de vida está relacionado com o início da estação chuvosa. É o caso das aves que estabelecem seus ninhos nas ilhas de areia do rio durante a vazante, e tem o nascimento de seus filhotes marcando o fim da estação seca. A autora menciona que no fim da estação chuvosa, uma ave chamada *ezi*¹⁷ anuncia ao matrinxã, ao pacu e ao curimatã, a chegada do verão e canta durante a noite nos lagos para que os peixes se mudem para o rio Xingu, onde são encontrados durante a estação seca (LIMA, 1995, p. 91-2).

¹⁷ Essa ave não foi identificada pelos Juruna no material utilizado durante a pesquisa.

Além de fenômenos meteorológicos, há as aves ligadas ao céu. Como nota Oliveira (1970, p.248), além dos humanos que moram no céu, os *Alapá*, há animais que aparecem no firmamento a noite, como *kanapi*, Biguatinga (*Anhinga anhinga*, Linnaeus, 1766), que corresponde à constelação do Cruzeiro do Sul. De acordo com o mito coletado por Fargetti (2006), essa ave era gente e devido a uma relação proibida com *kurukuru*, Cococoró (*Mesembrinibis cayennensis*, Gmelin, 1789) partiu para o céu e transformou-se em estrela, enquanto *kurukuru* transformou-se em bicho. Segundo a autora, a constelação de *kanapi* é um importante marco do calendário juruna, uma vez que sua posição é uma das referências da passagem do ano.

As aves também são importantes no desenvolvimento das crianças. Segundo Lima (1995, p. 182), a infância é um período em que se submete a criança a vários ritos que visam desenvolver nelas certas habilidades. O entendimento é desenvolvido utilizando-se a cabeça de um Japiim (*Cacicus cela*, Linnaeus, 1758), *ilu*, ou uma erva chamada “droga do Japiim” que são esfregadas nas orelhas da criança. Para os Juruna, a audição é o sentido da moral e da linguagem, portanto para ouvir, compreender mensagens, obedecer às regras, memorizar narrativas, etc, é necessário uma boa audição. O Japiim é utilizado por “ouvir muito” e ser capaz de aprender diversas vozes, seja de pássaros ou de outros animais. Em nosso trabalho de campo, os Juruna também afirmaram utilizar a língua dessa ave e do Guaxe (*Cacicus haemorrhous*, Linnaeus, 1766), *ilu idika*, outro notório imitador de vozes, para desenvolver a habilidade da linguagem nas crianças.

Ao final da vida as aves também estão presentes. Quando alguém morre, sua alma segue através da floresta até a aldeia dos *yanaĩ*. No caminho pelo qual segue a alma fraca e debilitada, estão pousados nas árvores as aves *kakĩ pīxixĩ*, Cancã (*Cyanocorax cyanopogon*, Wied, 1821), e *wapã ded*, Rapazinho-estriado (*Nystalus striolatus*, Pelzeln, 1856) que a acompanham. Durante nosso trabalho de campo os Juruna nos relataram que *wapã ded* e *kakĩ pīxixĩ* são aves que podem atrapalhar a alma em seu caminho até a aldeia dos *yanaĩ*, levando-a aos marimbondos, *audu*. O canto dessas aves é um sinal de perigo, de doença ou morte. Na versão de Lima (1995, p. 223) para o comportamento dessas aves, elas levam a alma até a aldeia dos *yanaĩ* e, quando estão por perto, seu canto indica

perigo, uma vez que “de tanto ouvir o chamado para seguir o caminho do além, a alma de um vivente pode decidir obedecer”. Ao chegar à aldeia dos mortos, a alma é recebida pelos *yanaĩ*, que lhe dão banho. Em nosso trabalho, nos foi dito que a juriti, *aberi urahĩĩ*, é que desempenha esse papel.



Karara. Biguatinga, *Anhinga anhinga* (Linnaeus, 1766). [Tawaiku Juruna, lápis aquarelável, giz de cera e grafite, 210 x 297 mm, 2011.]

5. Os nomes para aves em Juruna

Em Juruna, os nomes constituem uma classe aberta e desempenham a função de núcleo do sintagma nominal (SN) em função de argumentos de verbos e de posposições, como podemos observar em (01). Morfologicamente, os nomes em Juruna podem receber predicativizadores. Isso pode ocorrer nas orações com predicado não-verbal, desde que seja acrescido ao nome o sufixo predicativizador *-ha*. Nessa língua, os nomes podem ser modificados por elementos que expressam posse (como os clíticos ou outros nomes em compostos genitivos), demonstrativos, numerais e estativos (a categoria de verbo estativo será discutida na seção 6).

(01) *Marakuakuã nasusu ixu anu*

urutau borboleta comer ASP

‘O urutau come borboleta’

Em Juruna, caso possuam o traço [+humano], a categoria de número pode ser marcada por um morfema pluralizador. O singular é representado pelo morfema zero e o plural é representado pelo morfema {-i}, como em *idja* e *idjai*, (‘mulher’ e ‘mulheres’), e *senahĩ* e *senahĩi* (‘homem’ e ‘homens’). Os nomes que possuem o traço [-humano], que não são marcados por morfema pluralizador, são modificados por numerais, coletivos e quantificadores (Cf. FARGETTI, 2001, p.111; FARGETTI, 2010; LIMA, 2008, p.3).

Não há morfemas que codifiquem a categoria de gênero em Juruna¹⁸, podendo haver heteronímia. Em relação aos nomes de aves ocorre heteronímia apenas com a denominação da espécie Mutum-de-penacho, *Crax fasciolata* (Spix, 1825), *takũ: miratu* (macho) x *suuruhũ* (fêmea). Nos demais nomes para aves, o gênero é marcado pelo acréscimo de *idja* ou *senahĩ* ao nome da ave: *txãrina idja* (galinha) x *txãrina senahĩ* (galo).

¹⁸ Entretanto, pesquisas sobre nomes próprios iniciadas por Fargetti (2010) apontam que pode ter havido distinção morfológica de gênero na língua juruna.

5.1. Categoria de posse

Em sua *Gramática do Kamaiurá*, Seki (2000, p.54) afirma que o contraste entre nomes alienáveis e inalienáveis se manifesta no comportamento dessas unidades com relação à expressão de posse. Devemos ressaltar que a noção de inalienabilidade não é um padrão semântico universal, variando de língua para língua. Entretanto, em relação à forma, os nomes denominados inalienáveis apresentam obrigatoriamente marca morfossintática de posse. Em Kamaiurá, Seki (2000, p.54) subdivide os nomes em três categorias semânticas: inalienavelmente possuídos, que ocorrem sempre acompanhados de prefixos relacionais, nomes alienavelmente possuídos, que podem ou não ocorrer com prefixos relacionais, e nomes não possuídos, que não admitem prefixos relacionais.

Na língua juruna, os nomes também podem ser subdivididos em possuídos (inalienáveis e alienáveis) e não possuídos. Ao realizarmos a coleta de nomes de partes do corpo de um galináceo, observamos que não há apenas nomes inalienavelmente possuídos para se referir a esse campo semântico. Nomes alienavelmente possuídos também podem designar partes do corpo de uma ave, como será demonstrado.

Os nomes inalienavelmente possuídos em Juruna são acompanhados pelo que Fargetti (2001, p.146) denomina clíticos que expressam posse, e não prefixos. Essa posição é assegurada pelos seguintes fatores: em Juruna, esses elementos podem se acoplar a palavras de diferentes categorias (como nomes e verbos); são as propriedades fonológicas do hospedeiro que definem a forma desses clíticos (como a alomorfia – presença ou ausência de vogal – e localização do tom e do acento – em alguns casos, a primeira sílaba constituída pelo clítico passa a ter tom alto pelo processo de assimilação); e inexistência de idiossincrasias semânticas para os clíticos, o que ocorre com os prefixos relacionais listados por Seki, por exemplo (2000, p.55-58).

Em Juruna, os clíticos são elementos pronominais que ocorrem com os nomes, codificando o possuidor, e com verbos transitivos e posposições, codificando o objeto (cf. FARGETTI, 2001, p. 146-151). Conforme a alomorfia apresentada, a pesquisadora divide os clíticos em Juruna em duas séries formais:

Tabela 4: Clíticos divididos em duas séries formais. Fonte: Fargetti, 2001, p. 146

	Série I	Série II
1s	u	u ∞ Ø
2s	e	l
3s	i ∞ Ø	i ∞ Ø
3s refl.	du	du
1p (ex)	ulu	ul
1p (in)	se	s
2p	esse	es
3p	 i se ∞ ise 	 i se ∞ se
3p	 abīdai i ∞ abīdai 	 abīdai ∞ abīdai se

Os clíticos são divididos em duas séries de acordo com o condicionamento fonológico: os clíticos da série I ocorrem com radicais iniciados por consoantes, e os pertencentes à série II ocorrem com radicais iniciados por vogal. De acordo com Fargetti (2001, p.146), os elementos das duas séries se comportam de maneira semelhante em relação à morfologia e à fonologia: apresentam o mesmo tipo de alomorfia e o mesmo comportamento suprasegmental (tom baixo e ausência de acento).

Como explicitado na metodologia, os nomes para partes do corpo foram coletados em 2009, e nos trabalhos de campo realizados em 2011 e 2012 foi possível filmar a preparação de um galináceo. Os vídeos gravados foram comparados às ilustrações presentes em Baumel et al, 1993; Gill, 2007; Hildebrand, 1995; Macbride e Shipley, 1920; Pough, Heiser, McFarland, 1999; Schmidt-Nielsen, 1999; Sick, 2001; Videler, 2005; Yasuda, 2002;

Os nomes para partes do corpo são compostos majoritariamente por nomes inalienavelmente possuídos. Abaixo, apresentamos, primeiramente, os nomes que se referem à parte exterior das aves, e, em seguida, os nomes referentes ao interior delas. Na primeira coluna de cada tabela estão os nomes em ordem alfabética, sem a marca do possuidor; já na segunda coluna, apresentamos os nomes com os clíticos que marcam a terceira pessoa do singular (quando se tratam de nomes inalienavelmente possuídos); na terceira

coluna, é apresentada a glosa em português; e na quarta coluna, um equivalente em português, de acordo com a terminologia dos manuais de zoologia e fisiologia mencionados acima.

Tabela 5: Partes do corpo relacionadas à cabeça da ave

Nomes em Juruna	Clítico em 3s + N	Glosa	Equivalência
'ã	i='ã	'nariz', 'bico'	'maxila'
'ã kua	i='ã kua	Lit. 'buraco do nariz'	'narina'
apisa	apisa	'alto da cabeça'	'píleo'
atĩrĩ	atĩrĩ	'crista'	'crista'
atxupã	atxupã	'testa'	'fronte'
itaba	i=taba	'cabeça'	'cabeça'
kuã	i=kuã	'língua'	'língua'
lasa	i=lasa	'barbela'	'barbela', 'barbilhões'
nakuatapi	nakuatapi	'canto da boca'	'rictos', 'ponto de união entre as maxilas das aves'
napa'a	napa'a	'mandíbula'	'mandíbula'
napiukaa	napiukaa	'ouvido'	'auriculares'
se'a	i=se'a	'olho'	'olho'
se'a i=ta'	i=se'a i=ta'	'lábio do olho'	'pálpebra'
takueha	i=takueha	'sobrancelha'	'linha superciliar', 'sobrancelha'

Tabela 6: Partes do corpo relacionadas ao tronco das aves

Nomes em Juruna	Clítico em 3s + N	Glosa	Equivalência
'ũ	i='ũ	'pescoço'	'pescoço'
abe	abe	'costas'	'dorso'
awiya	awiya	'nuca'	'nuca'
a	i=b a	'axila'	'axila'
padja	i=padja	'peito'	'peito'

Tabela 7: Partes do corpo relacionadas às penas das aves

Nomes	Clítico em	Glosa	Equivalência
--------------	-------------------	--------------	---------------------

em	3s + N		
Juruna			
bitaha	i=bitaha	‘um tipo de conjunto de penas’	‘pequenas coberteiras superiores da asa e demais penas de contorno’
hurube	i=hurube	‘penas que recobrem o pescoço da ave’	‘penas de contorno que recobrem o pescoço das aves’
inazaha	i=nazaha	‘penas que se localizam abaixo das penas maiores’	‘sempiomas’
peba	peba	‘um conjunto de penas da asa’	‘rêmiges secundárias’
peūrīta	peūrīta	‘pena que recobre o 1º dedo da mão da ave, o polegar’	‘álula’
pewa urahīhī	i=pewa urahīhī	Lit. ‘pena grande da asa’	‘rêmiges primárias’
pewa xixĩ	i=pewa xixĩ	Lit. ‘pena pequena da asa’	‘grandes coberteiras superiores da asa’
wata	wata	‘pena da cauda’	‘retrizes’ (aves), ‘vagina’ (mulheres)
xitaha	xitaha	‘tipo de pena’	‘coberteiras inferiores da cauda’

Tabela 8: Partes do corpo relacionadas aos membros inferiores das aves

Nomes em	Clítico em 3s	Glosa	Equivalência
Juruna	+ N		
’u’ã	i=’u’ã	‘óleo’	‘secreção lubrificante da glândula uropígia’
bīdaha	i=bīdaha	‘pé’	‘pé’
bīdaha padja	i=bīdaha padja	Lit. ‘peito do pé’	‘almofada metatarsal’, ‘planta do pé’
	i= kī	‘canela’	‘tarso-metatarso’
ua	i= kuakī	‘flanco’	‘flanco’
ma’ã	i=ma’ã	‘joelho’	‘articulação intertarsal’
maraxã	i=maraxã	Lit. ‘dedo do pé’	‘dedo do pé’
maraxã xipa	i=maraxã xipa	Lit. ‘dedo do meio’	‘dedo médio’, ‘terceiro dedo do

		do pé'	pé'
maraxã xixĩ	i=maraxã xixĩ	Lit. 'dedo pequeno do pé'	'dedo posterior (hálux)', 'primeiro dedo do pé'
pikuã	i=pikuã	'coxa'	'coxa'
u'ã	i=u'ã	'unha'	'unha'
xibia	i=xibia	'nádegas'	'crisso'
xibia kua	i=xibia kua	'ânus'	'abertura da cloaca'
xi i a ĩta'	i=xi ia ĩta'	'lábio do ânus'	'lábio da abertura da cloaca'

A tabela a seguir traz nomes referentes à anatomia do sistema digestório, sistema respiratório, sistema urogenital masculino e feminino e ao sistema ósseo das aves.

Tabela 9: Partes do corpo relacionadas ao sistema digestório, respiratório, urogenital e ósseo das aves

Nomes em Juruna	Clítico em 3s + N	Glosa	Equivalência
anĩma	anĩma	'cérebro'	'cérebro'
apeta	apeta	'sangue'	'sangue'
autxa	autxa	'esperma'	'esperma'
bĩa	i=bĩa	'fígado'	'fígado'
ili'i	i=li'i	'costela'	'costela'
kubekĩ	kubekĩ	'coluna vertebral'	'coluna vertebral'
lakaraha	i=lakaraha	'traqueia'	'traqueia'
matxã	i=matxã	'pulmão'	'pulmão'
mi' ũ ataha	i=mi'ũ ataha	Lit. 'estômago final'	'reto'
mi' ũ urah h	i=mi'ũ urahĩhĩ	Lit. 'estômago grande'	'papo'
mi' ũ xixĩ	i=mi'ũ xixĩ	Lit. 'estômago pequeno'	'intestino'
padja wĩ	padja wĩ	'osso do peito'	'esterno'
pa	i=pa	'osso'	'osso'
peu	peukĩ	'estrutura da asa'	'estrutura óssea que compõe a asa'

peu	peukĩ	lamelame	‘cotovelo da ave’	‘junta do cotovelo’
lamelame				
sawĩ	i=sawĩ		‘coração’, ‘alma’	‘coração’, ‘alma’
txabe	i=txabe		‘bile’	‘bile’
ubia	ubia		‘ovo’	‘ovo’
ubiayahã	ubiayahã		‘local onde fica o ovo’	‘oviduto’
waĩ a ha	i=waĩkaha		‘coração’	‘coração’
wãpĩa	i=wãpĩa		‘baço’	‘baço’
wĩria	i=wĩria		‘garganta’	‘garganta’, ‘esôfago’
xikaha	xikaha		‘moela’	‘moela’

No estudo comparativo entre nomes para partes do corpo em Juruna e em Xipaya, Fargetti e Rodrigues (2009) não chegam a resultados conclusivos sobre a inalienabilidade em Juruna. Uma hipótese levantada pelas pesquisadoras é a de que nomes para partes do corpo iniciados por vogal não apresentariam o clítico que indica posse, com exceção dos nomes iniciados pela vogal posterior alta arredonda [u], como em *iu’ã*, ‘unha’. Em *apĩsa*, ‘píleo’, *atĩrĩ*, ‘crista’, *atxupã*, ‘fronte’, *abe*, ‘dorso’, *awiya*, ‘nuca’, *anima*, ‘cérebro’, *apeta*, ‘sangue’ e *autxa*, ‘esperma’, verificamos que os nomes iniciados pela vogal central baixa [a] não recebem o clítico indicador de posse.

Entretanto, não é possível explicar fonologicamente e não foi encontrado um condicionamento semântico para a não marcação de nomes como *xikaha*, ‘moela’, *wata*, ‘retrizes’ (aves), ‘vagina’ (humanos), entre outros nomes para partes do corpo de aves. Acreditamos que a inalienabilidade esteja relacionada ao modo como os Juruna concebem o que é o corpo humano e não-humano, como ele funciona e qual é a relação entre as suas partes.

Fargetti e Rodrigues (2009) afirmam que, geralmente, os nomes para partes do corpo ocorrem com a marcação de 1 p incl (primeira pessoa do plural inclusiva), {se-}, em elicitções. Ao coletar os nomes para partes do corpo de um galináceo, observamos que a marcação presente é de 3s (terceira singular), {i-}. Lima (2002, p.12) afirma que *se-biza* corresponde ao “conjunto das partes do corpo humano (conforme assinala o pronome [sic] possessivo inclusivo, *se-*), a

alma inclusive”. A autora ressalta que *se-biza* não se define por oposição à alma, mas por oposição a *i-biza* de outras espécies, como de *ekũ bi a*, ‘corpo de gavião’. A definição de corpo é dada não por sua visibilidade em oposição à invisibilidade da alma, já que aquilo que é visto pela pessoa depende mais da capacidade do observador do que de uma propriedade daquilo que é visto (espíritos que não são vistos pela maioria das pessoas, estão no campo visual do xamã, por exemplo). Segundo Lima (2002), para os Juruna, a perspectiva é fundamental na constituição da pessoa, pois é a perspectiva que a define em relação às demais, em vez da aparência ou de propriedades físicas. Corpos humanos e não-humanos, portanto, diferenciam-se primordialmente por serem ditos ‘nossos’ ou ‘de outro’, sendo a distinção entre *i-biza* e *se-biza* fundamental para a própria noção de corpo e de pessoa para os Juruna.

Assim, o fato de Fargetti e Rodrigues (2009) afirmarem que os nomes inalienáveis para partes do corpo recebem, majoritariamente, marca de 1p incl, já que se referem ao corpo humano, e nossa coleta para partes do corpo de um galináceo apresentar todos os nomes inalienáveis com marca de 3s não deve ser tomado como um dado auto-evidente. Um linguista de campo tem que estar atento para o modo como cada povo conceptualiza suas relações (mesmo em casos em que a referência pareça clara e equivalente, como a relação entre o corpo e a identidade pessoal). Para um trabalho lexicográfico a ser desenvolvido sobre a língua juruna, além da discussão sobre o tratamento das entradas de nomes inalienáveis, isto é, se elas devem ou não vir expressas com a marca do clítico indicador de posse, deve haver uma reflexão sobre qual clítico seria o mais adequado, se em 1p incl ou 3s. Já que, além de uma discussão linguística, também está em jogo uma questão de equivalência entre aparatos culturais distintos.

A grande quantidade de nomes para partes do corpo das aves e o grande grau de detalhamento dessas denominações evidenciam a relevância cultural desses animais para o povo juruna (observar a tabela em que estão presentes os nomes para penas em Juruna). A unidade lexical *i’u’ã* refere-se ao óleo rico em ceras, ácidos graxos, gordura e água secretado pela glândula uropígia, que se localiza na parte traseira da maioria das aves (GILL, 2007, p.102). Esse óleo,

i'u'ã, é aplicado externamente com o bico, e limpa as penas, não permitindo que elas fiquem quebradiças, como informado pelos Juruna.

A coleta de nomes da parte do corpo das aves, além de fornecer um interessante material sobre inalienabilidade ou não dos nomes que compõem esse campo semântico, ainda nos mostra aspectos sobre a relação entre humanos e não-humanos na cosmologia juruna.

É interessante ressaltar que durante as coletas, os informantes fizeram a todo o momento analogias do corpo da ave com o corpo humano, salientando as semelhanças e as diferenças, o que seria o resultado de um processo de transformação. Na asa de uma ave, o primeiro dedo da mão (polegar)¹⁹ e as penas que nele estão inseridas formam a álula. Segundo Hildebrand (1995, p.580), a álula tem entre dez e trinta por cento do comprimento da asa e, quando erguida, cria uma fenda alar que desempenha um papel essencial durante o voo (aterissagem e decolagem) das aves. A álula em Juruna é chamada de *peũrita* (Figura 3). De acordo com os informantes, *peũrita* é um resquício de um tempo em que os animais eram potencialmente humanos. O momento de separação é narrado no mito da “festa das araras”, ocasião em que a maioria das aves se transformou definitivamente em animais.

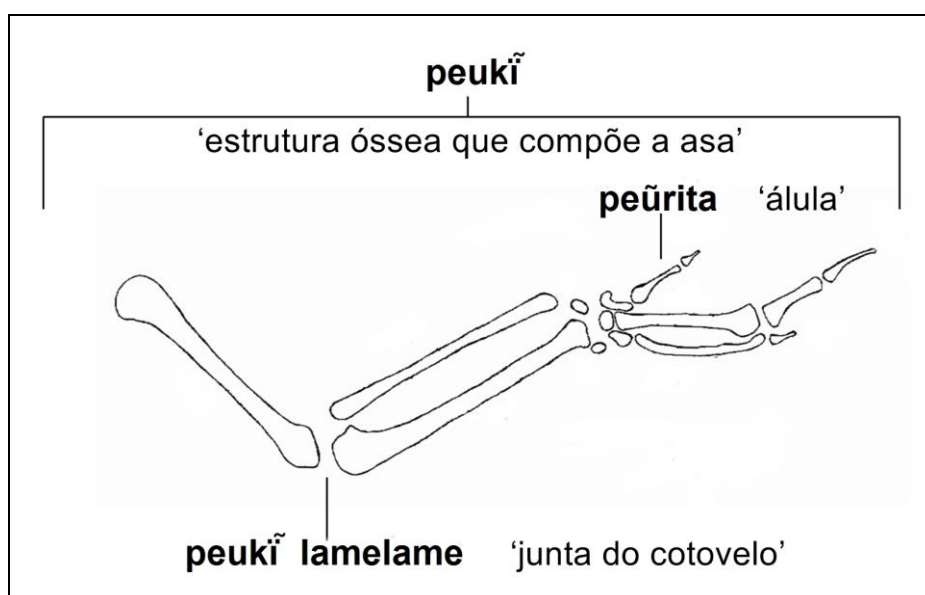


Figura 3: Imagem dorsal dos elementos ósseos da asa. Adaptado de Yasuda (2002, p.119)

¹⁹ Terminologia utilizada por Sick (2001, p.87)

Os informantes nos mostraram, por exemplo, pela estrutura da asa da ave, *peũkĩ*, as semelhanças anatômicas entre humanos e esses animais. A unidade lexical *peũkĩ lamelame* corresponde ao ‘cotovelo das aves’ (“junta do cotovelo”), enquanto que *iũkĩ lamelame* corresponde ao “cotovelo de seres humanos”. Isso somado à ocorrência de unidades lexicais como *peba*, *peũrita* e *i=pewa*, nos faz levantar a hipótese de que {pe-} seja um morfema relacionado semanticamente à asa.

Como é possível observar na última tabela desta seção, coletamos duas unidades lexicais em Juruna correspondentes a “coração”: *iwaĩkaha* e *isawĩ*. *Iwaĩkaha* é o equivalente de “coração”, com a acepção “órgão muscular oco dos vertebrados, na cavidade torácica, que recebe o sangue das veias e o impulsiona para dentro das artérias” (HOUAISS, 2009). Já *isawĩ*, está localizada no coração, e não haveria um equivalente em português. Corresponderia, talvez, a “princípio vital”, a “alma”²⁰. Quando um ser morre, é *isawĩ* que precisa seguir o seu caminho até *Txãrina Isamĩ*, ‘espírito do galo’, localizado à margem leste do rio Xingu, composto por rochedos que abrigam as “almas” dos mortos²¹. *Txãrina Isamĩ* nunca foi habitada pelos Juruna, e recebe este nome porque algumas pessoas já ouviram o canto de um galo nesse local. Não é possível caminhar por muito tempo por esses rochedos, porque há o risco de perder o caminho de volta e também a sanidade. É um local de extrema importância para os Juruna, onde é possível encontrar muitos de seus remédios tradicionais.

Ao se trabalhar com a coleta desses nomes a partir da preparação de um galináceo, foi possível tomar conhecimento de alguns hábitos e tabus alimentares dos Juruna. A parte denominada *ixibia*, “crisso”, de galos e mutuns machos, por exemplo, é considerada um alimento afrodisíaco, podendo ser apenas consumido pelos homens. Já o cérebro, *anĩma*, de galos e galinhas, bem como de mutuns, é uma parte que apenas as mulheres podem comer. Caso os homens comam o cérebro dessas aves, fracassam na caça, e acabam não acertando a flecha em nenhuma outra ave. A carne de aves como *tarukawa*, Jacutinga (*Aburria*

²⁰ Lima também discute essa unidade lexical, *isawĩ*, em sua tese de doutorado (1995, p.139-140).

²¹ As “almas” que habitam esses rochedos passam a ser chamadas de *yanaĩ*.

jacutinga, Spix, 1825), *lahu* (Mutum-cavalo, *Pauxi Tuberosa*, Spix, 1825) e outras espécies é proibida durante a *couvade*.

A traqueia, *ilakaraha*, das aves *xuruku*, Socó-boi, *Tigrisoma lineatum* (Boddaert, 1783) e *patxawawa*, Biguá, *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin, 1789) é utilizada na confecção de colares. A traqueia é formada por anéis cartilagosos, que se localizam na frente do esôfago. Um barbante é então transpassado por esses anéis para formar o colar que será usado pela criança pelo tempo que esse material resistir. De acordo com os Juruna, o colar tem a finalidade de impedir que a criança se engasgue com espinhas de peixe, uma vez que as aves *xuruku* e *patxawawa* são capazes de engolir peixes inteiros.

Os Juruna arranham os braços das crianças do sexo masculino com as garras, *iu'ã*, da ave *pakuĩ*, *Pandion haliaetus* (Linnaeus, 1758), para que eles se tornem bons pescadores, e da ave *epa maka*, Gavião-Caburé, *Micrastur ruficollis* (Vieillot, 1817), para que eles tenham sucesso na caça, acertando o alvo ao atirar a flecha.

Os nomes para partes do corpo dão origem a vários padrões de polissemia. A unidade lexical *wata* tem como equivalentes “vagina” (mulher) e “retrizes”, ou seja, “penas da cauda” (aves). Acreditamos se tratar de um caso de polissemia, em que os dois significados partilham ao menos um sema. Entretanto, é necessária uma pesquisa mais aprofundada para sustentar o argumento de que se trata de uma unidade polissêmica e não de uma homonímia.

Parte substancial das metáforas obrigatórias (também denominadas “catacrese”) são construídas a partir do emprego de unidades lexicais relacionadas às partes do corpo, como em *ise'a ãta'*, ‘lábio de olho’, “pálpebra”, *bĩdaha padja*, ‘peito do pé’, “almofada metatarsal” (em português, utilizamos outra expressão metafórica para designar essa parte do corpo: “planta do pé”) e *ixibia ãta'*, ‘lábio da cloaca’, (em inglês é utilizada uma expressão metafórica equivalente à do Juruna, *lips of the vent*). Dessa forma, a documentação e análise das partes do corpo de uma ave permitem o estudo de fenômenos de extensão de sentido, bem como a compreensão de algumas características da relação entre humanos e não-humanos, e do lugar das aves na cosmologia do povo juruna. Mesmo com o rigor das coletas realizadas, não podemos deixar de ressaltar a necessidade de novos trabalhos de campo para o registro de nomes referentes, principalmente,

aos sistemas digestório, respiratório, urogenital e ósseo das aves na língua juruna.

5.2. *Maka*

Em Juruna, a posse pode ser expressa pelo clítico indicador de posse acoplado ao morfema marcador de posse {-*me*}, seguido pelo elemento possuído, núcleo do sintagma nominal:

(1) *u=me pīza*

1s=poss canoa

“Minha canoa”

A posse pode ser expressa também por justaposição, em que o elemento modificado é o núcleo da construção. Assim, quando relacionado à posse, o elemento possuído constitui o núcleo. Na língua juruna, essa justaposição ocorre sempre numa relação modificador-núcleo, constituindo o que Rodrigues (1996) chama de compostos genitivos. Essas construções seguem uma ordem rígida, em que o modificador sempre antecede o núcleo, constituído por um nome, como *pīza* em (1) e *iwaa* em (2):

(2) *Tarinu pīza*

Tarinu canoa

‘a canoa de Tarinu’

(3) *aparu abe itxa iwaa*

mandioca casca caldo dono

(Lit. ‘dono do caldo da casca de mandioca’), ‘Maria-cavaleira’ (*Myiarchus ferox*, Gmelin, 1789)

Fargetti (2010) afirma que o morfema {-*me*} designa posse obtida/conquistada: *u=me pīza*, ‘minha canoa’ (que construí), *u=me hula*, meu porco (que eu cacei); e que o nome *maka* é um indicador de posse relacionado

semanticamente à criação: *maka hula*, ‘porco que eu crio’, ‘meu porco’. Lima (1996, p. 38-39) afirma que a relação do caçador com a presa recém-capturada pode ser abordada a partir de duas perspectivas: “[o caçador] [d]irá ‘meu porco’ (*u-me-hu[l]a*), empregando uma categoria de posse segundo a qual o objeto possuído é de direito (e de fato) alienável”. Lima (1996, p. 38-39) acrescenta: “[o caçador] [d]irá ‘minha presa’ (*u-mita*), para exprimir que ela é uma parte inerente de si mesmo, o caçador”. Essas formas de se referir à posse, e particularmente a alienabilidade ou a inalienabilidade de animais de caça e animais de estimação nos leva a ter que considerar aquilo que Dixon (2013, p. 303) chama de “a variação semântica da construção possessiva nominal”. Segundo o autor, em inglês, por exemplo, a posse pode se referir a: a) propriedade [*ownership*]; b) relação parte-todo; c) relações de parentesco; d) um atributo de uma pessoa, animal ou coisa; e) uma afirmação de orientação ou localização; f) associação. Há ainda a categoria de coisas que não podem ser possuídas, como aponta Aikhenvald (2012, p. 169). Segundo a autora, a “[u]npossessability’ of items can be viewed as a matter of common sense”²², e que “different languages and cultures have different ‘common sense’ principles as to possessability”²³, sendo que “[w]hat is encoded as ‘unpossessible’ in grammar may reflect traditional attitudes to ownership”²⁴ (AIKHENVALD, 2012, p. 170, grifos da autora). Dixon (2013, p. 305-308) demonstra a dificuldade de se falar de posse [*ownership*] no caso do Dyirbal, Jarawara e Fijiano em relação aos nomes próprios e à língua, e dos mal-entendidos gerados entre os Nanti e o Estado peruano ou entre os aborígenes australianos e a sociedade australiana quando se referem à posse da terra. Desse modo, se não levarmos em conta os significados e pressupostos culturais envolvidos em construções do tipo ‘meu porco’, além das marcações na língua, corremos o risco de não entender nem como a língua se estrutura e nem as pessoas que a falam.

²² “[i]mpossessibilidade’ de itens pode ser vista como uma questão de senso comum”.

²³ “línguas e culturas diferentes podem ter princípios de ‘senso comum’ diferentes para a possessibilidade”.

²⁴ “aquilo que é codificado como ‘impossível’ na gramática pode refletir atitudes tradicionais de propriedade”.

5.2.1 A domesticação de animais nas terras baixas da América do Sul

Em um artigo a respeito da gênese das técnicas entre populações humanas, Philippe Descola (2002) questiona a razão da inexistência da domesticação de animais entre os povos indígenas das terras baixas da América do Sul. O autor parte do princípio de que a gênese das técnicas não é resultado de evoluções adaptativas, ou seja, as técnicas não corresponderiam ao desenvolvimento de respostas antecipadas a problemas adaptativos. As técnicas, como a domesticação de animais (entendida como o controle pelo homem de uma série de indivíduos da mesma espécie) só podem surgir se encontram uma potencialidade disponível entre aqueles que a desenvolvem e que essa potencialidade não seja negada. Assim, o desenvolvimento técnico, como atestam vários mitos ameríndios a respeito das diferenças entre as tecnologias indígenas e as tecnologias ocidentais (Cf. FAUSTO, 2002), implica em uma escolha e, muitas vezes, em uma recusa. Segundo Descola “uma nova técnica não seria adotada nessas sociedades se ela colocasse manifestamente em perigo a reprodução idêntica de objetivos do sistema socioeconômico e os valores sobre os quais ele se funda” (DESCOLA, 2002, p. 96), devendo “ser compatível com o conjunto do sistema técnico no qual ela venha a se referir” (DESCOLA, 2002, p. 97) e, “como toda técnica se resume a uma relação entre o homem e a matéria não-viva ou viva (nela compreendido ele mesmo), esta relação deve ser *objetivável*” (DESCOLA, 2002, p. 97, grifo do autor). Desse modo, a domesticação de animais, como a domesticação de plantas, só poderia ser retida pelos povos ameríndios se as condições técnicas, sociais e culturais já estivessem figuradas entre eles. Tornar o animal selvagem um animal doméstico implica em uma transformação radical na relação entre os homens e o mundo que eles consideram natural e, em especial, com os demais seres que habitam esse mundo. Não há nenhuma razão de ordem zoológica ou dos meios técnicos disponíveis que restrinjam a domesticação de animais nas terras baixas da América do Sul, o que é atestado pela prática comum de captura dos filhotes de animais abatidos durante a caça e que são mantidos em estado de semi-cativeiro e pela grande quantidade desses animais que pode ser observada nas aldeias

(Cf. CORMIER, 2003, VELDEN, 2012). No entanto, como apontam alguns etnólogos (DESCOLA, 2002; ERIKSON, 2013) os animais amansados não são mortos para obtenção de carne, ou se isso acontece é em situações rituais específicas ou fora das normas culturais presentes entre o grupo.

O problema dos ameríndios com a domesticação não está, portanto, na sua proximidade, captura ou manutenção em cativeiro, uma vez que animais apresentados pelos não-índios ou mantidos em um cativeiro longe das casas na aldeia são consumidos, como é, por exemplo, o caso das galinhas dadas aos Tupinambá pelos portugueses durante o início da colonização do Brasil (VELDEN, 2012) ou dos grupos da alta Amazônia que tiveram longo contato com os porcos criados pelos grupos andinos, que os consomem sem problema algum (DESCOLA, 2002). “Tratar-se-ia, pois, menos de uma repugnância em relação aos animais domésticos em geral do que uma repugnância em domesticar os animais passíveis de ser caçados” (DESCOLA, 2002, p. 103). Os animais que vivem na aldeia junto às pessoas não são comidos, como é demonstrado pelos casos bem conhecidos de projetos econômicos implantados entre povos indígenas que tentam estabelecer a criação de galinhas, gado ou peixes para que substituam outras fontes de alimentação, mas que acabam fracassando pelo desinteresse dos índios em se servir desses animais (Cf. VELDEN, 2012).

Os animais amansados que vivem nas aldeias não dão origem à domesticação, uma vez que essa transformação é inconcebível de acordo com o modo como a relação entre animais e humanos é representada na maior parte da América do Sul não-andina. Servir-se da natureza e daquilo que faz parte dela implica que essa natureza exista e que se possa dispor dela, o que não acontece entre os ameríndios das terras baixas sul-americanas, e em particular da Amazônia. Ali, “diferentemente do dualismo moderno que distribui humanos e não-humanos em dois domínios ontológicos mais ou menos estanques, as cosmologias amazônicas estabelecem uma diferença de grau, não de natureza, entre os homens, as plantas e os animais” (DESCOLA, 1998, p. 25). Nessas cosmologias, os animais são vistos como “sujeito sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens (DESCOLA, 1998, p. 27). Esse “hiper-relativismo” (DESCOLA, 1998), ou “perspectivismo” (LIMA, 1996; VIVEIROS DE CASTRO, 1996) é bastante diferente do

antropocentrismo ocidental, “para quem alguns animais são dignos de proteção em nome de supostas faculdades muito próximas daquelas dos humanos: a sensibilidade, o altruísmo, o amor materno etc.” (DESCOLA, 1998, p. 28). Na Amazônia, segundo esses autores, “o referente comum às entidades que povoam o mundo não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição” (DESCOLA, 1998, p. 28).

Outro problema que torna a objetificação da relação de domesticação dos animais pelos homens é que em diversas cosmologias amazônicas não se pode ser dono dos animais, pois eles já têm dono. Assim, na relação com os animais, principalmente na caça, é necessário negociar “com um espírito, o Senhor dos Animais, ou com um ser representando a figura prototípica da espécie” (DESCOLA, 2002, p. 106), a quem se oferece almas humanas, tabaco ou relações de parentesco. Portanto, a domesticação, exclusiva do domínio desses espíritos, só poderia ocorrer caso fosse transferida para os homens, transformando completamente a forma como são concebidas as fronteiras entre os mundos humanos e não-humanos, entre os animais de caça e amansados e a natureza e a cultura. Como afirma Descola (2002, p. 107), “a recusa da técnica de domesticação na América do Sul não-andina é pois menos o produto de uma escolha consciente [...] do que o efeito de uma impossibilidade [...] de transformar profundamente seu modelo de relação com o animal selvagem, e mais geralmente, com a natureza”.

A manutenção das diferenças entre os domínios do espaço doméstico dos animais de caça é explorada por Erikson (2013) para o caso dos Matis. Segundo o autor “a relação homem-animal só pode ser interpretada considerando-se a situação de rivalidade (sobretudo com os espíritos-donos da caça) que conduz a inserção dos animais no espaço doméstico dos homens” (ERIKSON, 2013, p. 16). Segundo Erikson (2013, p. 18), para os Matis, “tudo é cultura, inclusive a floresta que, acredita-se, foi plantada pelos animais ou espíritos que nela vivem e dela se alimentam”. Assim, cada parte do universo possui um dono, o que acarreta a necessidade de se tomar muito cuidado na delimitação dos espaços ocupados pelos homens, uma vez que criar espaços “civilizados” na floresta é o mesmo que tomar posse de um lugar dominado por animais ou entidades sobrenaturais (ERIKSON, 2013, p. 18). Portanto, os espaços humanos são espaços

conquistados dos animais pelos homens. A resolução do aparente paradoxo da presença de animais no espaço da casa comunal, *shobo*, de onde deveriam estar ausentes, está na definição de *wiwa*, ‘seres familiarizados’, que podem ser tanto plantas quanto animais. Essa ideia não envolve a noção de controle da reprodução de outros seres contida na noção de domesticação, mas antes a ideia de responsabilidade “por indivíduos deslocados de seus locais de origem para entrarem na esfera de influência dos humanos” (ERIKSON, 2013, p. 18). Os *wiwa* são seres intermediários, entre a domesticação e a selvageria. Toma-se muito cuidado, por exemplo, para que os xerimbabos não comam plantas que crescem em roças abandonadas, uma vez que poderiam absorver as características “ferais” daqueles vegetais selvagens que avançam sobre a civilização que fracassou ali, podendo também se tornar selvagens. O mesmo cuidado deve ser tomado pelos humanos com a presença dos xerimbabos nos espaços de residência, sob o risco de serem influenciados pelo caráter selvagem desses animais ou dos espíritos sobrenaturais que os controlavam anteriormente (ERIKSON, 2013, p. 20). A estratégia adotada, então, pelos Matis é a de humanizar esses animais, através, por exemplo, do emprego de termos diferentes para nomear o xerimbabo e seus ancestrais originais. Assim, os animais de caça e os animais na aldeia tornam-se terminologicamente diferentes. Além disso, aos animais familiarizados é dado o mesmo status dado às crianças, são enfeitados com miçangas, enterrados após a morte (em vez de irem para a panela), incorporados aos grupos de parentesco, etc. (ERIKSON, 2013, p. 21). Desse modo, “os animais não tendo e não podendo ter lugar algum na casa dos homens, na verdade estão por todos os lados, sendo, desde que são ali admitidos, considerados como membros plenos da comunidade” (ERIKSON, 2013, p. 26).

5.2.2 Os animais e seus donos

É importante estabelecer a diferença, antes de prosseguir, entre os termos usados para os animais de criação e domésticos. De acordo com Velden (2012, p. 109), na literatura etnológica das terras baixas da América do Sul é feita a distinção

no conjunto dos *animais de criação* (domésticos, domesticados, de estimação, de casa ou mascotes) entre *pets* – os animais introduzidos com o contato (cães, galinhas, gatos, coelhos, porcos, entre outros) – e o que denomina de *wild pets* ou *domestic wild animals* – ou seja, os animais nativos, cujos filhotes são capturados na floresta para serem criados nas aldeias, também denominados *animais familiares* ou *familiarizados*, ou ainda *xerimbabos* [...].

Assim, como exposto acima, há diferenças entre o processo de domesticação de animais, ausente ou restrito a animais introduzidos com a colonização nas terras baixas sul-americanas, e o processo de amansamento, bastante difundido entre os povos indígenas do continente e que inclui um grande número de espécies nativas.

Essa relação de amansamento pode ser considerada como algo que diz respeito não apenas à relação entre homens e animais, mas a um operador cosmológico (VIVEIROS DE CASTRO, 1993 *apud* FAUSTO, 2008, p. 348) de alcance mais geral, a saber, a relação de “maestria” (FAUSTO, 2008). Segundo Fausto (2008, p. 330) grande parte das línguas amazônicas “possuem um termo [...] que designa uma posição que envolve controle e/ou proteção, engendramento e/ou posse, e que se aplica a relações entre pessoas (humanas ou não-humanas) e entre pessoas e coisas (tangíveis ou intangíveis)” (FAUSTO, 2008, p. 330). A categoria de maestria supõe, de acordo com Fausto (2008, p. 333) uma relação, cuja categoria recíproca oscila entre “filho” e “animal familiar”, “ambas tendo como traço subjacente a ideia de adoção”. Desse modo, a “relação modelar de maestria-domínio seria, pois, a *filiação adotiva*, relação que não é dada”, mas constituída pela dinâmica da predação familiarizante (FAUSTO, 2008, p. 333, grifo do autor). O autor (FAUSTO, 2008, p. 333) caracteriza essa relação como: a) aplicável frequentemente à posse de certos bens materiais e imateriais; b) aplicável à relação entre pais e filhos adotivos estrangeiros (principalmente cativos de guerra), embora não aplicável à relação pais-filhos; c) não aplicável aos inimigos vivos autônomos, embora possa designar a relação entre matador e vítima após o homicídio; d) não aplicável aos animais de caça, mas aplicável a animais de estimação e à relação entre o xamã e seus espíritos auxiliares; e) aplicável à relação entre chefes e seguidores; f) aplicável à relação tanto entre humanos, quanto entre não-humanos e entre humanos e não-humanos.

A posse dos donos-mestres sobre seus xerimbabos é, portanto, diferente da noção de propriedade consagrada pelo liberalismo lockeano, por exemplo, segundo o qual a natureza e os animais foram criados por Deus para que o homem disponha deles (FAUSTO, 2008). Como já dito anteriormente, segunda uma lógica ameríndia, “o mundo não foi dado em comum aos humanos por uma divindade para que fosse apropriado” (FAUSTO, 2008, p. 337). Segundo Fausto (2008, p. 338), nesse(s) mundo(s) não há sujeitos autônomos de um lado e coisas apropriáveis de outro. No mundo do mito, ou seja, na origem do mundo, há uma “continuidade subjetiva, um fluxo comunicacional envolvendo todos os existentes”. “São justamente os donos virtuais, seres com capacidade criativa e transformativa, que engendrarão-fabricarão, por meio de suas ações e *de seus lapsos*, o mundo pós-mítico”, onde são estabelecidos os atributos “naturais” e “culturais” de cada espécie (FAUSTO, 2008, p. 338-9), que como vimos, são entendidos em termos diferentes do antropocentrismo ocidental. Esse(s) mundo(s) pós-mítico(s) estão divididos, portanto, em diversos domínios, que constituem o cosmos, e esses domínios possuem seus donos, ou seja, “*tudo tem ou pode ter um dono*” (FAUSTO, 2008, p. 339). Entretanto, o controle dos donos sobre os xerimbabos nunca é completo, uma vez que ela envolve uma relação, e, portanto, a manutenção da diferença e das potencialidades que essa alteridade carrega (a identidade entre dono e xerimbabo ou o cancelamento de potencialidade-alteridade do xerimbabo anularia a relação). A relação de maestria não é, portanto, segundo Fausto (2008), uma relação de domínio e controle completo, mas antes uma forma de se relacionar com a alteridade, ainda que assimétrica e ambivalente.

5.2.3 Os animais criados pelos Juruna

Os animais que são “criados” pelos Juruna (como designado pelos falantes) fazem parte de uma categoria sociológica e cosmológica mais ampla, do mesmo modo que em outros grupos ameríndios sul-americanos, como exposto acima, havendo modificação em seus nomes quando criados. A relação dono-criação, *iwaa*, ‘dono’ e *maka*, ‘criação’, exige, assim, que apresentemos algumas

considerações sobre como são pensadas as relações entre humanos e animais e os significados que categorias como “dono” e “criação” adquirem entre os Juruna.

De acordo com Lima (2005), um dos sentidos da ideia de *iwaa* é a de uma relação em que se é *iwaa* “daquilo que se protege ou garante a existência” (LIMA, 2005, p. 95), o que parece corresponder à nossa concepção de dono de um animal de estimação. Porém, é preciso considerar também que, além dessa ideia ter outros sentidos e constituir uma categoria ampla por meio da qual os Juruna pensam suas relações, nossa forma de ver e de se relacionar com os animais são muito diferentes. Isso não significa dizer que os índios sejam eles mesmos essencialmente diferentes de nós ou, como aponta Descola, “ceder a um relativismo cultural desenfreado” (DESCOLA, 1998, p. 34), mas admitir que nosso antropocentrismo “possui raízes muito diferentes do deles”, ou ainda como afirma Viveiros de Castro (2002), pode nem se tratar de um antropocentrismo.

Segundo Lima (1999, p. 45), para os Juruna, “quem pensa ou vive procede como os humanos: os animais têm, nesse sentido, consciência de sua própria humanidade, agem de acordo com isso e consideram os humanos propriamente ditos como seus semelhantes”. Porém, é importante ressaltar que os Juruna distinguem as ordens da humanidade, natureza e sobrenatureza (as três grandes ordens dos seres vivos) “inventariando cada caso e distinguindo o que é humano, divino e animal na classe dos humanos, na classe dos animais e na dos espíritos” (LIMA, 1999, p. 46). Viveiros de Castro também lembra que a “personitude” é uma questão de grau e de situação, não sendo característica fixa de determinadas espécies (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 353).

Podemos compreender então que, sendo os animais parte do universo social e da cultura, uma categoria como *iwaa* não esteja relacionada apenas a animais de estimação, colocando em questão também o significado do seu par *maka*. Os Juruna traduzem o termo *iwaa* como “dono”, que, como visto acima, Fausto (2008) define como uma categoria indígena que “transcende em muito a simples expressão de uma relação de propriedade ou domínio” (FAUSTO, 2008, p.329). Segundo o autor, um dos traços importantes da relação entre dono e xerimbabo “é a assimetria: os donos controlam e protegem suas criaturas, sendo responsáveis por seu bem-estar, reprodução, mobilidade, etc. A assimetria implica não só controle, mas cuidado” (p. 333). Uma das acepções de *iwaa* é

justamente a proteção e a garantia da existência de algo. Assim, um dos critérios para ser considerado *maka*, ‘criação’, é o fato de haver um responsável pela alimentação desses animais. Se estabelecemos uma gradação nessa relação *iwaa-maka*, podemos notar que, para os Juruna, a relação entre humanos e cães e gatos não atende a esses critérios de proteção e cuidado, uma vez que esses animais ficam soltos pela aldeia e se alimentam daquilo que encontram, a exemplo das galinhas criadas pelos Tupi da Costa que impressionavam os cronistas do século XVI e XVII (Cf. VELDEN, 2012).

Segundo Lima, a tempestade – temida pelos Juruna pelo seu poder de destruição – é, em certos casos, uma “vingança da chuva contra as pessoas que ‘ridicularizam’ os animais, rindo deles, dirigindo-lhes a palavra ou dando-lhes alimentos impróprios (por exemplo, peixe a uma arara; fruta a um martim-pescador)” (LIMA, 2005, p. 181). Quando um animal de estimação é vítima de uma brincadeira infantil, mutucas e piuns avisam a chuva, que se vinga com a tempestade e granizos. Quando as crianças não obedecem às recomendações dos adultos para não ridicularizar os animais ou lhes dar o alimento impróprio, a solução seria simular uma vingança antecipada, de modo a dissuadir a chuva.

De acordo com Lima “existem *iwaa* de pessoas como de coisas, de ambientes como de seres, de humanos como de animais, ou mesmo de pessoas” (LIMA, 2005, p. 95). Pode-se ser *iwaa* também daquilo pelo que se tem predileção: “incontáveis foram as vezes em que os Yudjá foram definidos para mim como *iwaa* de cauim, de canoas ou do rio Xingu, isto é, como produtores de bebidas fermentadas e navegadores” (LIMA, 2005, p. 95). Por fim, se é *iwaa* daquilo que se faz existir. Nesse sentido, *iwaa* é também uma ideia relacionada a acontecimentos coletivos da vida juruna, em que o *iwaa* do cauim, de uma roça ou de uma casa agrega os outros em torno da atividade produtora daquilo de que é *iwaa*, sendo, como afirma Lima, uma importante relação que produz a vida coletiva juruna (Cf. LIMA, 2005, p.94ss).

Assim, *iwaa* sendo uma categoria que diz respeito a atividades sociais e os animais sendo participantes da vida social e cultural juruna, a criação de animais, os *maka*, levanta questões sobre seu significado. A partir das informações de que dispomos a respeito da posição dos animais nas cosmologias indígenas amazônicas e da abrangência da ideia de *iwaa*, par relacional de *maka*,

destacamos a importância dessa unidade lexical, que pode indicar uma forma de relação entre humanos e animais ainda a ser esclarecida.

5.2.4 Nomes referenciais e vocativos

Dienst e Fleck (2009) comparam dados de línguas pertencentes às famílias Arawak, Arawa, Katunina e Pano, faladas no sudoeste da Amazônia, e afirmam que elas possuem um conjunto de termos vocativos para chamar animais que são domesticados, isto é, que estão habituados ao convívio humano. Os autores defendem as hipóteses de que esses vocativos, na maioria das vezes, não estão relacionados aos nomes referenciais das espécies correspondentes e que esses termos variam bastante entre línguas da mesma família, ao contrário do que acontece com os nomes referenciais.

Os pesquisadores compararam dados de línguas pertencentes às famílias Arawak, Arawa, Katunina e Pano, faladas no sudoeste da Amazônia, e afirmam que elas possuem um conjunto de termos vocativos para chamar animais que são domesticados, isto é, que estão habituados ao convívio humano. Os autores defendem as hipóteses de que esses vocativos, na maioria das vezes, não estão relacionados aos nomes referenciais das espécies correspondentes e que esses termos variam bastante entre línguas da mesma família, ao contrário do que acontece com os nomes referenciais.

Dienst e Fleck (2009, p.210) observaram que várias famílias linguísticas possuem um conjunto especial de unidades lexicais para chamar os animais de estimação e que *“those words generally cannot be used as referential nouns and they are not proper names, since all pets of the same species are called by the same word. We therefore refer to them as pet vocatives”*²⁵. Para os autores, os animais que possuem vocativos de animais de estimação, particularmente os animais para os quais esse fenômeno ocorre nas línguas analisadas no artigo, compõem um pequeno subconjunto do grande número de espécies animais presentes na área de floresta estudada. Eles (2009, p. 230) defendem a hipótese

²⁵ “Essas palavras geralmente não podem ser usadas como nomes referenciais e eles não são nomes propriamente, uma vez que todos os animais de estimação de uma mesma espécie são chamados pela mesma palavra. Nós, portanto, nos referimos a elas como vocativos de animais de estimação” (DIENST e FLECK, 2009, p.210 tradução nossa).

de que uma grande porcentagem dos animais que possuem vocativos é de espécies que são caçadas. Entretanto, em nossa experiência com os Juruna, pudemos constatar que a maior parte dos animais criados por eles não são animais de caça.

Os autores argumentam que os animais de caça possuem grande relevância cultural, uma vez que esses povos não desenvolveram a criação como forma de se obter alimento, e isso se reflete no léxico, em que haveria um vocabulário diferenciado, mais complexo e mais extenso, para esses animais²⁶. Segundo os autores, esses animais selvagens podem desempenhar uma função secundária quando criados como animais de estimação.

As explicações dos autores para essa correspondência entre espécies de animais de estimação para os quais há vocativos e espécies caçadas apresentam um problema. Há uma associação entre a relevância dos animais de caça com a necessidade de obtenção de carne, que justificaria também o caso da relevância de animais domésticos em sociedades que praticam a pecuária. Além dessa justificativa econômica, os pesquisadores dão uma explicação que seria de ordem prática: os animais de estimação coincidem com os animais de caça porque a forma mais comum de obter criações é capturando os filhotes de uma fêmea abatida e levando-os para casa. A presença de animais selvagens na aldeia seria uma forma de acostumar as crianças com as espécies que teriam que caçar no futuro. Entretanto, essas justificativas sugerem que uma necessidade alimentar determinaria quais espécies de animais seriam importantes culturalmente e não que se trate de uma opção cultural. Ainda que em alguns grupos, as espécies criadas como animais de estimação e as espécies de caça coincidam, não há uma obrigatoriedade “natural” nessa correspondência.

Como afirma Marshall Sahlins, ainda que “nenhuma sociedade possa abster-se de prover à continuidade biológica da população pelo fato de determiná-la culturalmente” (SAHLINS, 1988, p. 168), ninguém apenas sobrevive, mas vive de uma certa maneira. As escolhas de qualquer grupo não estão restritas apenas a limites físico-naturais, mas também dependem de estratégias de produção e

²⁶ Assim como em várias línguas do mundo, a relevância cultural dos animais domesticados se reflete em um vocabulário diferenciado, como, por exemplo, no inglês, como em *cattle*, *cow*, *heifer*, *bull*, *ox*, *steer*, *calf* (exemplo de DIENST e FLECK, 2009).

necessidades culturais que são resultado de escolhas entre diversas opções. Desse modo, que os animais de estimação possam ser obtidos através da adoção de filhotes órfãos não significa que essa seja a única forma possível de capturar animais, e que a forma principal de obtenção de carne seja através da caça não implica que outros animais não possam ter relevância cultural. Entre os Juruna, no caso de alguns mamíferos e aves, quando uma fêmea com cria é morta por um caçador, de fato o filhote é levado para casa para ser criado. Entretanto, os Juruna também criam filhotes de aves, por exemplo, por considera-los graciosos e gostarem do seu canto. Esse povo cria filhotes de *ami'a*, macaco-aranha, *Ateles sp.* (E. Geoffroy, 1806), criação chamada de *kudaxã* (fêmea), *kudupã* (macho), criam *tuwã*, anta, *Tapirus Terrestris* (Linnaeus, 1758), chamados de *tupi*, e de várias espécies de aves, como podemos constatar pela lista apresentada ao final desta seção. Há relatos de mulheres juruna, que, quando crianças, mastigavam batata para depois alimentar suas criações de *txuarara* (Papagaio-verdadeiro, *Amazona aestiva*, Linnaeus, 1758) chamados de *txuruha*, e de *tatarayã* (*Rynchops niger*, Linnaeus, 1758), chamados de *piãpiã*. Muitos desses animais não são criados até a idade adulta, regressando à floresta. Quando se trata de animais de caça, esses animais recebem algum adorno que os distinga dos demais, como por exemplo, um algodão vermelho fixado com resina. Assim esse animal sempre será reconhecido e estará a salvo dos caçadores.

Sahlins (1988), ao comentar os tabus alimentares norte-americanos, por exemplo, demonstra que, do ponto de vista nutricional, não há razão para que bovinos sejam valorizados como alimento e que a possibilidade de se alimentar de cães cause horror. No entanto, a economia internacional e uma grande cadeia produtiva, supostamente o que há de mais racional no mundo ocidental, se organizam em torno dessas escolhas culturais. Não seria diferente com os grupos indígenas. Nem todo animal que pode servir de alimento é caçado, como nem todo animal relevante tem que necessariamente ter uma função primária “útil” para ser relevante culturalmente. Assim, o rendimento nutricional de determinadas espécies não seria uma boa explicação para sua relevância cultural, sendo mais interessante nos perguntarmos por que animais relevantes culturalmente e também mantidos como animais de estimação não servem como alimento (Cf. p. ex. os já mencionados DESCOLA, 2002; ERIKSON, 2013).

No artigo mencionado, Dienst e Fleck (2009, p.231-236) definem algumas características formais desses vocativos de animais de estimação: i) os vocativos são formas relativamente novas, e suas formas antigas dificilmente são encontradas na reconstrução da protolíngua, ii) em muitas línguas, os vocativos são formados a partir de descrições, iii) outros vocativos são formas truncadas dos nomes referenciais correspondentes, iv) vocativos podem ser formados por extensão e modificação fonológica, isto é, acréscimo de um ou mais fones à forma referencial, v) línguas de famílias não relacionadas, mas faladas na mesma área, podem possuir os mesmos vocativos, uma clara evidência de empréstimo (além disso um nome referencial em uma língua pode passar a ser um vocativo em outra), vi) termos vocativos podem ter origem em nomes referenciais de um vocabulário arcaico²⁷ e vii) muitos vocativos podem ter origem onomatopaica.

A maior parte dos nomes de aves em Juruna, que são criadas e sofrem modificação em seus nomes, são de origem onomatopaica, como *sisĩ*, criação de *maradjadja* (Anu-coroca), *hihi*, criação de *kukula* (Gavião-de-peneira) e *piwĩ*, criação de *alã* (Trinta-réis-grande). Podemos verificar também que alguns desses nomes são formados pelo processo de truncamento dos nomes referenciais correspondentes, como é o caso de *kãyu*, criação de *kãyure* (Jacamim-de-costas-verdes), *ka'u*, criação de *kaukau* (Socó-grande) e *tu*, criação de *ture* (Socó-ziguezague). *Araruna*, criação de *warawara* (Arara-azul), é um nome arcaico presente em materiais em que o Tupi-Antigo está documentado (Barbosa, 1970). Não encontramos nenhum registro desses itens léxicos em mitos, cantigas ou na bibliografia sobre o povo juruna, o que reforça a hipótese de que esses nomes sejam vocativos, conforme as proposições desenvolvidas por Dienst e Fleck (2009). Encontramos uma exceção no texto “Céu e terra: relações em um mito juruna” (FARGETTI, 2006). É a narrativa sobre o *kanapi*, nome de criação de *karara* (Biguatinga), e nome da constelação Cruzeiro-do-Sul. Neste último caso é certo que se trata de um nome referencial ao se reportar à constelação. Entretanto, ao compararmos nossos dados com a lista de nomes de aves em Xipaya coletadas por Nimuendaju (1928, p. 845), *kanapi* é dado como o nome

²⁷ Quando um nome referencial se torna tabu, o termo vocativo pode passar a ser empregado como um nome referencial. Entretanto, como os tabus não são permanentes, quando suspensos, o antigo nome referencial e o atual podem ocorrer como sinônimos. Conferir o exemplo fornecido em Dienst e Fleck (2009, 234-235) sobre o tronco mayoruna.

referencial de Biguatinga, também conhecida popularmente como Carará, nome esse que já era utilizado para se referir à espécie, e que tem sua origem no tupi-antigo²⁸. Assim, o vocativo *kanapi*, que parece ter uma origem mais antiga na língua Xipaya (e no Juruna) do que o nome referencial *karara*, manteve-se em Juruna como vocativo. O periquito-de-encontro-amarelo, *kiri*, tem como vocativo de criação *txũ'i*. Cardim (2009[1625], p. 100) descreve o *tuin* como “uma espécie de papagaio pequeno do tamanho de um pardal; são espargidos de outras várias cores [...]”, ou seja, poderia se referir a mais de uma espécie dos Psitacídeos pequenos. Desse modo, acreditamos que o vocativo de criação *txũ'i* seja de origem do tupi falado na costa brasileira durante o século XVI.

Dienst e Fleck (2009) ressaltam que a coleta desses termos não é uma tarefa fácil, uma vez que, para obter esses dados, é necessário que o pesquisador tenha conhecimento sobre a possibilidade de existir um conjunto lexical diferenciado para os animais que são criados. Além disso, é necessária uma reflexão sobre o tratamento dado ao registro desses vocativos, uma vez que eles não constituíram entradas em uma obra lexicográfica por não serem nomes referenciais.

Abaixo, apresentamos uma tabela (Tabela 10) com os nomes referenciais e os vocativos para as aves de criação em Juruna, explicitando, sempre que possível, o processo de formação desses vocativos. Desse modo, a análise dos dados coletados evidencia que a maior parte das aves criadas pelos Juruna possui um vocativo de criação distinto do nome referencial (apenas 8 dos 67 nome de aves que são criadas pelos Juruna não apresentam essa distinção). Em relação às características formais apontadas por Dienst e Fleck (2009), 52% dos vocativos são formados por onomatopeia (simbolismo sonoro imitativo), 12% possuem origem arcaica, 4% sofreram truncamento, 2% modificação fonológica e 1% é constituído por vocativos que expressam uma descrição (Gráfico 1). Não foi possível explicitar as características formais de 9 vocativos de criação para aves. Assim, faz-se necessária a comparação desses vocativos com listas de palavras do Tupi-Antigo e da Língua Geral Amazônica, bem como de listas que apresentem itens léxicos relacionados à avifauna de povos com os quais os

²⁸ Carará é o equivalente de *kanapi* fornecido por Nimuendaju (1928, p. 845).

Juruna mantiveram contato desde a sua origem conhecida, na região correspondente ao estado do Pará, até o seu estabelecimento no Parque Indígena do Xingu.

Gráfico 1: Características formais de vocativos para aves em Juruna

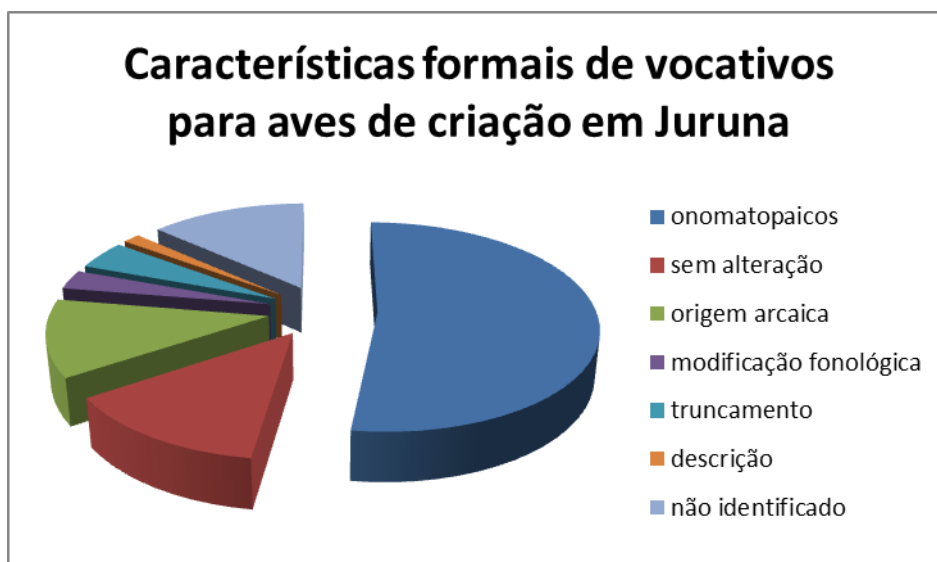


Tabela 10: Nomes de criação para as aves em Juruna

Nome popular em português	Nome científico	Maka (criação)	Características dos vocativos de criação	Nome referencial em Juruna
1. Anacã	<i>Derophtus accipitrinus</i> (Linnaeus, 1758)	na ũ	origem arcaica	arakã
2. Anu-coroca	<i>Crotophaga major</i> (Gmelin, 1788)	sisĩ	onomatopaico	maradjadja
3. Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i> (Linnaeus, 1758)	yainã	-	yainã
4. Araçari-de-bico-branco	<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	makaxiha	-	makaxiha
5. Arara-azul-grande	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 1790)	araruna	origem arcaica	warawara
6. Arara-canga	<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	arapa	provável origem arcaica	arapa
7. Arara-canindé	<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	awarĩ	provável origem arcaica	txararĩwa
8. Arara-vermelha-grande	<i>Ara chloropterus</i> (Gray, 1859)	yarapĩda	-	urawĩ
9. Ariramba-da-copa	<i>Galbula dea</i> (Linnaeus, 1758)	mamana	-	mamana urahĩhĩ
10. Ariramba-da-mata	<i>Galbula cyanicollis</i> (Cassin, 1851)	mamana	-	mamana xixĩ
11. Bacurau	<i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin,	pũ	onomatopaico	aku'u ipewapewa

1789)				
12. Bacurau-cauda-barrada	<i>Hydropsalis leucopyga</i> (Spix, 1825)	pũ	onomatopaico	pukuĩ detxã
13. Bacurau-da-praia	<i>Chordeiles rupestres</i> (Spix, 1825)	pũ	onomatopaico	aku'u etahehea
14. Bacurau-de-asa-fina	<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	pũ	onomatopaico	aku'u urahĩhĩ
15. Bacurau-pequeno	<i>Hydropsalis parvulus</i> (Gould, 1837)	pũ	onomatopaico	aku'u txuĩpĩpĩpĩ
16. Batuira-de-esporão	<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	adiwa	-	duadua
17. Bem-te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	titi ĩ	onomatopaico	titikĩ
18. Bem-te-vizinho-de-asa-ferrugínea	<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	kuiusi	onomatopaico	huribibi ita'ĩĩ
19. Bem-te-vizinho-do-brejo	<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	kuiusi	onomatopaico	hurikiki
20. Benedito-de-testa-vermelha	<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	pare'e'ě	onomatopaico	pare'e'ě
21. Bico-de-brasa	<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	ti u ti ũ	onomatopaico	yanuĩ
22. Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	patxawawa	onomatopaico	patxawawa

23. Biguatinga	<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	kanapi	origem arcaica	karara
24. Cabeça-seca	<i>Mycteria americana</i> (Linnaeus, 1758)	tarara	onomatopaico	nunure
25. Choca-d'água	<i>Sakesphorus luctuosus</i> (Lichtenstein, 1823)	txutxurũ	onomatopaico	txutxurũ
26. Cococoró	<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	kurudu	modificação fonológica	kurukuru
27. Corta-água	<i>Rynchops niger</i> (Linnaeus, 1758)	piãpiã	onomatopaico	tatarayã
28. Frango-d'água-azul	<i>Porphyrio Martinica</i> (Linnaeus, 1766)	xara ũ	-	xarakũ
29. Garça-real	<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	nunu	onomatopaico	metĩ
30. Gavião-belo	<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	uru'aiwaa	-	uru'aiwaa
31. Gavião-pegapinto	<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	ya e'i'i	-	yabe'i'i
32. Gavião-peneira	<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	hihi	onomatopaico	kukula
33. Gavião-real	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	a u'u	-	aku'uku'u

34. Gemedeira	<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	uzala imahua	onomatopaico	aberi
35. Inhambu-anhangá	<i>Crypturellus bartletti</i> (Sclater & Salvin, 1873)	huhũ	onomatopaico	tad'ika
36. Jaburu	<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuyuyu	origem arcaica	yakurewĩ
37. Jacamim-de-costas-verdes	<i>Psophia viridis</i> (Spix, 1825)	kāyu	truncamento	kāyure
38. Jacupemba	<i>Penelope superciliaris</i> (Temminck, 1815)	kũ ũ	onomatopaico	kaka
39. Jacutinga	<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	yakupẽ	-	tarukawa
40. Japiim	<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xiru	onomatopaico	ilu
41. Japu	<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	tũ	onomatopaico	huraraku id'ika
42. Japu-verde	<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	tũ	onomatopaico	huraraku
43. Juriti	<i>Leptotila verreauxi</i> (Bonaparte, 1855)	uzala imahua	onomatopaico	aberi urahihi
44. Juriti-piranga	<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	uzala imahua	onomatopaico	aberi ka'a iwaa
45. Juriti-vermelha	<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	uzala imahua	onomatopaico	aberi asuriri

46. Maitaca-de-cabeça-azul	<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus, 1766)	zara ĩ	onomatopaico	zarakĩ
47. Maracanã-de-cabeça-amarela	<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	Araruna	origem arcaica	warawara nanã
48. Marianinha	<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 1820)	kapuha	descrição (cor)	pĩririu
49. Martim-pescador-grande	<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	tarara	onomatopaico	adura urahĩĩ
50. Martim-pescador-verde	<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	bi'ibi'i	onomatopaico	adura bi'ibi'i
51. Mutum-cavalo	<i>Pauxi tuberosa</i> (Spix, 1825)	ya ĩ	-	lahu
52. Papagaio-verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	txuruha	modificação fonológica	txuarara
53. Pato-do-mato	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	yãrãbe	-	yãrãbe
54. Pavãozinho-do-Pará	<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	xãda	-	kãrãrã
55. Periquito-de-encontro-amarelo	<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	txũ'í	origem arcaica	kĩri
56. Periquito-rei	<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	da'u	-	yadũ
57. Pomba-asa-branca	<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pĩdã	onomatopaico	apĩka urahĩĩ
58. Pomba-galega	<i>Patagioenas cayennensis</i>	pĩdã	onomatopaico	apĩka xĩxĩ

(Bonnaterre, 1792)				
59. Pomba-trocal	<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pĩdã	onomatopaico	apĩka urahĩĩ
60. Socó-grande	<i>Ardea cocoi</i> (Linnaeus, 1766)	ka'u	truncamento	kaukau
61. Socoí-ziguezague	<i>Zebrilus undulatus</i> (Gmelin, 1789)	tu	truncamento	ture
62. Socozinho	<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	yarabi	-	xãxã
63. Sovi	<i>Ictinia plúmbea</i> (Gmelin, 1788)	hihi	onomatopaico	kukula
64. Tiriba-de-testa-azul	<i>Pyrrhura picta</i> (Statius Muller, 1776)	yadi'ka	-	iipĩ
65. Trinta-réis-anão	<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	txikiri	-	tininikũ
66. Trinta-réis-grande	<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	piwĩ	onomatopaico	alã
67. Udu-de-coroa-azul	<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	suru	onomatopaico	arakadua



Txakĩtxakĩ. Quero-quero, *Vanellus chilensis* (Molina, 1782). [Tawaiku Juruna, lápis aquarelável e grafite, 210 x 297 mm, 2012]

6. Processos de formação dos nomes para aves em Juruna

Por meio da análise dos dados, constatamos que o léxico sobre a avifauna em Juruna é constituído por palavras simples (que configuram, na maioria das vezes, nomes correspondentes ao nível genérico) e palavras formadas por afixação, ou por composição. Abaixo apresentamos a análise dos dados obtidos e alguns exemplos que fundamentam nossa proposta de classificação.

6.1. Afixação

Hurch (2005) compila estudos sobre reduplicação em diversas línguas do mundo. Rose (2005) demonstra a produtividade do processo de reduplicação verbal em línguas da família tupi-guarani, em que, de acordo com a autora, há tanto o padrão de reduplicação monossilábico quanto dissilábico. Ela apresenta uma análise semântica desses padrões, partindo da afirmação de que a reduplicação em tupi-guarani é totalmente icônica e indica multiplicidade ou repetição.

Fargetti (2001, p. 176) afirma que a reduplicação é um processo produtivo em Juruna, ocorrendo em verbos e nomes, e que possui, geralmente, o sentido de aumentativo. Em sua dissertação, Lima (2008) utiliza os aportes oferecidos pela Gramática Gerativa para discutir a sintaxe da língua juruna por meio da análise da estrutura argumental dos verbos. Ela apresenta vários exemplos em que há reduplicação nos verbos, uma vez que esse processo pode marcar aspecto ou a categoria de número (Cf. FARGETTI, 2001).

Em Juruna, a reduplicação ocorre por sufixação (podendo ocorrer por infixação nos verbos) e, de acordo com Fargetti (2001), seguindo a “Morfologia de Molde-CV” proposta por Marantz (1982), implica numa interação entre morfologia e fonologia. Assim, a reduplicação é tida como a afixação de um padrão de morfema, na forma de um esqueleto-CV (FARGETTI, 2001, p. 173). Nas palavras da autora:

Inicialmente, Marantz define, de maneira geral/provisória, a reduplicação como um processo morfológico que relaciona uma forma básica de um morfema ou radical a uma forma derivada que pode ser analisada como construída a partir da forma básica via afixação (ou infixação) de material fonêmico, que é idêntico, no todo ou em parte, ao conteúdo fonêmico da forma básica (FARGETTI, 2001, p.174).

Inkelas e Zoll (2005), por sua vez, defendem a Teoria da Duplicação Morfológica (*Morphological Doubling Theory* – MDT), em que a reduplicação é vista como a ocorrência dupla ou múltipla de um elemento morfológico que possui uma descrição morfossemântica particular. Essa teoria parte de abordagens anteriores, como a de Marantz (1982), em que o reduplicante é tratado como um morfema abstrato, RED, cuja substância é fornecida pela cópia fonológica. Na Teoria da Duplicação Morfológica, reduplicante e base são tratados como parte de uma construção que também incorpora generalizações semânticas e fonológicas sobre o produto da reduplicação (Cf. Inkelas, 2005, p. 65). Diferentemente da “Morfologia de molde CV”, as autoras defendem, a partir da análise de exemplos em diversas línguas, que a reduplicação pode ocorrer pela afixação de alomorfes, e não apenas pela afixação de material fonêmico idêntico ao da base²⁹.

Inkelas (2005, p.69) apresenta exemplos em Dyirbal, em que os nomes são pluralizados pela reduplicação da raiz ou do sufixo que forma o radical.

A língua juruna não conta ainda com um estudo exaustivo sobre reduplicação nominal. Em Fargetti (2001, p.111)³⁰, são apresentados alguns exemplos de reduplicação nominal por sufixação, que recoletamos em nosso trabalho de campo:

(01) *aku'u* ‘rato’/ ‘bacurau’

(02) *aku'u[ku'u]* ‘Gavião-real’ (*Harpia harpyja*, Linnaeus, 1758)

Em (02) ocorre a formação de outro nome a partir do processo de reduplicação parcial dissilábica.

Segundo Hinton et al. (1994, p.9), o fato de uma língua possuir o mecanismo de reduplicação assegura a utilização desse processo na formação de onomatopeias, podendo haver reduplicação total (03) ou parcial, monossilábica ou

²⁹ As autoras analisam casos em que o material reduplicado não é nem o radical inteiro, o *input* do processo de reduplicação, nem uma subparte fonologicamente definida daquele radical, mas um afixo particular dentro desse radical. Esses dados sustentam a afirmação de que a reduplicação é a duplicação de um constituinte morfológico, como defendido pela MDT.

³⁰ Dados *ipsis litteris* da tese de Fargetti (2001, p.111):

<i>aku'ú</i>	“rato/ coruja (genérico)”
<i>aku'úku'ú</i>	“gavião (pequeno)”

dissilábica (04) de segmentos nessas unidade léxicas. Por meio da análise dos dados, notamos que a quantidade de sílabas reduplicadas – ou triplicadas, como em (05) – parece refletir a percepção que se tem do canto de uma dada espécie:

(03) *pidupidu* ‘Batuíra-de-coleira’ (*Charadrius collaris*, Vieillot, 1818)

(04) *huribibi* ‘Bentevizinho-de-asa-ferrugínea’ (*Myiozetetes cayanensis*, Linnaeus, 1766)

(05) *aku’u txuipĩpipĩ* ‘Bacurau-pequeno’ (*Hydropsalis parvulus*, Gould, 1837)

Ocorre reduplicação também em compostos atributivos constituídos por nome genérico nuclear acrescido por outro nome. Em (06) e (07), há a reduplicação parcial dissilábica dos substantivos *kamadĩhu*, ‘noite’, e *akĩla*, ‘verde’/‘azul’.

(06) *ekũ* *kamadĩhu[dĩhu]*
gavião noite-RED
‘Caburé’ (*Glaucidium brasilianum*, Gmelin, 1788)
(Lit. ‘gavião/coruja noturna’)

(07) *yakurixi* *akĩla[kĩla]*
beija-flor verde/azul-RED
‘Tesoura-de-fronte-violeta’ (*Thalurania glaucopis*, Gmelin, 1788)
(Lit. ‘beija-flor verde/azul’)

Nos casos (06) e (07) o elemento que sofre reduplicação acrescenta um feixe de propriedades ao núcleo, formando um composto atributivo. Os dados abaixo ilustram essa afirmação:

(08) *Pĩkaha* *akãli*
cadeira dura
‘A cadeira é dura’ (ou ‘cadeira dura’)

(09) *Papera* *akãli anu*

papel duro ASP
 ‘O papel é duro’

- (10) *Papera a[kãli]kãli*
 papel duro-RED
 ‘Papelão’

No exemplo (08), *akãli* é posposto ao nome e o modifica. Entretanto, há a possibilidade de se interpretar o nome *pĩkaha* como argumento do verbo estativo. Em Juruna, a unidade léxica que acrescenta um feixe de propriedades ao nome é interpretada não como um adjetivo, mas como um verbo estativo, uma vez que esse elemento pode receber marcas aspectuais assim como os verbos (cf. subseção 5.3.1.2). Em (09), o verbo estativo é seguido pela marca aspectual imperfectiva *anu*, que indica aspecto não-progressivo.

Já em (10), ocorre a reduplicação dissilábica do modificador, formando-se um composto, assim como em (06) e (07). Salientamos, entretanto, que são necessárias novas coletas para que seja possível comprovar a função da reduplicação nos compostos nominais em Juruna.

6.2. Simbolismo sonoro imitativo

Ibarretxe-Antuñano (2009) atenta para o fato de que, ao se considerar as onomatopeias como casos marginais, deixa-se de lado o estudo desse processo de formação de palavras extremamente produtivo em muitas línguas do mundo. Além da influência da opinião de linguistas mais clássicos, Ibarretxe-Antuñano (2009) aponta outros fatores que corroboram para a escassez de estudos linguísticos que abordem os casos de onomatopeia de maneira mais aprofundada, como a diversidade de “rótulos” e delimitação do conteúdo, disparidades que dependem não apenas do teórico como também das línguas que são objetos de determinado estudo; características linguísticas peculiares desse tipo de processo; sua utilização em registros orais; dificuldade para sua tradução; e a forte carga sociolinguística que o seu uso carrega.

Hinton et al. (1994) definem o simbolismo sonoro como a união direta entre som e significado. Os autores classificam as onomatopeias que representam sons

da natureza como simbolismo o sonoro imitativo. Esse é o caso de grande parte dos nomes para aves em Juruna, que é formada por palavras onomatopaicas.

Monteiro (2002, p.195) denomina o processo de formação de onomatopeias de “fonossema”. O autor afirma que esse processo decorre da necessidade de se utilizar, na atividade comunicativa, palavras que expressem os sons que nos circundam. No entanto, ele ressalta que existe uma nítida diferença entre os ruídos naturais e os fonemas, uma vez que estes são produzidos pelo aparelho fonador e são caracterizados por serem articuláveis. Dessa forma, para o autor, a onomatopeia se caracteriza pela tentativa de se reproduzir determinado som físico por meio de fonemas, representações que variam de língua para língua, uma vez que os inventários fonológicos são diferentes em cada idioma. Para ilustrar tal processo de formação de palavras na língua portuguesa, Monteiro (2002) traz exemplos como “piopio”, “cocoricó”, “bem-te-vi”, e outros.

Por sua vez, o ornitólogo Sick (2001, p.108) ressalta que o hábito de fazer da vocalização de aves o nome popular da espécie é tão antigo como a própria humanidade. Ele afirma que os nomes dados às aves por alguns povos indígenas americanos dão uma perfeita impressão das suas respectivas vocalizações, como por exemplo: nandu, jaó, coró-coró, tacha, inhuma, acauã, caracará, quiri-quiri, carão, arara, muru-cututu, bacurau, birro e canã. Assim, por meio de recursos linguísticos é possível reproduzir qualidades proeminentes da voz de determinada ave.

Nos nomes onomatopaicos para aves em Juruna, o elemento imitativo pode ser monossilábico ou polissilábico, podendo haver ou não reduplicação. O número de sílabas reduplicadas na onomatopeia parece refletir o número de sílabas percebidas como formando uma unidade no canto (Cf. JENSEN, 1988, p.20). Exemplos:

(11) *tximina* ‘Saci’ (*Tapera naevia*, Linnaeus, 1766)

(12) *xarakũ* ‘Saracura-três-potes’ (*Aramides cajanea*, Statius Muller, 1776)

(13) *uzala i-ma-hua*

prima 3S.CAUS.perder

(Lit. ‘perdeu prima’) ‘Gemedeira’ (*Leptotila rufaxilla*, Richard & Bernard, 1792)

Nos exemplos (11) e (12), os nomes onomatopaicos não sofrem reduplicação, mas apresentam as qualidades proeminentes das vocalizações das espécies a que correspondem. Em (13), podemos observar que o nome referencial *aberi* tem como vocativo de criação a expressão *uzala imahua* ('perdeu prima'). De acordo com Sick (2001, p.110), a voz das aves contém elementos como tom, rítmica, métrica e fraseado, o que permite que sua vocalização seja interpretada, conforme as qualidades proeminentes da voz de uma espécie, como uma expressão na língua.

- (14) *hurikiki* 'Bentevizinho-do-brejo' (*Philohydor lictor*, Lichtenstein, 1823)

- (15) *xikãxikã* 'Chincoã' (*Piaya cayana*, Linnaeus, 1766)

- (16) *kaukau* 'Socó-grande' (*Ardea cocoi*, Linnaeus, 1766)

Ocorre reduplicação parcial monossilábica no nome onomatopaico presente em (14). Já em (15) e (16) há o processo de reduplicação total.

Em (17) e (18), os nomes para aves são formados pelo nome genérico onomatopaico acrescido de um modificador que adiciona um feixe de atributos ao elemento nuclear do composto. Geralmente, esses compostos trazem informações relativas à cor (17) ou ao tamanho (18) de uma dada espécie. Exemplos:

- (17) *xikaxikã* *xi[xĩ]*
 N pequeno-RED
 ‘Marianinha-amarela’ (*Capsiempis flaveola*, Lichtenstein, 1823)

- (18) *txutxuru* *awii[wiĩ]*
 N branco-RED
 ‘Choca-bate-cabo’ (*Thamnophilus punctatus*, Shaw, 1809)

No entanto, um nome onomatopaico pode aparecer também posposto ao núcleo do composto, particularizando uma espécie, como podemos observar em (19):

- (19) *uxixi* *kararã* *xi[xĩ]*
 pássaro onomatopeia pequeno-RED
 ‘Arapaçu-riscado’ (*Xiphorhynchus obsoletus*, Lichtenstein, 1820)

6.3. Composição

Lieber e Štekauer (2009) discutem as propriedades dos compostos de maneira teórica por meio de uma abordagem gerativa e não gerativa, e das perspectivas sincrônica, diacrônica, e psicolinguística, e, também, por meio de uma abordagem descritiva, uma vez que trabalham esse fenômeno linguístico tipologicamente. Os autores afirmam que sempre houve muita discussão sobre a definição do que é um composto e se esse é realmente um fenômeno distinto de formação de palavras. Identificam dois problemas para se chegar a critérios de definição dos compostos que possam ser aplicados a todas as línguas do mundo:

*[o]n the one hand, the elements that make up compounds in some languages are not free-standing words, but rather stems or roots. On the other, we cannot always make a clean distinction between compound words on the one hand and derived words or phrases on the other (LIEBER, ŠTEKAUER, 2009, p. 4).*³¹

Para se determinar a diferença entre um composto e um sintagma nominal em uma determinada língua, é possível utilizar alguns critérios, como o fonológico, o morfossintático e o semântico. A composição nominal na língua juruna ainda não foi estudada de maneira aprofundada.

Em Juruna, o critério fonológico representado pela análise isolada do acento não parece ser um critério útil para a definição dos compostos, já que, nessa língua, o acento não recai apenas sobre o núcleo do composto, mas sim, em cada um dos seus constituintes. Acreditamos que a análise do tom combinado com o acento possa fornecer material sobre a formação de palavras por meio do processo de composição.

³¹ “por um lado, os elementos que constituem compostos em algumas línguas não são palavras independentes, mas radicais ou raízes. Por outro, nem sempre podemos distinguir claramente entre palavras compostas de um lado e frases ou palavras derivadas de outro”.

Os compostos devem apresentar unicidade semântica, entretanto, muitas vezes, o seu significado pode ser composicional, fornecido não apenas por sua totalidade, como ocorre nos compostos atributivos (cf. CÚNEO, 2012, p.239).

Como afirmado na seção 4, a língua Juruna marca a categoria de número apenas para nomes que apresentem o traço [+humano]. Assim, nos compostos relacionados à avifauna não é possível analisar um composto por meio do critério morfossintático da flexão de número. Outro critério que poderia ser utilizado para se identificar um composto é o da inseparabilidade, ou seja, os nomes compostos devem constituir uma unidade, não sendo possível inserir outro elemento entre os seus constituintes.

Para os nossos propósitos aqui e, tendo como referência as questões expostas acima, partiremos da definição de que o composto é uma combinação de duas ou mais bases pertencentes a classes abertas (geralmente nomes ou verbos) que formam um novo item lexical. Desse modo, caracterizamos os dados coletados como compostos utilizando o critério da impossibilidade de se inserir um modificador entre os elementos que constituem o composto.

Semanticamente, os compostos em Juruna podem ser subdivididos em endocêntricos, em que o núcleo é um dos elementos dos compostos, caracterizando uma relação hiponímica, e exocêntricos, em que não há relação de hiponímia entre os elementos do composto. Essa distinção semântica pode ser observada entre os nomes compostos relacionados à avifauna em Juruna, entre os quais, entretanto, os compostos endocêntricos são mais recorrentes. Por exemplo:

- (20) *ware* *urahĩ[hĩ]*
 pica-pau grande-RED
 (Lit. ‘pica-pau grande’) ‘Pica-pau-de-topete-vermelho’ (*Campephilus melanoleucos*, Gmelin, 1788)

- (21) *urũ* *huta*
 andorinha serpente
 (Lit. ‘andorinha-serpente’) ‘Andorinhão-estofador’ (*Panyptila cayennensis*, Gmelin, 1789)

- (22) *pitxa aparũ*

peixe bexiga

(Lit. 'bexiga de peixe') 'Rendadinho' (*Willisornis poecilinotus*, Cabanis, 1847)

(23) ayã i-wadĩ[wadĩ]a

dente 3S-doer-RED-IRR

(Lit. 'Dói o dente') 'Bico-chato-de-rabo-vermelho' (*Ramphotrigon ruficauda*, Spix, 1825)

Em (20) e (21), está presente uma relação hiponímica entre os constituintes do composto, ou seja, *ware urahĩĩ* é um tipo de *ware*, e *urũ huta* é um tipo de *urũ*. Já em (22) e (23) não há uma relação de hiponímia entre os constituintes: *pitxa aparũ* designa o nome de uma ave, não se referindo assim a um tipo de bexiga de peixe. No composto *ayã iwadĩwadĩa*, formado por um nome acrescido de um verbo, os constituintes também não estabelecem essa relação semântica.

6.3.1. Classificação dos compostos de acordo com a estrutura morfossintática

De acordo com a estrutura morfossintática, os nomes compostos para aves em Juruna podem ser subdivididos em compostos genitivos, atributivos e cláusulas relativas. A partir da sistematização dos dados, notamos que metade do léxico juruna sobre avifauna é formado por palavras simples. Os compostos genitivos e atributivos correspondem a 26% e 17% dos 266 nomes coletados, respectivamente. Já as cláusulas relativas constituem apenas 3% desse total.

6.3.1.1. Compostos genitivos: Nome + Nome

Rodrigues (1996, p.64-63) demonstra que muitos nomes que expressam qualidade ou estado em Tupinambá são frequentemente usados como predicados, podendo ser interpretados como adjetivos ou como verbos estativos. Ele ainda atenta para o fato de que, nessa língua, não há sintagmas adjetivais, sendo a adjetivação realizada por composição. Dessa forma, segundo o autor, há vários tipos de composição resultando em novos nomes constituídos de nomes mais nomes e de

nomes mais verbos. O mesmo ocorre no processo de formação de palavras em Juruna.

As composições resultantes da junção entre duas bases nominais (N + N) ocorrem sempre numa relação modificador-núcleo, constituindo o que Rodrigues (1996) chama de compostos genitivos. Essas construções seguem uma ordem rígida, em que o modificador sempre antecede o núcleo, constituído por um nome (Cf. FARGETTI, 2001, p.155).

N + N (modificador-núcleo)

(24) *tuwã maka*

anta criação

(Lit. 'criação da anta') 'Gavião-de-anta' (*Daptrius ater*, Vieillot, 1816)

(25) *arami adaka*

babaçu bicho

(Lit. 'bicho do babaçu') 'Anhuma' (*Anhima cornuta*, Linnaeus, 1766)

(26) *amana idja*

chuva mãe

(Lit. 'mãe da chuva') 'Maçarico-pintado' (*Actitis macularius*, Linnaeus, 1766)

(27) *kuala alaa*

aldeia migrante

(Lit. 'migrante da aldeia') 'Garça-branca-grande' (*Ardea alba*, Linnaeus, 1758)

(28) *aparu abe itxa iwaa*

mandioca casca caldo dono

(Lit. 'dono do caldo da casca de mandioca') 'Maria-cavaleira' (*Myiarchus ferox*, Gmelin, 1789)

Mais da metade dos compostos genitivos para as aves em Juruna tem *maka*, ‘criação’³², como modificador do núcleo do composto, que expressa tanto relações cosmológicas, quanto o hábitat de determinada espécie, como em (24): *tuwã maka* é uma ave que possui relevância cosmológica, e também indica hábitos dessa espécie.

De maneira geral, os compostos genitivos trazem informações etológicas sobre as aves como hábitat (24) e (25), e informações sobre a relação existente entre as aves e a cosmologia do povo juruna (25)-(27). Em (28), por exemplo, a ave recebe o nome de seu alimento predileto (do tempo em que ainda possuía atributos humanos).

6.3.1.2. Composto atributivo

Os itens em Juruna que exprimem conceitos equivalentes aos expressos por adjetivos em Português funcionam como verbos estativos, um tipo de verbo intransitivo (denominados descritivos em Seki, 2001, p. 51). É dessa maneira que um novo feixe de propriedades é acrescentado ao núcleo do composto.

- (29) *iya imaxã* (FARGETTI, 2002)³³
 rio sinuoso
 “O rio sinuoso” (ou “O rio é sinuoso”)

Assim, em (29), observamos que o verbo estativo pode ser um atributo (“O rio sinuoso”), comportando-se como o modificador de um nome ou pode ser um predicativo (“O rio é sinuoso”), admitindo apenas uma Locução Nominal (LN) em função de sujeito.

[...] segundo Shankara Bath (1994:49), entre outras diferenças entre adjetivos e verbos em línguas em que eles são classes distintas, os primeiros ocorrem em sua forma não marcada na posição de nomes e requerem, como tais, modificações (o uso de afixos ou de um auxiliar) para funcionar como predicados, e os últimos (verbos)

³² Cf. subseção 5.2.

³³ Em todos os exemplos retirados da tese de Fargetti (2001), suprimimos as marcações de tom no corpo do texto. Os originais encontram-se nas notas de rodapé correspondentes.

ocorrem em sua forma não-marcada como predicados e têm de ser mudados para participios ou outras formas derivadas para ocorrer na posição de nomes (FARGETTI, 2001, p. 119).

Fargetti (2001, 2002) ressalta ainda que, em Juruna, o que se apresenta como um modificador (adjetivo, na maioria das línguas), ou seja, o estativo, não requer modificações para funcionar como predicado e pode até mesmo receber marca aspectual. Além disso, assim como os verbos, podem ocorrer na posição de nomes, desde que sejam nominalizados:

- (30) *ikiahã-yãhã iyu* (FARGETTI, 2001, p. 120)³⁴
 bonita-NMLZ dormir
 ‘A bonita dormiu’

Nos compostos atributivos, o núcleo do composto sempre antecede o modificador, que podem ser formados por nome + verbo estativo, por nome + nome ou por nome + parte do corpo + verbo estativo.

Composto atributivo: Nome + Verbo estativo

- (31) *tarukawa urahĩ[hi]*
 jacu grande
 (Lit. ‘jacu grande’) ‘Aracuã-de-sobrancelhas’ (*Ortalis superciliaris*, Gray, 1867)

- (32) *yakurixi akila[kila]*
 beija-for verde/azul-RED
 (Lit. ‘beija-flor verde/azul’) ‘Tesoura-de-fronte-violeta’ (*Thalurania glaucopis*, Gmelin, 1788)

Composto atributivo: Nome + Nome (N + N)

- (33) *urũ huta*³⁵

³⁴ Dados *ipsis litteris* da tese de Fargetti (2001, p.120): *ikiahã-yãhã iyu*
 bonita-nom dormir
 “A bonita dormiu”

andorinha serpente

Andorinhão estofador, (*Panyptila cayennensis*, Gmelin, 1789)

Composto atributivo: Nome + parte do corpo + Verbo estativo

(34) *txutxura* *ĩã* *asuri[rĩ]*

anambé bico vermelho-RED

(Lit. 'anambé de bico vermelho') 'Anambé-branco-de-rabo-preto' (*Tityra cayana*, Linnaeus, 1766)

(35) *pakurukuru* *ipadja* *iyu'pĩ[pĩ]*

surucuá peito amarelo-RED

(Lit. 'surucuá de peito amarelo') 'Surucuá-grande-de-barriga-amarela' (*Trogon viridis*, Linnaeus, 1766)

Os compostos atributivos trazem informações sobre a fisiologia das aves, como o tamanho (31), a cor (32), (34) e (35) e a relação com outros animais (33).

6.3.1.3. Cláusula relativa

De acordo com Fargetti (2001, p. 246), a relativização do sujeito da oração (transitiva ou intransitiva) é dada pelo sufixo -yã. Assim, "seguindo a classificação de Keenan (in Shopen), -yã e -yahã compõem relativas externas pós-nominais. Pós-nominais porque a sentença relativa vem geralmente depois do nome, e externas porque se posicionam externamente aos elementos de seu escopo" (FARGETTI, 2001, p.247).

(36) [*senahĩ [txa-txa-yã]*] *ibĩaibĩa dju txa* (FARGETTI, 2001, p. 247)³⁶

³⁵ Espécie de andorinha que, de acordo com os Juruna, possui veneno semelhante ao de algumas serpentes peçonhentas.

³⁶ Dados *ipsis litteris* da tese de Fargetti (2001, p. 247):

[*senahĩ [txa-txa-yã]*] *ibĩaibĩa dju txa*

homem ir-red.-nom dinheiro com. ir

N domínio S relativa

"O homem que foi embora levou o dinheiro"

homem ir-RED-NMLZ dinheiro com ir

N domínio S relativa

“O homem que foi embora levou o dinheiro”

Em (36), é possível notar que o verbo sofre reduplicação quando ocorre com o nominalizador *-yã*. Observamos que isso também ocorre nos nomes de aves compostos por cláusula relativa como nos exemplos (37) e (38):

(37) *turuxari* *karia[ria]-yã*

sabiá dançar-RED-NMLZ

(Lit. ‘sabiá que é dançarino’) ‘Sabiá-laranjeira’ (*Turdus rufiventris*, Vieillot, 1818)

(38) *uru* *epakua* *he-he-yã*

andorinha madeira.oco LOC-RED-NMLZ

(Lit. ‘andorinha que fica no oco do pau’) ‘Andorinha-do-rio’ (*Tachycineta albiventer*, Boddaert, 1783)

Essas aves foram identificadas por vários falantes. Entretanto essas construções parecem estar ligadas ao contexto de fala, e por isso não possuem o status de composto.



Aurupa adaka. Jaçanã, *Jacana jacana* (Linnaeus, 1766). [Tawaiku Juruna, lápis aquarelável, giz de cera e grafite, 210 x 297 mm, 2011.]

7. Classificação etnobiológica juruna da avifauna

Berlin et al. (1973) afirmam que desde 1954 há pesquisas de campo conduzidas por etnógrafos e biólogos destinadas a compreender a nomeação e classificação da fauna e da flora de sociedades como as ameríndias.

Os autores dividem os nomes para classes de plantas e animais em lexemas primários e lexemas secundários. Os lexemas primários são definidos como nomes semanticamente unitários e linguisticamente distintos. De acordo com Berlin et al. (1973, p.217), alguns desses lexemas permitem uma análise semântica posterior. Alguns são claramente expressões simples que não são linguisticamente analisáveis, como os exemplos em inglês: *oak*, ‘carvalho’, *pine*, ‘pinheiro’, *rabbit*, ‘coelho’. Lexemas primários analisáveis são subdivididos em lexemas primários produtivos, como em *planetree*, ‘plátano’, *pipevine*, ‘videira’, *catfish*, ‘bagre’, em que a categoria superordenada está presente: *tuliptree* é um tipo de árvore [*tree*], *pipevine* é um tipo de trepadeira [*vine*] e *catfish* é um tipo de peixe [*fish*]; já o que autores denominam lexemas primários não produtivos, como *jack-in-the-pulpit*, ‘nabo selvagem’, não possui nenhum elemento que marca a categoria superordenada.

Os lexemas secundários são definidos como uma expressão complexa que (i) contém um elemento que etiqueta um táxon imediatamente superordenado para a forma em questão e (ii) ocorre em um conjunto de contraste cujos membros também são etiquetados por lexemas secundários que compartilham o mesmo elemento superordenado. Por exemplo, em *jack oak*, *oak* rotula um táxon que é seu superordenado imediato, carvalho [*oak*], e ocorre em conjunto de contraste com os membros também rotulados por lexemas secundários que incluem um elemento que rotula o táxon *oak* (como *post oak*, *scrub oak*, *blue oak*, etc.).

Em Juruna, como vimos, há a ocorrência do que é denominado por Berlin et al. (1973) de lexemas primários simples e lexemas primários não-produtivos, em que a categoria superordenada não está presente, como no que denominamos palavras simples e compostos exocêntricos. Os lexemas secundários também são recorrentes e correspondem ao que nós denominamos compostos atributivos. Entretanto, manteremos a classificação dos nomes para aves proposta na seção 6, por ela permitir uma análise linguística mais detalhada.

Berlin et al. (1973, p.214-216) ressaltam que em todas as línguas é possível isolar os agrupamentos linguisticamente reconhecidos de organismos de diferentes

graus de inclusão. Essas classes são denominadas táxons e podem ser ilustradas pelos agrupamentos de organismos indicados por nomes como planta, embaúba, ave, pica-pau, pica-pau-de-cabeça-vermelha, etc.

Os táxons (descontinuidades biológicas) são agrupados em categorias por traços similares. De acordo com os autores, essas categorias são definíveis por meio de critérios linguísticos e taxonômicos. Elas são organizadas de maneira hierárquica e os táxons de qualquer nível são mutuamente exclusivos. Os autores propõem cinco categorias:

(0) Iniciador único: nível mais alto da hierarquia biológica. De acordo com os autores, é muito comum que o táxon encontrado como um membro da categoria iniciador único não seja rotulado linguisticamente por uma expressão habitual única. Isto é, o mais abrangente táxon, por exemplo, “planta” ou “animal”, raramente é nomeado.

(1) Forma de vida: a maioria das línguas tem esse nível de classificação e, normalmente, elas são pouco numerosas (de 5 a 10). São reconhecidas linguisticamente por lexemas primários (nomes simples), como ave, árvore, peixe, cobra, inseto.

(2) Gênero: em uma língua, a maioria do léxico classificatório pertence a esse nível (são, entretanto, finitos, podendo chegar a 500 classes). Também a maioria do léxico de uma língua pode se ajustar em uma ou duas categorias de formas de vida. Esse pode ser o nível mais baixo de alguns táxons. É também o nível em que as crianças apreendem o mundo natural. Normalmente o nível genérico pode ser distinguido por lexemas primários: tucano, onça, palmeira, besouro, abelha, pinheiro. A maior parte dos táxons genéricos é imediatamente incluída em um dos táxons forma de vida.

(3) Espécie: léxico menos numeroso do que o do nível genérico. Caso esse nível exista, provavelmente o organismo em questão tem muita relevância cultural para a comunidade. É o nível distinguido por lexemas secundários: *white oak*.

(4) Variedade: nível raro, usado somente para espécies extremamente importantes na cosmologia do grupo. É caracterizado por lexemas secundários: *swamp white oak*.

Ainda de acordo com Berlin et al. (1973), táxons da mesma categoria etnobiológica normalmente ocorrem ao mesmo nível taxonômico. As formas de vida,

por exemplo, normalmente ocorrem no nível 1, enquanto os gêneros ocorrem no nível 2, mas também às vezes podem ocorrer no nível 1.

Abaixo apresentamos a relação esquemática das cinco categorias taxonômicas etnobiológicas consideradas universais por Berlin et al. (1973) e seus níveis hierárquicos relativos em uma taxonomia idealizada:

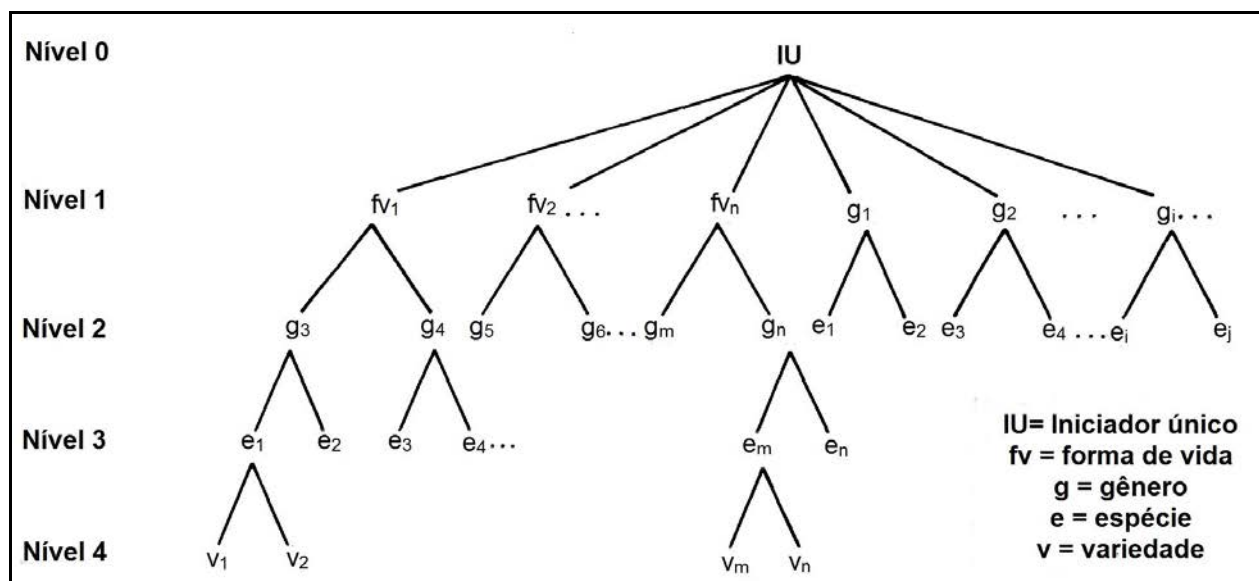


Gráfico 2: Representação das cinco categorias taxonômicas etnobiológicas consideradas universais e seus níveis hierárquicos relativos em uma taxonomia idealizada. Adaptado de Berlin et al. (1973)

Apesar das pesquisas de Berlin et al. (1973) apontarem que dificilmente é encontrado o iniciador único em taxonomias de línguas como as ameríndias, em Juruna, esse nível existe e é designado pela unidade léxica *kania*, 'animal'. Entretanto, essa língua não possui uma palavra simples para designar a forma de vida equivalente a 'Aves', embora os Juruna percebam essa classe como uma descontinuidade biológica. Para se referir aos animais que constituem esse táxon, os Juruna utilizam o composto *kania ipewapewa*, 'animal alado'. Em *kania ipewapewa* estão inclusos todos os animais que possuem a propriedade de voar, como aves, insetos e morcegos. Entretanto, apesar de não possuírem um nome para designar apenas a classe 'Aves', os Juruna diferenciam esses animais de insetos e morcegos pelos seguintes traços:

Tabela 10: Traços semânticos que caracterizam aves, morcegos e insetos em Juruna

Aves	Morcegos	Insetos
[+asa]	[+asa]	[+asa]
[+osso]	[+osso]	[-osso]
[-dente]	[+dente]	[-dente]
[+pena]	[-pena]	[-pena]
[+canto]	[-canto]	[-canto]
[+bico]	[-bico]	[-bico]

Por essas evidências, acreditamos que ‘Aves’ em Juruna seja uma categoria encoberta. Berlin et al. (1973, p. 216) defendem que a nomenclatura relacionada à fauna e à flora é frequentemente um guia para se chegar à estrutura do sistema de classificação de povos tradicionais. Entretanto, ao afirmarem que não há isomorfia entre nomenclatura e classificação, sustentam o argumento de que possam existir táxons que não são nomeados, mas são reconhecidos por todos os membros da comunidade, o que os autores denominam de *covert categories*, ou seja, categorias encobertas. O fato de os Juruna possuírem um vocabulário diversificado para se referir às partes do corpo das aves, por exemplo, corrobora com essa interpretação.

Abaixo, trazemos os gêneros que foram identificados em Juruna e seu correspondente na terminologia científica.

Tabela 12: Nível genérico *aberi* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>aberi</i>	<i>Columbina</i> <i>Leptotila</i> <i>Geotrygon</i>	<i>Columbidae</i>	juriti

Tabela 113: Nível genérico *apika* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>apika</i>	Patagioenas	<i>Columbidae</i>	pomba

Tabela 12: Nível genérico *adura* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>adura</i>	Megaceryle Chloroceryle	Alcedinidae	martim-pescador

Tabela 13: Nível genérico *aurupadaka* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>aurupa adaka</i>	<i>Porphyrio</i>		Frango-d'água-azul
	<i>Jacana</i>	<i>Rallidae</i>	Jaçanã
	<i>Actitis</i>	<i>Jacanidae</i>	Maçarico-pintado
	<i>Himantopus</i>	<i>Scolopacidae</i>	Maçarico-solitário
	<i>Charadrius</i>	<i>Recurvirostridae</i>	Pernilongo
	<i>Tringa</i>	<i>Charadriidae</i>	Batuíra-de-coleira
	<i>Vanellus</i>	<i>Threskiornithidae</i>	Quero-quero
	<i>Theristicus</i>		Batuíra-de-esporão Curicaca

Tabela 14: Nível genérico *ekũ* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>ekũ</i>	<i>Herpetotheres</i>	<i>Falconidae</i>	gavião águia coruja
	<i>Pandion</i>	<i>Pandionidae</i>	
	<i>Cyanocorax</i>	<i>Corvidae</i>	
	<i>Ibycter</i>	<i>Accipitridae</i>	
	<i>Falco</i>		

	<i>Busarellus</i> <i>Micrastur</i> <i>Daptrius</i> <i>Spizaetus</i> <i>Rupornis</i> <i>Elanus</i> <i>Harpia</i> <i>Elanoides</i> <i>Gampsonyx</i> <i>Accipiter</i> <i>Morphnus</i> <i>Glaucidium</i> <i>Megascops</i> <i>Pulsatrix</i>	<i>Strigidae</i>	
--	---	-------------------------	--

Tabela 15: Nível genérico *urũ* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>urũ</i>	<i>Pygochelidon</i> <i>Atticora</i> <i>Tachycineta</i> <i>Progne</i> <i>Chaetura</i> <i>Panyptila</i> <i>Stelgidopteryx</i>	<i>Hirundinidae</i> <i>Apodidae</i>	andorinha andorinhão

Tabela 16: Nível genérico *uxixi* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>uxixi</i>	todas as aves de pequeno porte	<i>Cotingidae</i> <i>Tyrannidae</i> <i>Furnariidae</i> <i>Thraupidae</i>	pássaro

		Emberizidae Galbulidae Bucconidae Pipridae Motacilidae Cuculidae Thamnophilidae Conopophagidae Cotingidae Threskiornithidae Fringillidae Troglodytidae Icteridae Donacobiidae Vireonidae Muscicapidae Turdidae Thraupidae Thamnophilidae Trogonidae Psittacidae	
--	--	--	--

Tabela 17: Nível genérico *ware* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>ware</i>	<i>Dendrocolaptes</i>	<i>Dendrocolaptidae</i> <i>Picidae</i>	arapaçu pica-pau
	<i>Dendrocincla</i>		
	<i>Dendroplex</i>		
	<i>Xiphorhynchus</i>		
	<i>Lepidocolaptes</i>		
	<i>Xiphorhynchus</i>		
	<i>Melanerpes</i>		
	<i>Celeus</i>		
	<i>Dryocopus</i>		
	<i>Campephilus</i>		

Tabela 20: Nível genérico *yadadaĩ* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome Popular
<i>yadadaĩ</i>	<i>Pteroglossus</i> <i>Ramphastos</i>	<i>Ramphastidae</i>	tucano

Tabela 21: Nível genérico *yakurixi* e seus correspondentes na nomenclatura científica

Nome geral em Juruna	Gênero científico	Família científica	Nome popular
<i>yakurixi</i>	<i>Campylopterus</i> <i>Glaucis</i> <i>Threnetes</i> <i>Florisuga</i> <i>Heliothryx</i> <i>Amazilia</i> <i>Anthracothorax</i> <i>Thalurania</i> <i>Eupetomena</i>	<i>Trochilidae</i>	beija-flor

A presença da relação de semelhança entre várias espécies, evidenciada pelo agrupamento classificatório realizado pelos Juruna durante a coleta de pesquisa, atesta que há gêneros que não possuem nomenclatura na língua, apesar de haver espécies incluídas no nível genérico. É o caso, por exemplo, de *warawara*, Arara-azul-grande, *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 1790), *arapa*, Arara-canga, *Ara macao* (Linnaeus, 1758), *txararĩwa*, Arara-canindé, *Ara macao* (Linnaeus, 1758) e *urawĩ*, Arara-vermelha-grande *Ara chloropterus* (Gray, 1859).

Assim como apontado por Riemer (2010, p.149), acreditamos que o modelo estabelecido por Berlin et al. (1973) é problemático por impor uma rigidez taxonômica a aparatos culturais distintos. De acordo com Riemer (2010, p.149), várias pesquisas indicam a existência de classificações independentes, relativamente despreocupadas com sistematizações. Em Juruna, pudemos constatar

menos uma hierarquia hiponímica relacionada às aves, do que uma articulação dos domínios classificatórios por um “ar de família” (SCARPA, p.160).

As espécies do gênero *aurupa adaka* evidenciam uma organização baseada na cosmologia do povo, e não em semelhanças morfológicas entre as aves. Assim, o gênero *aurupa adaka* engloba espécies que são relacionadas a fenômenos meteorológicos, uma vez que elas podem indicar a chegada de forte chuva ou vento.

Já o gênero *uxixi* engloba as aves da Ordem *Passeriforme*, (Linné, 1758), ou seja, aves de porte pequeno. Entretanto, ao utilizar o critério do tamanho, os Juruna incluem, por vezes, uma dada espécie em dois gêneros distintos. A ave denominada *kakĩ pixixĩ*, Cancã, *Cyanocorax cyanopogon* (Wied, 1821) pode estar inclusa tanto no gênero *uxixi*, por ser pequena, quanto no gênero *ekũ*, por sua semelhança morfológica com as espécies desse nível taxonômico e sua relação cosmológica com os Juruna (essa ave coloca em risco *isawĩ*, o princípio vital dos seres, assim como muitas das aves pertencentes a esse gênero).

Como os aparatos propostos por Berlin et al. (1973) não são totalmente aplicáveis ao sistema de classificação juruna, sistematizamos os dados a partir das espécies consideradas prototípicas. Não há uma marca morfológica nos nomes em Juruna para denominar as espécies tidas como verdadeiras. Esse status se define a partir da relação das aves com a mitologia do grupo e das relações que os Juruna estabelecem com esses animais.

De acordo com Scarpa (2010, p.157-198), pode-se incorrer no erro em interpretar inteiramente o sistema classificatório de um determinado povo a partir das categorias codificadas na nomenclatura biológica. Assim como o autor, não descartamos a análise da estrutura linguística em pesquisas sobre sistemas de classificação, mas enfatizamos a necessidade de se considerar simultaneamente nessa análise as funções semânticas da denotação e conotação e a focalização prototípica relacionada, muitas vezes, à cosmologia do grupo.

Para Taylor (1995, p. 59) há duas formas de se compreender o protótipo: i) como um membro central ou grupo de membros centrais de uma determinada categoria, ou como uma representação esquemática do núcleo conceitual de uma categoria, assim o protótipo seria um exemplar virtual, não atualizado. O exemplar, por sua vez, seria uma atualização do protótipo. De acordo com o autor, a segunda perspectiva é a mais adequada pelo fato de que ainda que se considere que o protótipo é um exemplar atualizado, ele depende de uma representação mental para

ser reconhecido, além do fato de que nem sempre o protótipo possui todos os atributos dos membros da categoria a que pertence. Por exemplo, o protótipo da maioria das aves para os Juruna, com exceção apenas do *takũ*, não recebe marca quanto ao sexo da ave, ainda que os exemplares atualizados sejam necessariamente machos ou fêmeas. Identificar o protótipo como uma representação esquemática e não como um exemplar também permite que um membro de uma categoria seja ele mesmo uma categoria, ou seja, ainda que um *teriu* possa ser membro da categoria *UXIXI*, há dentro de *UXIXI* a categoria *TERIU*, a qual pode pertencer um exemplar individual de *teriu*.

Da perspectiva do autor (TAYLOR, 1995), portanto, o pertencimento de uma entidade a determinada categoria depende da sua similaridade com o protótipo. No entanto, a similaridade não é considerada apenas como a posse ou ausência de determinados atributos comuns ao protótipo e à entidade membro da categoria. Isso porque a similaridade é um conceito gradativo, ou seja, a entidade pode ser mais (ou menos) similar ao protótipo. Assim, a categorização é um processo antes de aproximação entre membro da categoria e protótipo do que uma relação de identidade completa. Isso leva a outra conclusão de Taylor a respeito da similaridade e que corresponde ao que encontramos na classificação etnobiológica das aves entre os Juruna. A similaridade, para Taylor, é subjetiva. Desse modo, entram em cena os falantes da língua, com suas experiências, interesses, cosmologia, etc. Nas palavras do autor, “as coisas são similares na medida em que um ser humano, em algum contexto e para algum propósito, escolhe considerá-las similares” (TAYLOR, 1995, p. 60). Portanto, como demonstramos para o caso dos Juruna, a categorização das aves está mais ligada àquilo que eles consideram relevante considerar, uma escolha de critérios de similaridade e de julgamento de pertencimento a categorias relacionadas à sua cosmologia e interesses do que a supostas estruturas universais classificatórias ou propriedades naturais das espécies que classificam. Por exemplo, as aves pertencentes ao gênero etnobiológico juruna *aurupadaka*, ainda que segundo critérios naturais, seja do ponto de vista da ciência ocidental, seja do ponto de vista das regras universais de nomenclatura postuladas por Berlin et al. (1973), tenham pouco em comum, são consideradas aparentadas pelos falantes, por corresponderem a personagens importantes de eventos míticos. Para mencionar mais uma vez Taylor a respeito da similaridade prototípica, “a similaridade, como a beleza, está nos olhos de quem vê” (1995, p. 60).

No apêndice B, apresentamos uma tabela contendo os nomes tidos como prototípicos pelos Juruna, seguidos pelo seu nome popular, sua classificação em Juruna, nomenclatura científica e o vocativo de criação em Juruna, quando houver.

8. Considerações finais

Apresentamos nesta dissertação uma análise do léxico sobre a avifauna em Juruna. Procuramos mostrar como o estudo do léxico biológico permite o conhecimento dos processos de criação de palavras a partir de aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais já existentes na língua.

Discutimos como o trabalho com o léxico biológico exige uma metodologia capaz de ao mesmo tempo seguir os padrões científicos de coleta de dados e tentar compreender um sistema de pensamento muito diferente daquele do pesquisador. O desafio é ainda maior quando a pesquisa se refere a unidades lexicais que correspondem a grande parte das entradas de uma obra lexicográfica de comunidades tradicionais, e exige um trabalho transdisciplinar. Esperamos com essa pesquisa contribuir para esse esforço de desenvolvimento de métodos adequados e para trabalhos futuros. Acreditamos ter atingido todos os objetivos propostos no Projeto de Mestrado. A elaboração dos verbetes não foi possível de ser realizada e essa conclusão se deve ao trabalho cuidadoso de identificação de espécies e compreensão de que o estudo que se desenvolve na interseção entre **língua, mente, mundo e significado**, necessita de uma discussão sobre classificação e a categorização biológica da comunidade em questão.

Riemer (2010, p.103) afirma que apesar das óbvias vantagens de economia de trabalho na descrição semântica, a distinção dicionário-enciclopédia não é aceita por muitos linguistas, uma vez que a fronteira entre o conhecimento do dicionário e o conhecimento enciclopédico parece ser altamente permeável ou mesmo inexistente. Ainda de acordo com o autor, qualquer comparação feita entre dicionários irá revelar que é muito difícil determinar onde a informação deixa de ser parte do significado de uma palavra do dicionário e se torna parte do conhecimento enciclopédico que temos de sua denotação. Isso mostra a importância da criação de um banco de dados a partir das transcrições dos relatos orais coletados com os falantes juruna e dos textos até então produzidos para se pensar sobre a elaboração dos verbetes sobre a avifauna. Composto por textos sobre aves, esse banco de dados tornará possível a criação de uma obra que seja representativa da cultura juruna. Conforme ressaltado por Ferreira Netto (1993, p.302), ao se restringir a definições simples e unívocas, o valor documental da obra lexicográfica também fica restrito. O autor defende que

descrever e documentar uma língua desprovido dos outros dados culturais de seus falantes, pode levar o linguista a reescrever a sua própria língua, tentando adequá-la à nova estrutura que ele procura depreender, ou seja, ele descreve e documenta a tradução da língua indígena e não a língua indígena.

Durante a nossa pesquisa, a proposta de elaboração de verbetes em Juruna que trouxessem apenas os equivalentes de cada item lexical em português e algumas notas antropológicas sobre as aves na cosmologia juruna foi modificada pela proposta de descrever e documentar o mundo de práticas e significados que esses itens lexicais ocupam na cultura e na língua juruna. Como afirma Strathern (1999, p.4, grifos da autora): “Yet it is by contrast with the traveller’s expectations of novelty that immersion yields what is often unlooked-for: it yields precisely the *facility and thus a method* for ‘finding’ the unlooked-for”³⁷.

Ao analisar nossos dados, também percebemos a necessidade de pesquisas a respeito da reduplicação nominal em Juruna, que se mostra bastante produtiva, além da relevância de se compreender a categoria de inalienabilidade e o processo de formação de compostos na língua estudada. Além disso, verificamos que o indicador de posse *maka*, presente em compostos genitivos, pode revelar muito sobre a relação entre língua e cultura no caso dos Juruna, questão fundamental quando se trata do léxico.

Por fim, verificamos que a classificação etnobiológica juruna da avifauna ganha maior inteligibilidade à luz da noção de prototipicidade, que permite que se estude o sistema de nomenclatura juruna do modo como ele funciona, em vez de tentar adaptá-lo a modelos universais que, ainda que auxiliem na comparação com outros sistemas, pode nos fazer perder o que o pensamento dos Juruna tem de próprio.

Durante o Projeto de Doutorado, pretendemos dar maior ênfase à morfologia lexical dos nomes em Juruna, aproveitando a metodologia levantada durante a pesquisa de mestrado e todas as hipóteses que foram apresentadas nesta dissertação. A relevância de um estudo que tenha com ponto de partida o léxico etnobiológico de uma língua indígena é indiscutível, tendo em vista a vulnerabilidade dessas línguas e a importância do registro da biodiversidade da região.

³⁷ “Ainda é por contraste com as expectativas do viajante por novidades que a imersão oferece aquilo que não é procurado: ela oferece justamente a *capacidade, e assim um método*, para se ‘encontrar’ o que não se procurou”.

REFERÊNCIAS

ADALBERTO, Príncipe da Prússia. *Brasil: Amazonas Xingu*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

ALUNOS E PROFESSORES DA COMUNIDADE YUDJA e EQUIPE DO PROGRAMA XINGU/ISA. Projeto político pedagógico da escola estadual indígena de educação básica central Kamadu Povo Yudja. Aldeia Tubatuba/ Parque Indígena do Xingu, 2008.

BARBOSA, Pe. A. L. *Pequeno vocabulário Português-Tupi*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.

BAUMEL, J. J. et al. *Handbook of avian anatomy: nomina anatomica avium*. 2nd ed. Cambridge: Nuttall Ornithological Club, 1993.

BENSA, A. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 39-76

BERLIN, B.; BREEDLOVE, D. E.; RAVEN, P. H. General Principles of classification and Nomenclature in Folk Biology. *American Anthropologist*, v. 75, n. 1, p. 214-242, feb. 1973.

BERTO, F. F.; MONDINI, J. N. Relatório técnico “Expedição ao Baixo Curso do Rio Xingu – Povo Yudjá”, referente ao projeto “Expedições a Sítios Históricos dos Povos Indígenas Panará, Kisêdjê, Kawaiwete e Yudja” (Convênio IPHAN/ISA), 2012. 62 pp.

BRASIL 500 pássaros: comemoração 500 anos do Brasil. Cuiabá: Eletronorte, Eletrobrás, Ministério de Minas e Energia, 2000. 1 CD-ROM.

CANTORAS Juruna. *Fala de gente, fala de bicho. Abĩa ali ma'iyaha: cantigas de ninar do povo juruna*. Direção: Yabaiwa Juruna e Karin Juruna. Registro e Organização: Cristina Martins Fargetti. Aldeia Tubatuba – Parque Indígena do Xingu: Associação Yarika Yu, CAPES, LINBRA, Ministério da Educação, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 2012. 1 CD (46 min 39 s).

CÚNEO, P. Clasificación nominal y formación de palabras en toba (família guaycurú), com especial referencia al léxico etnobiológico. Tesis Doctoral (mención em Lingüística), Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias y Letras, 2012.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

DIENST, S.; FLECK, D. W. Pet Vocatives in Southwestern Amazonia. *Anthropological Linguistics*, Bloomington, v. 51, n. 3/4, p. 209-243, 2009.

FARGETTI, C. M. *Análise Fonológica da Língua Jurúna*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

_____. Céu e terra: relações em um mito juruna. *Impulso*, Piraciba, v. 17, n. 43, p. 105-119, 2006.

_____. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.

_____. (org). *Kanemaĩ 'ahã dju'a papera*: livro de artesanato do povo Juruna (Yudjá). Campinas: Curt Nimuendajú, 2010.

_____. *Nomes em Juruna*: categorias e formação de Palavras. In: Seminário do GEL, 58, 2010, São Carlos. *Programação do 58º seminário do GEL*. São Carlos: GEL, 2010. Disponível em: <http://gel.org.br/resumos_det.php?resumo=6504>. Acesso em 3 nov. 2012.

FARGETTI, C.M.; RODRIGUES, C.L. Consoantes do xipaya e do juruna: uma comparação em busca do proto-sistema. *ALFA (UNESP)*, v. 52, n.2, p. 535-563. 2008. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=8>> Acesso em: set. 2009.

FAUSTO, C. Faire le mythe. Histoire, récit et transformation en Amazonie. *Journal de la société des américanistes*, v. 88, n. 88, p. 69-90, 2002. Disponível em : <<http://jsa.revues.org/index2749.html>> Acesso em: ago. 2012

_____. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-366, 2008.

FERREIRA, M. K. L (Org.). Histórias do Xingu: coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão.

FERREIRA NETTO, W. Lexicografia e documentação de línguas indígenas. In: Estudos Lingüísticos XXII Anais de Seminários do GEL vol.I, Ribeirão Preto, 1993.

FLECK, D. W. Field linguistics meets biology: how to obtain scientific designations for plant and animal names. *Sprachtypologie und Universalienforschung = Language Typology and Universals*, Berlin, n. 60, n. 1, pp. 81-91, 2007.

GILL, F. B. *Ornithology*. Nova York: W.H. Freeman, 2007.

HILDEBRAND, M. *Análise da estrutura dos vertebrados*. Coordenação da tradução Ana Maria Souza Oliveira. São Paulo: Atheneu, 1995.

HINTON, L.; NICHOLS, J.; OHALA, J. (eds.). *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM. (v. 3.0)

HURCH, B. (ed.) *Studies on reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. *Onomatopeyas del euskara: análisis y ejemplos*. [2009]. Disponível em <<http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/lbarretxe-Basque-onomatopoeia-09.pdf>> Acesso em: 5 jan.2012.

INKELAS S.; ZOLL C. *Reduplication: Doubling in Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

INKELAS, S. Morphological Doubling Theory: evidence for morphological doubling in reduplication. In: HURCH, B. (ed.) *Studies on reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 65-88.

Instituto Socioambiental (ISA). *Povos Indígenas do Brasil – Xingu*. 2002. Disponível em: http://img.socioambiental.org/v/publico/xingu/pix_3.jpg.html Consultado em: 3 nov. 2012.

JENSEN, A. *Sistemas indígenas de classificação de aves*. Belém: Museu Goeldi, 1988.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LEA, Vanessa R. *Parque Indígena do Xingu: Laudo antropológico*. Campinas: Unicamp, 1997.

LIEBER R.; ŠTEKAUER P. (eds.) *The Oxford handbook of compounding*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LIMA, S. O. de. *A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, T. S. *A Parte do Cauim: etnografia juruna*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

_____. *Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NuTI, 2005.

_____. Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia juruna. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 43-52, jun., 1999.

Listas das aves do Brasil. 9ª Edição. 18/10/2010. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Disponível em: <http://www.cbro.org.br/CBRO/pdf/avesbrasil_out2010.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2010.

Listas das aves do Brasil. 10ª Edição. 25/01/2011. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Disponível em: <
<http://www.cbro.org.br/CBRO/pdf/AvesBrasil2011.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2010.

LUCAS, A. M., STETTENHEIM, P. R. *Avian Anatomy: Integument*. Agr. Handbook, n. 362. Washington: U.S. Dept. Agric., 1972.

MacBRIDE, E. W.; SHIPLEY, A. E. *Zoology: an elementary text-book*. Fourth Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1920.

MARANTZ, A. Re Reduplication. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 13, n. 3, p. 435-482, 1982.

McFARLAND, C.; SCOTT, David. *Bird feathers: a guide to North American species*. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2010.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

MOSELEY, Christopher (ed.). 2010. *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing. Acesso em: fevereiro de 2013. Disponível em:
<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>

NIMUENDAJÚ, C. 1948. Tribes of the Lower and Middle Xingú River. In: STEWARD, J. H. (ed.). *Handbook of South American Indians*, Vol. 3: The tropical forest tribes. Washington: Smithsonian Institution, 1948. p. 213-243.

NORONHA, José Monteiro de. *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas Colônias do Sertão da Província* (1768). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1768] 2006.

OLIVEIRA, A. E. Os índios juruna do Alto Xingu. *Dédalo*, São Paulo, v. VI, n. 11-12, jun-dez, 1970.

POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; McFARLAND, W. N. *A vida dos vertebrados*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 1999.

RIEMER, N. *Introducing Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

RODRIGUES, A. D. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, [S.l.], n. 19, p. 57-66, dez. 1996.

_____. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 27-47

RODRIGUES, C. L. R. Étude morphosyntaxique de la langue Xipaya (Brésil). Thèse (Doctorat en Linguistique) - U. F. R. Lettres, Arts et Cinéma, Université Paris VII, Paris, 1995.

ROSE, F. Reduplication in Tupi-Guarani languages: going into opposite directions. In: HURCH, B. (ed.) *Studies on reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 351-368.

SAHLINS, M. La pensée bourgeoise: la sociedade occidental como cultura. In: _____. *Cultura e razão prática: contra el utilitarismo en la teoría antropológica*. Barcelona: Gedisa, 1988. p. 166-202

SCARPA, G. Hacia una etnotaxonomía vegetal chorote II: Clasificación de las plantas entre las parcialidades iyojwá'ja y iyowújwa del Chaco argentino. In: MESSINEO, C.; SCARPA, G.; TOLA, F. (eds.), *Léxico y categorización etnobiológica em grupos indígenas Del Gran Chaco*. 1ª ed. Santa Rosa: Universidad Nacional de la Pampa, Facultad de Ciencias Humanas, Instituto de Lingüística, 2010.

SCHMIDT-NIELSEN, K. *Fisiologia animal: adaptação e meio ambiente*. 5ª edição. Tradução Terezinha Oppido; Dra. Carla Finger. São Paulo: Santos, 1999.

SEKI, L. Classe de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá. In: QUEIXALÓS, F. (resp.) *Des noms et des verbes em tupi-guarani: état de la question*. Muenchen: Lincom Europa, 2001. p. 39-66.

_____. *Gramática do Kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

SICK, H. *Ornitologia Brasileira*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

STEINEN, Karl von den. *O Brasil Central: Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1942.

STRATHERN, M. *Property, Substance and Effect: Anthropological Essays on Persons and Things*. London: The Athlone Press, 1999.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in Linguistic Theory*. 2nd ed. New York: Clarendon Press, 1995.

VELOSO, C.; NASCIMENTO, M. A terceira margem do rio. In Veloso, C. *Circuladô Vivo*. [CD]. São Paulo: PolyGram, 1992.

VIDELER, J. J. *Avian flight*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VILLAS BÔAS, C. e VILLAS BÔAS, O. *Xingu: os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2002. p. 347-399

YASUDA, M. *The anatomical atlas of Gallus*. Tokyo: University of Tokyo Press, 2002.

Apêndice A – Nomes em Juruna para partes do corpo das aves

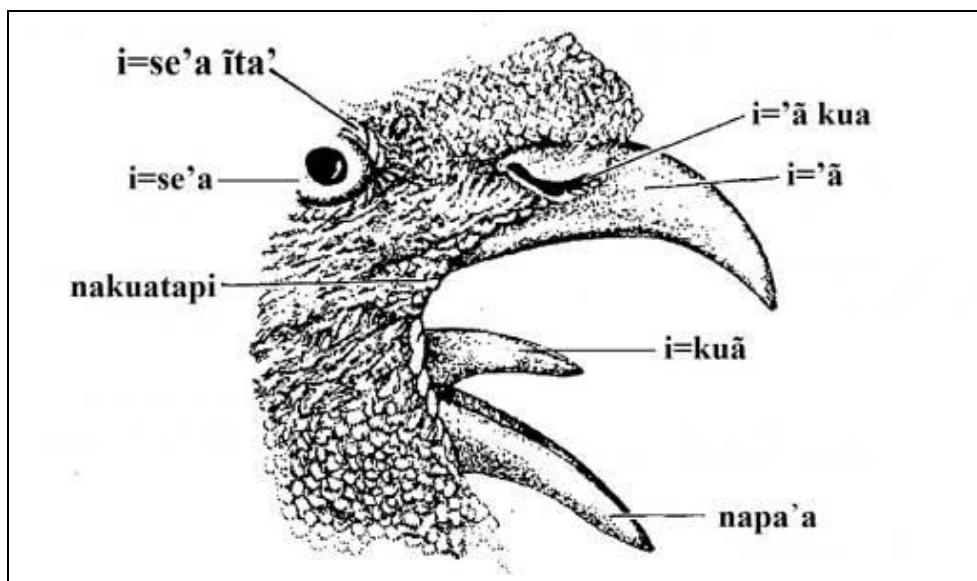


Figura 4: Cabeça de uma galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de LUCAS e STETTENHEIM, 1972 *apud* BAUMEL *et al.*, 1993, p. 15.

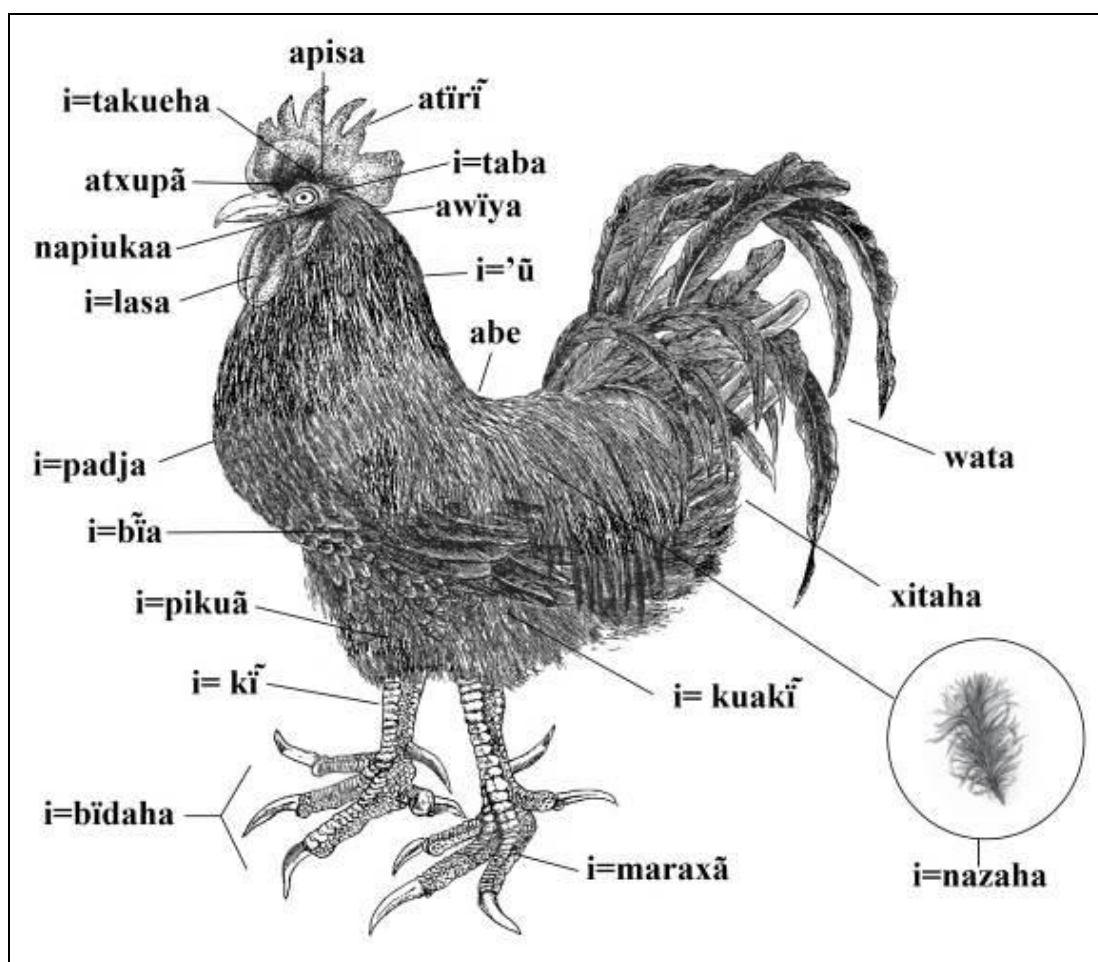


Figura 5: Galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de YASUDA, 2002, p. 7; MacFARLAND e SCOTT, 2010, p.16.

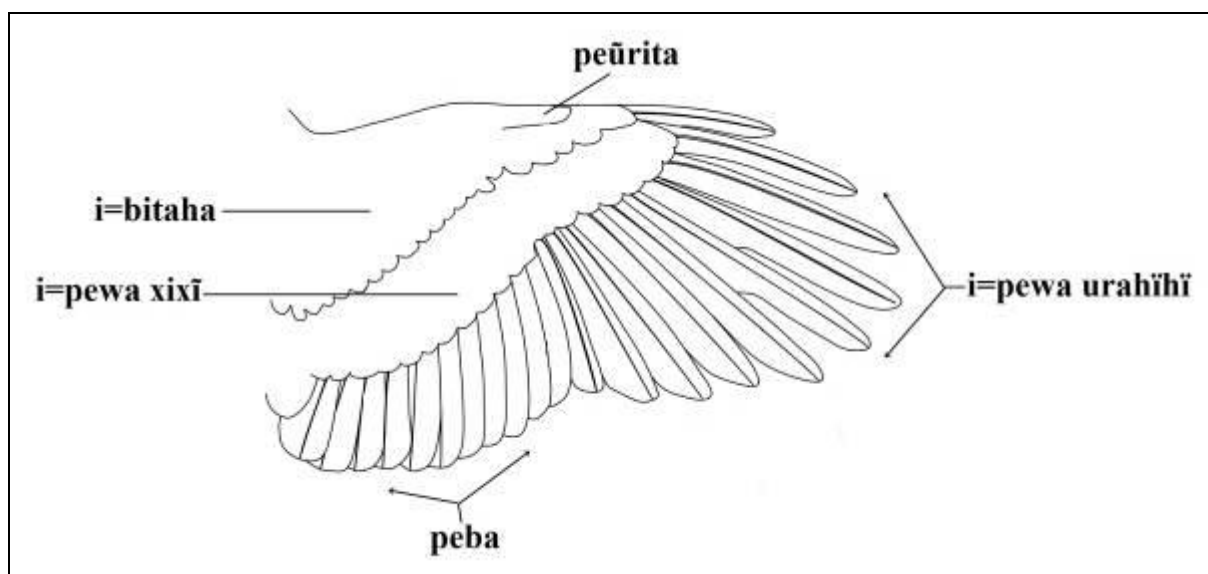


Figura 6: Asa de um Açor, *Accipiter gentilis* (Linnaeus, 1758). Adaptado de VIDELER, 2005, p. 30.

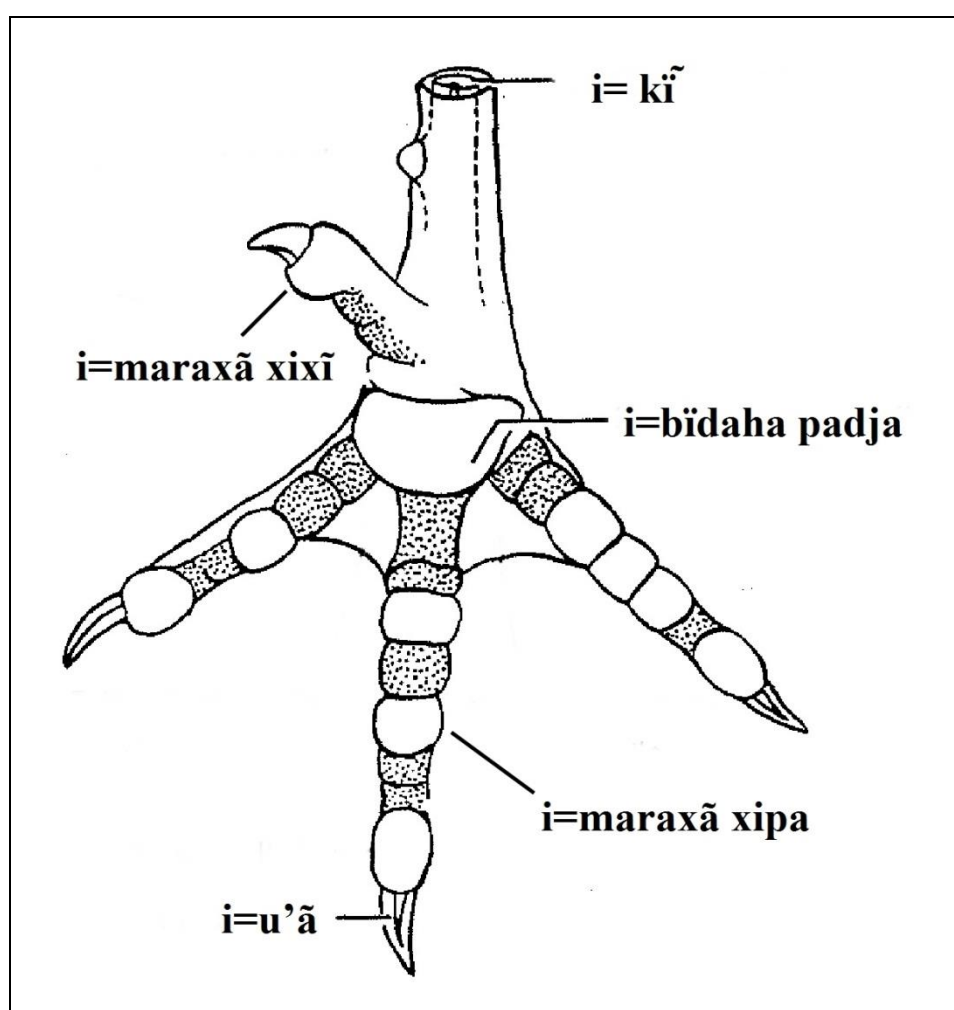


Figura 7: Imagem da planta do pé de um galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de BAUMEL et al., 1993, p. 16.

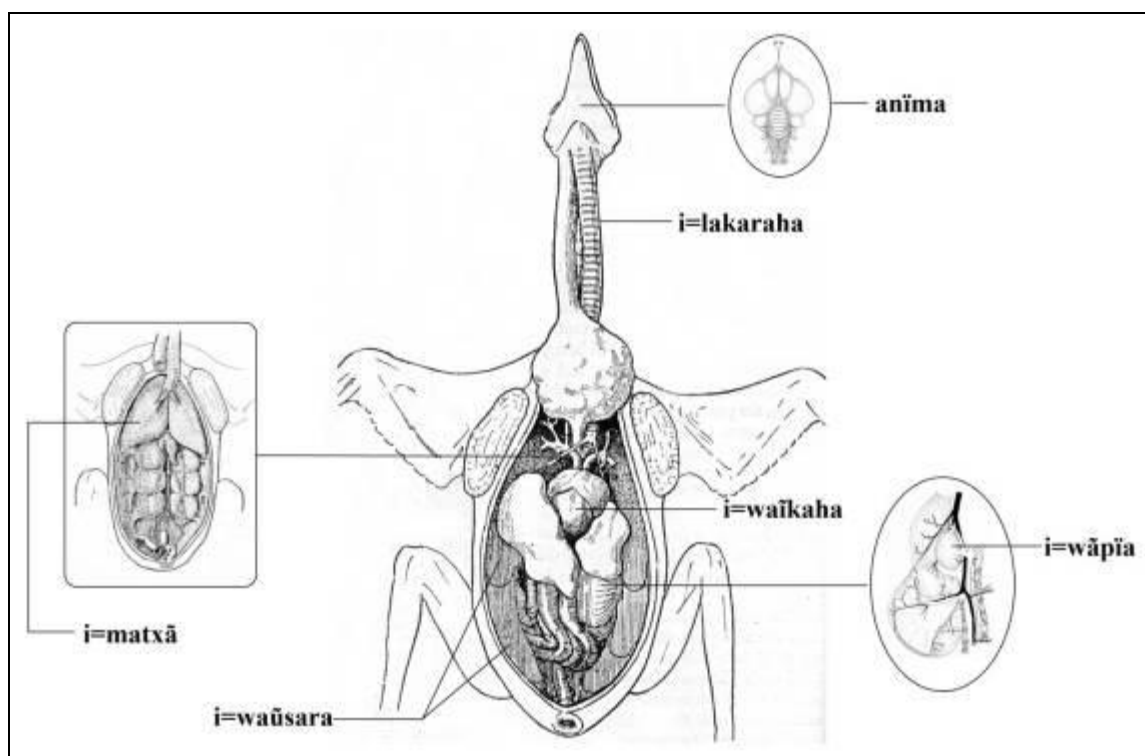


Figura 8: Órgãos internos de um pombo-doméstico, *Columba livia* (Gmelin, 1789). Adaptado de MacBRIDE e SHIPLEY, 1920, p. 622, 626; YASUDA, 2002, p. 300, 339.

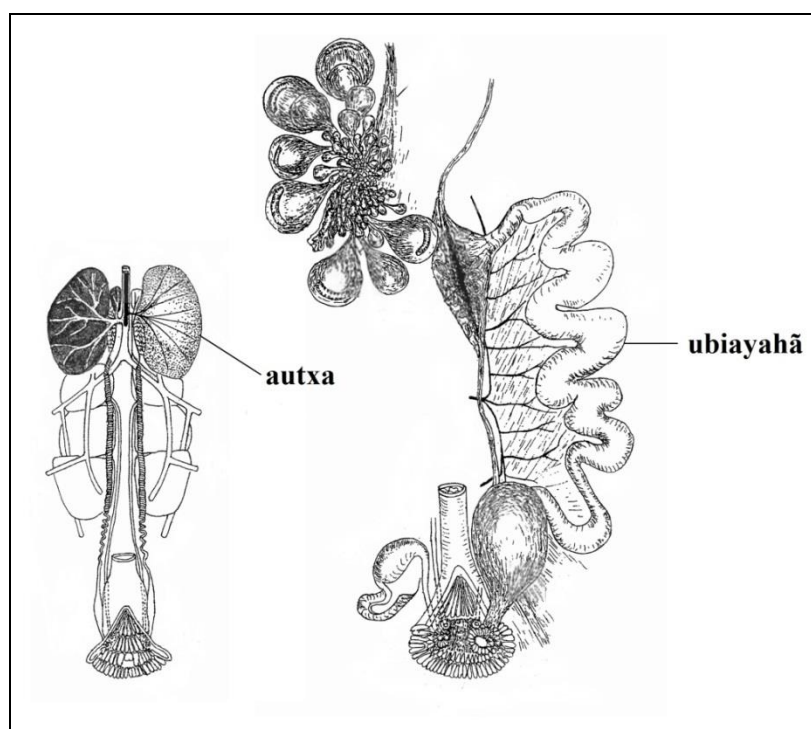


Figura 9: Sistemas genitais masculino e feminino do galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de YASUDA, 2002, p. 309.

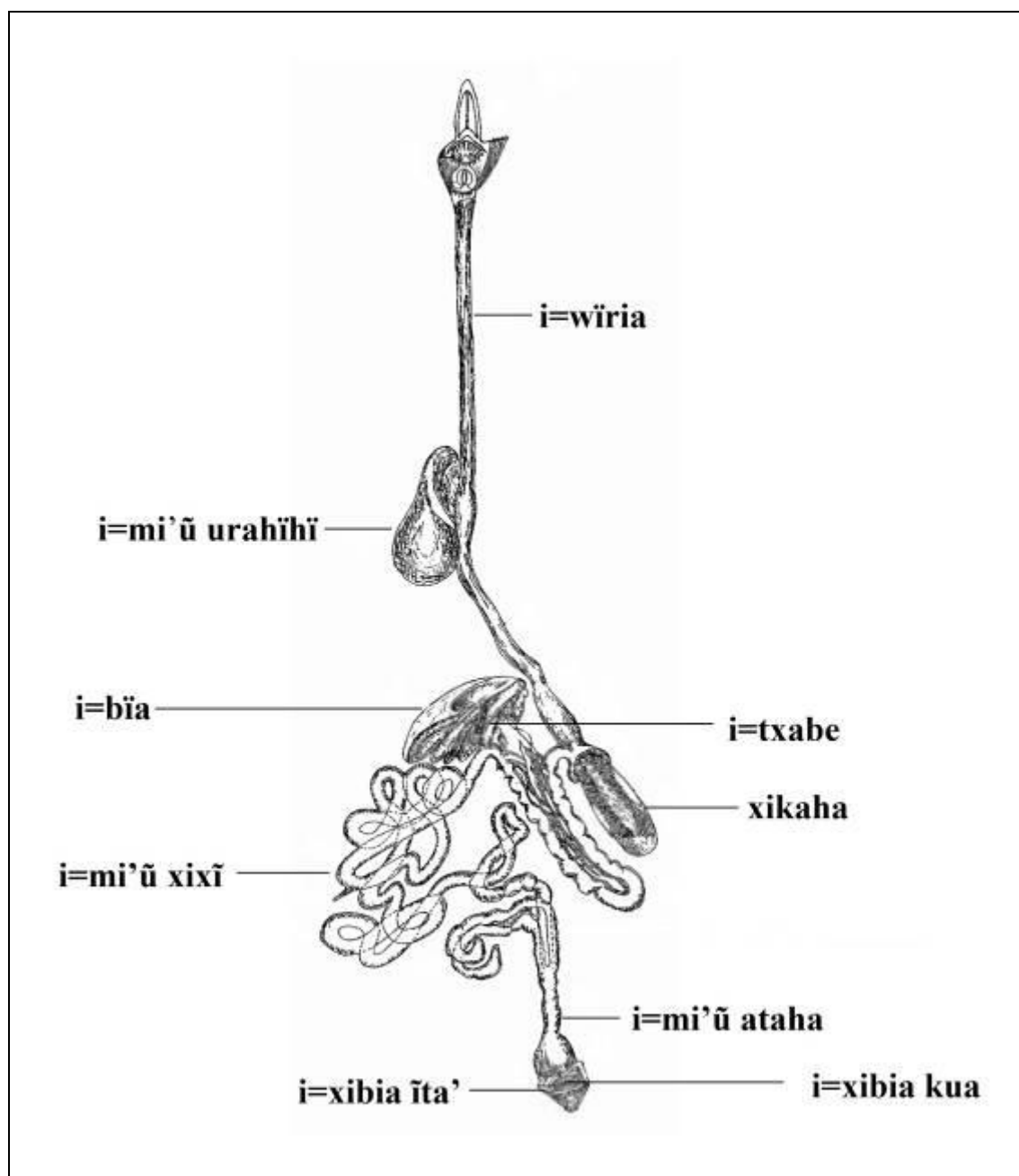


Figura 10: Sistema digestório do galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de YASUDA, 2002, p. 281.

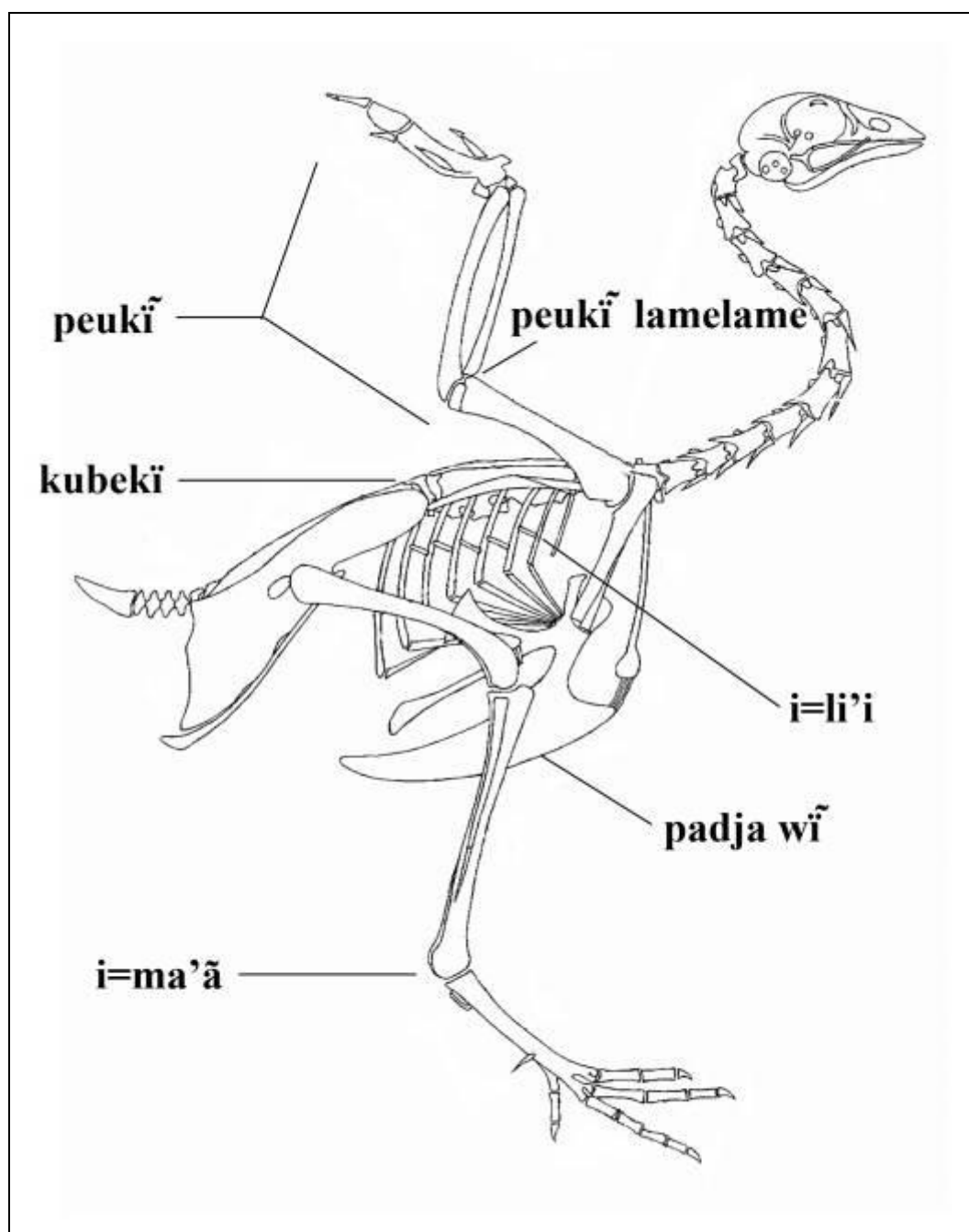


Figura 11: Imagem lateral do esqueleto de um galo doméstico, *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758). Adaptado de YASUDA, 2002, p. 55.

Apêndice B – Nomes de aves prototípicas

Nome em Juruna	Nome popular em português	Nome científico	Nome geral em Juruna	Família	maka (criação)
matxũ	Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	ekũ	<i>Falconidae</i>	-
pakuĩ	Águia-pescadora	<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	ekũ	<i>Pandionidae</i>	-
arakã	Anacã	<i>Derophtus accipitrinus</i> (Linnaeus, 1758)	arakã	<i>Psittacidae</i>	nakũ
txutxura	Anambé-branco-de-bochecha-parda	<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	-
urũ ipewa imakurukuru	Andorinha-de-coleira	<i>Pygochelidon melanoleuca</i> (Wied, 1820)	urũ	<i>Hirundinidae</i>	-
urũ idĩka	Andorinha-de-faixa-branca	<i>Atticora fasciata</i> (Gmelin, 1789)	urũ	<i>Hirundinidae</i>	-
urũ epĩakuaheheyã	Andorinha-doméstica-grande	<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	urũ	<i>Hirundinidae</i>	-
urũ epakuaheheyã	Andorinha-do-rio	<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	urũ	<i>Hirundinidae</i>	-
uru ipewa akãlikãli	Andorinhão-de-sobre-branco	<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	urũ	<i>Apodidae</i>	-
urũ huta	Andorinhão-estofador	<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	urũ	<i>Apodidae</i>	-
urũ epubepubea	Andorinha-serrador	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot,	urũ	<i>Hirundinidae</i>	-

1817)					
aramidaka	Anhuma	<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	aramidaka	<i>Anhimidae</i>	-
maradjadja	Anu-coroca	<i>Crotophaga major</i> (Gmelin, 1788)	maradjadja	<i>Cuculidae</i>	sisĩ
yainã	Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i> (Linnaeus, 1758)	yainã	<i>Cuculidae</i>	yainã
makaxiha	Araçari-de-bico-branco	<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	yadadarĩ	<i>Ramphastidae</i>	makaxiha
tikunũ	Arapaçu-de-bico-branco	<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	ware	<i>Dendrocolaptidae</i>	-
ware	Arapaçu-de-garganta amarela	<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	ware	<i>Dendrocolaptidae</i>	-
ware xixĩ	Arapaçu-de-listras-brancas	<i>Lepidocolaptes albolineatus</i> (Lafresnaye, 1845)	ware	<i>Dendrocolaptidae</i>	-
ware asurirĩ	Arapaçu-de-spix	<i>Xiphorhynchus spixii</i> (Lesson, 1830)	ware	<i>Dendrocolaptidae</i>	-
uxixi kararã xixĩ	Arapaçu-riscado	<i>Xiphorhynchus obsoletus</i> (Lichtenstein, 1820)	ware	<i>Dendrocolaptidae</i>	-
warawara	Arara-azul-grande	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 1790)	warawara	<i>Psittacidae</i>	araruna
arapa	Arara-canga	<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	arapa	<i>Psittacidae</i>	yaraha
txarariwa	Arara-canindé	<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	txarariwa	<i>Psittacidae</i>	awarĩ
urawĩ	Arara-vermelha-grande	<i>Ara chloropterus</i> (Gray, 1859)	urawĩ	<i>Psittacidae</i>	yarapida
mamana urahiĩ	Ariramba-da-copa	<i>Galbula dea</i> (Linnaeus, 1758)	mamana	<i>Galbulidae</i>	mamana

mamana xixĩ	Ariramba-da-mata	<i>Galbula cyanicollis</i> (Cassin, 1851)	mamana	<i>Galbulidae</i>	mamana
adura xixĩ	Arirambinha	<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	adura	<i>Alcedinidae</i>	-
uxixi kararã urahĩĩ	Arredio-do-rio	<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	uxixi	<i>Furnariidae</i>	-
witxitxi	Pipira-vermelha	<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	uxixi	<i>Thraupidae</i>	witxitxi
piza maka	Azulona	<i>Tinamus tao</i> (Temminck, 1815)	piza maka	<i>Tinamidae</i>	-
aku'u ipewapewa	Bacurau	<i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789)	aku'u	<i>Caprimulgiadae</i>	pũ
pukui detxã	Bacurau-cauda-barrada	<i>Hydropsalis leucopyga</i> (Spix, 1825)	aku'u	<i>Caprimulgiadae</i>	pũ
aku'u etahehea	Bacurau-da-praia	<i>Chordeiles rupestres</i> (Spix, 1825)	aku'u	<i>Caprimulgiadae</i>	pũ
aku'u txuĩpĩpĩ	Bacurau-pequeno	<i>Hydropsalis parvulus</i> (Gould, 1837)	aku'u	<i>Caprimulgiadae</i>	pũ
teriu	Baiano	<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	uxixi	<i>Emberizidae</i>	-
yakurixi	Balança-rabo-de-bico-torto	<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
pidupidu xixi	Batuíra-de-coleira	<i>Charadrius collaris</i> (Vieillot, 1818)	aurupadaka	<i>Charadriidae</i>	-
duadua	Batuíra-de-esporão	<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	aurupadaka	<i>Charadriidae</i>	adiwa
yakurixi	Beija-flor-azul-de-rabo-branco	<i>Florisuga mellivora</i> (Linnaeus, 1758)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
yakurixi	Beija-flor-de-bochecha-azul	<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
yakurixi	Beija-flor-de-garganta-verde	<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-

yakurixi ipadja itinikikĩ	Beija-flor-preto	<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
yakurixi	Beija-flor-tesoura-verde	<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
titikĩ	Bem-te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	kuiusi
huribibi ita'ĩĩ	Bem-te-vizinho-de-asa-ferruginea	<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	kuiusi
hurikiki	Bem-te-vizinho-do-brejo	<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	kuiusi
pare'e'ẽ	Benedito-de-testa-vermelha	<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	ware	<i>Picidae</i>	pare'e'ẽ
ayã iwadiwadiã	Bico-chato-de-rabo-vermelho	<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1825)	ayã iwadiwadiã	<i>Tyranninae</i>	-
mamanã	Bico-de-agulha-de-rabo-vermelho	<i>Galbula ruficauda</i> (Cuvier, 1816)	uxixi	<i>Galbulidae</i>	-
yanuĩ	Bico-de-brasa	<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	uxixi	<i>Bucconidae</i>	tikutikũ
patia adaka	Bicudo	<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	uxixi	<i>Emberizidae</i>	-
patxawawa	Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	patxawawa	<i>Phalacrocoracidae</i>	patxawawa
karara	Biguatinga	<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	karara	<i>Anhingidae</i>	kanapi
watxupẽ	Cabeça-branca	<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	uxixi	<i>Pipridae</i>	-
audumaka	Cabeça-de-prata	<i>Lepidothrix iris</i> (Schinz, 1851)	uxixi	<i>Pipridae</i>	audumaka

nunure	Cabeça-seca	<i>Mycteria americana</i> (Linnaeus, 1758)	nunure	<i>Ciconiidae</i>	tarara
kukuya	Caburé	<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	ekũ	<i>Strigidae</i>	-
kakĩ pīxixĩ	Cancã	<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	ekũ	<i>Corvidae</i>	-
kakĩ urahĩhĩ	Cancão	<i>Ibycter americanos</i> (Boddaert, 1783)	ekũ	<i>Falconidae</i>	-
aparu abe itxa iwa	Capitão-de-saíra-amarelo	<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	-
uru'asa	Carão	<i>Aramus guaraúna</i> (Linnaeus, 1766)	uru'asa	<i>Aramidae</i>	-
kahũtxĩ	Cauré	<i>Falco ruficularis</i> (Daudin, 1800)	ekũ	<i>Falconidae</i>	-
xikãxikã	Chincoã	<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Cuculidae</i>	-
xikãxikã xixĩ	Chincoã-pequeno	<i>Coccyzus minuta</i> (Vieillot, 1817)	uxixi	<i>Cuculidae</i>	-
txutxurũ	Choca-d'água	<i>Sakesphorus luctuosus</i> (Lichtenstein, 1823)	uxixi	<i>Thamnophilidae</i>	txutxurũ
laaka maka	Choca-de-olho-vermelho	<i>Thamnophilus schistaceus</i> (d'Orbigny, 1835)	uxixi	<i>Thamnophilidae</i>	-
taxununu xixĩ	Chupa-dente-de-capuz	<i>Conopophaga roberti</i> (Hellmayr, 1905)	uxixi	<i>Conopophagidae</i>	-
kakaya	Cigana	<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	kakaya	<i>Opisthocomidae</i>	-
kurukuru	Cococoró	<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	kurukuru	<i>Threskiornithidae</i>	kurudu

teriu	Coleira-de-garganta-branca	<i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825)	uxixi	<i>Emberizidae</i>	-
tayãbera asurirĩ	Colhereiro	<i>Platalea ajaja</i> (Linnaeus, 1758)	tayãbera	<i>Threskiornithidae</i>	-
huhuru	Corcovado	<i>Odontophorus gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	huhuru	<i>Phasianidae</i>	-
tatarayã	Corta-água	<i>Rynchops niger</i> (Linnaeus, 1758)	tatarayã	<i>Rhynchopidae</i>	piãpiã
kame'amĩ	Corujinha-orelhuda	<i>Megascops watsonii</i> (Cassin, 1849)	ekũ	<i>Strigidae</i>	-
'iitu	Cricrió	<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	uxixi	<i>Cotingidae</i>	-
kukārã	Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	kukārã	<i>Threskiornithidae</i>	kurudu
teriu asurirĩ	Curió	<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	teriu	<i>Emberizidae</i>	-
kamena isamĩ	Enferrujadinho	<i>Neopipo cinnamomea</i> (Lawrence, 1869)	uxixi	<i>Threskiornithidae</i>	-
baxidi	Ferreirinho-estriado	<i>Todirostrum maculatum</i> (Desmarest, 1806)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	-
kuaha maka	Figuinha-de-rabo-castanho	<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	uxixi	<i>Emberizidae/ Subf.: Thraupinae</i>	-
aberi pĩpĩ	Fogo-apagou	<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	aberi	<i>Columbidae</i>	-
xarakũ	Frango-d'água-azul	<i>Porphyrio Martinica</i> (Linnaeus,	aurupadaka	<i>Rallidae</i>	-

1766)					
kuala alaa	Garça-branca-grande	<i>Ardea alba</i> (Linnaeus, 1758)	eta adaka	<i>Ardeidae</i>	-
kaarũ	Garça-da-mata	<i>Agamia agami</i> (Gmelin, 1789)	kaarũ	<i>Ardeidae</i>	-
metĩ	Garça-real	<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	metĩ	<i>Ardeidae</i>	nunu
audu maka	Gaturamo-de-barriga-branca	<i>Euphonia minuta</i> (Cabanis, 1849)	uxixi	<i>Fringillidae</i>	-
uru'aiwaa	Gavião-belo	<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	?
epa maka	Gavião-caburé	<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	ekũ	<i>Falconidae</i>	-
tuwã maka	Gavião-de-anta	<i>Daptrius ater</i> (Vieillot, 1816)	ekũ	<i>Falconidae</i>	kurudu
tawariwari/ tapenua	Gavião-de-penacho	<i>Spizaetus ornatos</i> (Daudin, 1800)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	-
yabe'ĩĩ	Gavião-pegapinto	<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	yabe'ĩĩ
kukula	Gavião-peneira	<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	hihi
uru'aiwaa id'ika	Gavião-preto	<i>Urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	kurukuru	<i>Accipitridae</i>	kurudu
aku'uku'u	Gavião-real	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	aku'uku'u
yawilu	Gavião-tesoura	<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	-
kudakuda	Gaviãozinho	<i>Gampsonyx swainsonii</i> (Vigors, 1825)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	-

aberi	Gemedeira	<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	aberi	<i>Columbidae</i>	uzala imahua
uxixi auahanu	Garrinchão	<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	uxixi	<i>Troglodytidae</i>	-
uru'asa asurirĩ	Guará	<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	uru'asa asurirĩ	<i>Threskiornithidae</i>	-
ilu idĩka	Guaxe	<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Icteridae</i>	-
tadĩka	Inhambu-anhangá	<i>Crypturellus bartletti</i> (Sclater & Salvin, 1873)	tadĩka	<i>Tinamidae</i>	huhũ
udĩ	Inhambu-preto	<i>Crypturellus cinereus</i> (Gmelin, 1789)	udĩ	<i>Tinamidae</i>	-
wĩwĩ	Inhambu-relógio	<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	wĩwĩ	<i>Tinamidae</i>	-
xaa xixĩ	Irerê	<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	balala	<i>Anhimidae</i>	-
yakurewĩ	Jaburu	<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	yakurewĩ	<i>Ciconiidae</i>	tuyuyu
kãyure	Jacamim-de-costas-verdes	<i>Psophia viridis</i> (Spix, 1825)	kãyure	<i>Psophiidae</i>	kãyũ
aurupada adaka	Jaçanã ou Piaçoca	<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	aurupadaka	<i>Jacanidae</i>	-
kaka	Jacupemba	<i>Penelope supercilialis</i> (Temminck, 1815)	tarukawa	<i>Cracidae</i>	kũkũ
tarukawa	Jacutinga	<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	tarukawa	<i>Cracidae</i>	yakupẽ

'e'amĩ maka	Japacanim	<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Donacobiidae</i>	-
ilu	Japiim	<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	uxixi	<i>Icteridae</i>	xiru
huraraku idika	Japu	<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	huraraku	<i>Icteridae</i>	tũ
huraraku	Japu-verde	<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	huraraku	<i>Icteridae</i>	tũ
tikunũ	João-teneném-becuá	<i>Synallaxis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	uxixi	<i>Furnariidae</i>	-
aberi urahihĩ	Juriti	<i>Leptotila verreauxi</i> (Bonaparte, 1855)	aberi	<i>Columbidae</i>	uzala imahua
aberi ka'a iwa	Juriti-piranga	<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	aberi	<i>Columbidae</i>	uzala imahua
aberi asuriri	Juriti-vermelha	<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	aberi	<i>Columbidae</i>	uzala imahua
amana idja	Maçarico-pintado	<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	aurupadaka	<i>Scolopacidae</i>	-
laaka maka	Mãe-de-taoca	<i>Phlegopsis nigromaculata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	laaka maka	<i>Thamnophilidae</i>	-
warawara nanã	Maracanã-de-cabeça-amarela	<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	warawara	<i>Psittacidae</i>	araruna
aparu abe itxa iwa	Maria-cavaleira	<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	-
pĩriri	Marianinha	<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 1820)	uxixi	<i>Psittacidae</i>	kapuha

xikaxikā xixĩ	Marianinha-amarela	<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	xikaxikā	<i>Tyrannidae</i>	-
adura urahĩhĩ/ adura tarara	Martim-pescador-grande	<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	adura	<i>Alcedinidae</i>	tarara
adura bi'ibi'i	Martim-pescador-verde	<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	adura	<i>Alcedinidae</i>	bi'ibi'i
mĩratú (macho) suuruhũ (fêmea)	Mutum-de-penacho	<i>Crax fasciolata</i> (Spix, 1825)	takũ	<i>Cracidae</i>	-
lahu	Mutum-cavalo	<i>Pauxi tuberosa</i> (Spix, 1825)	lahu	<i>Cracidae</i>	yabĩ
huribibi 'ita'ĩĩ	Neinei	<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	titikĩ	<i>Tyrannidae</i>	-
aupa adaka urahĩhĩ	Papagaio-campeiro	<i>Amazona ochrocephala</i> (Gmelin, 1788)	aurupadaka	<i>Psittacidae</i>	-
txuarara	Papagaio-verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	txuarara	<i>Psittacidae</i>	txuruha
yārābe	Pato-do-mato	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	yārābe	<i>Anatidae</i>	yārābe
kārārā	Pavãozinho-do-Pará	<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	kararā	<i>Eurypygidae</i>	xāda
kĩri	Periquito-de-asa-branca	<i>Brotogeris versicolurus</i> (Statius Muller, 1776)	kĩri	<i>Psittacidae</i>	txũ'ĩ
yadũ	Periquito-rei	<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	yadũ	<i>Psittacidae</i>	da'u
pidupidu	Pernilongo	<i>Himantopus melanurus</i> (Vieillot, 1817)	aurupadaka	<i>Recurvirostridae</i>	-
ware kapuhaha	Pica-pau-amarelo	<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	ware	<i>Picidae</i>	-

ware atxupã asurirĩ	Pica-pau-de-banda-branca	<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	ware	<i>Picidae</i>	-
ware urahĩhĩ atxupã asurirĩ	Pica-pau-de-barriga-vermelha	<i>Campephilus rubricollis</i> (Boddaert, 1783)	ware	<i>Picidae</i>	-
ware kapuhaha	Pica-pau-louro	<i>Celeus lugubris</i> (Malherbe, 1851)	ware	<i>Picidae</i>	-
ware urahĩhĩ	Pica-pau-de-topete-vermelho	<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	ware	<i>Picidae</i>	-
aparu abe itxa iwaa	Pitiguari	<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	uxixi	<i>Vireonidae</i>	-
waapa kaaka	Pomba-amargosa	<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	apĩka	<i>Columbidae</i>	-
apĩka xĩxĩ	Pomba-galega	<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	apĩka	<i>Columbidae</i>	pĩda
apĩka urahĩhĩ	Pomba-trocal	<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	apĩka	<i>Columbidae</i>	pĩda
txakĩtxakĩ	Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	aurupadaka	<i>Charadriidae</i>	-
wapã dedẽ	Rapazinho-estriado	<i>Nystalus striolatus</i> (Pelzeln, 1856)	uxixi	<i>Bucconidae</i>	-
aberi pĩpĩ	Rolinha	<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	aberi	<i>Columbidae</i>	-
turuxari	Sabiá-coleira	<i>Turdus albicollis</i> (Vieillot, 1818)	uxixi	<i>Muscicapidae/ Subf.: Turdinae</i>	-
turuxari ewaa heheya	Sabiá-da-mata	<i>Turdus fumigatus</i> (Lichtenstein, 1823)	uxixi	<i>Turdidae</i>	-

turuxari tawa iwa	Sabiá-laranjeira	<i>Turdus rufiventris</i> (Vieillot, 1818)	uxixi	<i>Turdidae</i>	-
tximina	Saci	<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Cuculidae</i>	-
urita xixĩ	Sai-andorinha	<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	uxixi	<i>Thraupidae</i>	-
awara adaka nanã	Sanhaço-da-Amazônia	<i>Tangara episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Thraupidae</i>	-
xarakũ	Saracura-três-potes	<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	xarakũ	<i>Rallidae</i>	-
kuadĩ maka	Saurá	<i>Phoenicircus carnifex</i> (Linnaeus, 1758)	uxixi	<i>Cotingidae</i>	-
ewaa adaka	Seriema	<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	ewaa adaka	<i>Cariamidae</i>	-
ewade'a	Siricora-mirim	<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	xarakũ/uxixi	<i>Rallidae</i>	-
xuruku	Socó-boi	<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	xuruku	<i>Ardeidae</i>	-
kaukau	Socó-grande	<i>Ardea cocoi</i> (Linnaeus, 1766)	kaukau	<i>Ardeidae</i>	ka'u
ture	Socó-ziguezague	<i>Zebrilus undulatus</i> (Gmelin, 1789)	ture	<i>Ardeidae</i>	tu
xãxã	Socozinho	<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	xaxã	<i>Ardeidae</i>	yarabi
apĩ maka	Solta-asa	<i>Hypocnemoides maculicauda</i> (Pelzeln, 1868)	uxixi	<i>Thamnophilidae</i>	-
kukula	Sovi	<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	kukula	<i>Accipitridae</i>	hihi
pakurukuru	Surucuá-de-cauda-preta	<i>Trogon melanurus</i> (Swainson, 1838)	uxixi	<i>Trogonidae</i>	-

pakurukuru ipadja yupĩpĩ	Surucuá-grande-de- barriga-amarela	<i>Trogon viridis</i> (Linnaeus, 1766)	uxixi	<i>Trogonidae</i>	-
epa maka urahĩhĩ	Tauató-pintado	<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	ekũ	<i>Accipitridae</i>	-
patia adaka	Tempera-viola	<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	uxixi	<i>Thraupidae</i>	-
yakurixi akĩlakĩla	Tesoura-de-fronte-violeta	<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
yakurixi	Tesourão	<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	yakurixi	<i>Trochilidae</i>	-
txukaya isamĩ	Tesourinha	<i>Tyrannus savana</i> (Vieillot, 1808)	uxixi	<i>Tyrannidae</i>	-
pakuĩ txiatxia	Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	uxixi	<i>Emberizidae/ Subf.: Emberizinae</i>	-
iipĩ	Tiriba-de-testa-azul	<i>Pyrrhura picta</i> (Statius Muller, 1776)	uxixi	<i>Psittacidae</i>	yadĩka
tarukawa maka	Tovaquinha	<i>Dichrozona cincta</i> (Pelzelin, 1868)	uxixi	<i>Thamnophilidae</i>	-
tininikũ	Trinta-réis-anão	<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	tininikũ	<i>Sternidae</i>	txikiri
alã	Trinta-réis-grande	<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	alã	<i>Sternidae</i>	piwĩ
kiakĩa	Tucano-de-bico-preto	<i>Ramphastos vitellinus</i> (Lichtenstein, 1823)	yadadarĩ	<i>Ramphastidae</i>	-
yadadarĩ urahĩhĩ	Tucano-grande-de-papo- branco	<i>Ramphastos tucanus</i> (Linnaeus, 1758)	yadadarĩ	<i>Ramphastidae</i>	-
arakadua	Udu-de-coroa-azul	<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	arakadua	<i>Momotidae</i>	suru

huriku	Uiraçu-falso	<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	ekū	<i>Accipitridae</i>	-
pitxupitxū	Uirapuru-veado	<i>Microcerculus marginatus</i> (Sclater, 1855)	uxixi	<i>Troglodytidae</i>	-
kuadĩ maka	Uirapuru-vermelho	<i>Pipra aureola</i> (Linnaeus, 1758)	uxixi	<i>Pipridae</i>	-
xaapĩ	Uirapuruzinho	<i>Tyranneutes stolzmanni</i> (Hellmayr, 1906)	uxixi	<i>Pipridae</i>	-
urukurẽ	Urubu-rei	<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	uuhu	<i>Cathartidae</i>	-
tapera	Urubuzinho	<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	uxixi	<i>Bucconidae</i>	-
marakuãkuã	Urutau	<i>Nyctibius griséus</i> (Gmelin, 1789)	marakuãkuã	<i>Nyctibiidae</i>	-
zarakĩ	Curica	<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	zarakĩ	<i>Psittacidae</i>	zarakĩ
waka isamĩ	Murucututu	<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	ekū	<i>Strigidae</i>	-
karayaraya	Periquitão-maracanã	<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	karayaraya	<i>Psittacidae</i>	-
unã adaka	Urubu-de-cabeça-vermelha	<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	uuhu	<i>Cathartidae</i>	-

ANEXO A – Mapa do PIX



ANEXO B – Fotos do trabalho de campo realizado na aldeia Tubatuba³⁸

Foto 3: Aldeia Tubatuba vista do rio Xingu (2012).



Foto 4: Vista da aldeia Maitxiri, com o seu pequiá (*Caryocar villosum*, Pers., 1806) (2008).

³⁸ Todas as fotos são de nossa autoria, exceto quando indicado o contrário.



Foto 4: Os Juruna da aldeia Tubatuba/ Maitxiri se despedem da nossa equipe (2011).



Foto 5: Primeiro trabalho de coleta de nomes para aves. Foto por Cristina M. Fargetti (2008)³⁹.

³⁹ Solicitamos a autorização dos Juruna para a publicação dessa foto em especial, uma vez que nela está presente um importante líder, falecido em 2011.



Foto 6: Trabalho desenvolvido junto a Tarinu Juruna, utilizando as fichas de identificação. Foto por Juliana N. Mondini, (2011).



Foto 7: Tawaiaku Juruna, desenhista e professor que nos auxilia na transcrição dos dados, tocando para o seu filho no refeitório da aldeia, (2012).



Foto 8: Anta abatida por Tahurimã Juruna em uma de nossas incursões à mata, (2009).



Foto 9: Cerâmica zoomórfica produzida pelas mulheres Juruna. Foto por Cristina M. Fargetti, (2008).



Foto 10: Criança com o seu animal de estimação: **kirikiri**, Periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*, Vieillot, 1818). Foto por Cristina M. Fargetti, (2008).



Foto 11: Ave criada por Kuxinalu Juruna: **meti**, Garça-real (*Pilherodius pileatus*, Boddaert, 1783). Seu vocativo de criação é **nunu**, (2011).



Foto 12: Filho de Tarinu utilizando o cocar de urubu confeccionado pelo pai, (2011).



Foto 13: Criança utilizando colar confeccionado com a traquéia de **xuruku** (Socó-boi, *Tigrisoma lineatum*, Boddaert, 1783), (2012).



Foto 14: Criança com seu animal de estimação: **aupa adaka**, Papagaio-campeiro (*Amazona ochrocephala*, Gmelin, 1788), (2012).



Foto 15: Criança com sua ave de estimação: **zara ã**, Curica (*Amazona amazonica*, Linnaeus, 1766), (2012).



Foto 16: Xotã preparando o **lahu**, mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*, Spix, 1825), que havia sido caçado pelos homens. Acampamento no Pará, (2012).



Foto 17: Criança juruna exibindo uma pena de **lahu**, utilizada para a confecção de flechas, (2012).



Foto 18: Professores e alunos juruna que participaram das oficinas realizadas em 2011. Foto por Bruna Epiphany, (2011).

ANEXO C – Desenho da aldeia dos urubus

Desenho 1: *Aldeia dos urubus*. [Tarinu Juruna, giz de cera, 210 x 297 mm, 2012.